

PNE 2025 – Análise por Estados

Resultados obtidos e analisados da Pesquisa Nacional Espírita - 2025, edição 11ª.



Utilizado o apoio da Inteligência Artificial ChatGPT 4.5,
para análise das tabelas mais complexas e cruzamento de dados.

Ivan Franzolim

Introdução

Este relatório apresenta uma leitura analítica dos dados coletados na Pesquisa Nacional Espírita 2025 (PNE 2025), com recorte especial para os estados de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Minas Gerais (MG), Bahia (BA), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Espírito Santo (ES), Goiás (GO) e o Distrito Federal (DF). A escolha por esses nove territórios deve-se exclusivamente ao maior volume de respostas obtidas, o que permite uma base estatística mais robusta para comparações significativas.

A separação por estados — ao lado de uma média nacional (BR) e da média geral dos participantes (Part.) — permite perceber com mais clareza os padrões, desafios e singularidades de cada região. Essa abordagem revela tendências regionais e comportamentos específicos que, se analisados com atenção, favorecem o planejamento de ações mais eficazes por parte de dirigentes, trabalhadores e instituições do movimento espírita local e nacional.

A análise comparativa também facilita a identificação de áreas que precisam de fortalecimento, bem como boas práticas que podem ser compartilhadas entre os estados. Por meio da observação dos indicadores regionais, é possível desenvolver propostas realistas e contextualizadas, seja para modernização das práticas, acolhimento de novos públicos ou aprimoramento do trabalho voluntário.

É importante destacar que, embora outros estados também tenham contribuído com respostas importantes para a PNE 2025, a quantidade obtida nesses nove recortes geográficos foi decisiva para que se pudesse realizar esta análise com consistência e validade comparativa. Dessa forma, este relatório não tem por objetivo representar a totalidade do país de forma uniforme, mas oferecer um panorama aprofundado com base na expressividade dos dados disponíveis.

Ao revelar contrastes e convergências entre esses estados e o cenário nacional, este estudo busca contribuir com subsídios concretos para reflexões, decisões estratégicas e novos projetos para o presente e o futuro do movimento espírita brasileiro.

Alerta: E se nada for feito?

Em um contexto global em que a espiritualidade se reconfigura, o Espiritismo, com sua proposta de fé raciocinada, ciência da alma e ética universal, tem muito a oferecer — mas só poderá fazê-lo bem, se for capaz de se conhecer, se adaptar e se comunicar com clareza e coerência doutrinária.

Essa é a importância desta pesquisa: permitir que dirigentes, trabalhadores e estudiosos do Espiritismo reconheçam padrões, revisem práticas e planejem caminhos, com base em dados reais e não em impressões isoladas.

Caso o movimento espírita permaneça sem refletir e agir a partir desses sinais, algumas tendências preocupantes poderão se consolidar:

- Desmotivação e evasão de trabalhadores, pela sobrecarga e falta de renovação institucional;
- Diminuição de trabalhadores;
- Redução contínua do público nas palestras públicas, especialmente entre jovens e novos frequentadores;
- Desconhecimento doutrinário persistente, inclusive entre médiuns e dirigentes;
- Perda de espaço social e de credibilidade pública, diante de movimentos espiritualistas mais ágeis e comunicativos;
- Fragmentação interna, pela ausência de escuta e de espaços seguros para expressão e construção coletiva.

Oportunidade histórica

Por outro lado, este também é um momento oportuno. Através desta pesquisa, o Espiritismo no Brasil — referência mundial — **pode dar um passo à frente** na transformação de Centros mais acolhedores, estudos mais profundos, práticas mediúnicas mais conscientes e organizações mais humanas e eficazes.

Análise das questões

1. Sexo

1. Sexo	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Feminino	68,1%	69,8%	69,5%	66,5%	72,3%	65,0%	62,2%	64,8%	61,8%	69,3%
Masculino	31,8%	30,0%	30,5%	33,5%	27,7%	34,8%	37,8%	35,2%	38,2%	30,1%
Outros	0,1%	0,2%	0,0%	0,1%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Resultado predominante nacionalmente:

- Feminino: 68,1%
- Masculino: 31,8%
- Outros: 0,1%

Principais diferenças por estado em relação à média nacional (BR):

Presença feminina:

- **Maior participação feminina:**
 - Bahia (BA): 72,3% (+4,2%, pequena diferença)
 - São Paulo (SP): 69,8% (+1,7%, diferença mínima)
- **Menor participação feminina:**
 - Distrito Federal (DF): 61,8% (-6,3%, diferença moderada)
 - Pernambuco (PE): 62,2% (-5,9%, diferença moderada)
 - Espírito Santo (ES): 64,8% (-3,3%, pequena diferença)

Presença masculina:

- **Maior participação masculina:**
 - Distrito Federal (DF): 38,2% (+6,4%, moderada diferença)
 - Pernambuco (PE): 37,8% (+6,0%, moderada diferença)
 - Espírito Santo (ES): 35,2% (+3,4%, pequena diferença)
- **Menor participação masculina:**
 - Bahia (BA): 27,7% (-4,1%, pequena diferença)
 - São Paulo (SP): 30,0% (-1,8%, mínima diferença)

Outros:

- Chama atenção Goiás (GO) com 0,7%, significativamente acima da média nacional, sugerindo maior abertura local ou questão pontual específica que pode ser investigada qualitativamente.

Comentários adicionais:

- O padrão geral nacional de maior presença feminina entre respondentes espíritas se mantém em todos os estados analisados, porém com variações relevantes, especialmente no Distrito Federal e em Pernambuco.
- Esses dois estados (DF e PE), com maior participação masculina, poderiam ser investigados mais a fundo quanto às causas dessa peculiaridade, possivelmente relacionadas a fatores culturais, composição das lideranças espíritas locais ou particularidades das casas espíritas locais.

2. Idade

2. Idade	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
16 a 20	0,6%	0,4%	0,6%	1,2%	1,0%	0,2%	0,5%	1,7%	1,0%	1,0%
21 a 30	3,4%	2,3%	2,2%	4,2%	3,6%	6,3%	4,1%	3,2%	4,0%	6,9%
31 a 40	9,2%	7,1%	7,3%	10,6%	11,7%	13,4%	9,2%	10,8%	8,7%	13,7%
41 a 50	19,7%	18,3%	15,4%	21,5%	25,2%	20,3%	24,5%	18,6%	22,1%	19,6%
51 a 60	29,5%	29,7%	28,7%	30,1%	27,7%	29,6%	31,3%	24,9%	31,0%	29,7%
61 a 70	28,9%	32,2%	34,3%	26,6%	24,2%	23,7%	24,3%	29,3%	23,6%	23,9%
71 a 80	8,2%	9,7%	10,3%	5,6%	5,9%	5,7%	6,1%	10,3%	8,7%	4,9%
Acima de 80	0,5%	0,5%	1,2%	0,2%	0,6%	0,8%	0,0%	1,2%	1,0%	0,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Faixa etária predominante nacionalmente:

- 51 a 60 anos: 29,5%
- 61 a 70 anos: 28,9%

Essas duas faixas respondem por **58,4%** dos espíritas participantes no Brasil.

Principais diferenças por estado em relação à média nacional (BR):

- **Estados com maior concentração de respondentes mais jovens (abaixo de 50 anos):**

Goiás (GO)

- 21 a 30 anos: 6,9% (+3,5%, moderada)
- 31 a 40 anos: 13,7% (+4,5%, pequena a moderada)

Paraíba (PB)

- 21 a 30 anos: 6,3% (+2,9%, pequena)
- 31 a 40 anos: 13,4% (+4,2%, pequena a moderada)

Bahia (BA)

- 41 a 50 anos: 25,2% (+5,5%, pequena a moderada)

Esses estados apresentam uma leve tendência a ter espíritas mais jovens, especialmente Goiás, destacando-se na faixa dos 21 aos 40 anos.

- **Estados com concentração mais elevada de respondentes acima de 60 anos:**

Rio de Janeiro (RJ)

- 61 a 70 anos: 34,3% (+5,4%, pequena a moderada)
- 71 a 80 anos: 10,3% (+2,1%, pequena)

São Paulo (SP)

- 61 a 70 anos: 32,2% (+3,3%, pequena)
- 71 a 80 anos: 9,7% (+1,5%, pequena)

Espírito Santo (ES)

- 71 a 80 anos: 10,3% (+2,1%, pequena)

Esses estados apresentam públicos espíritas com perfil etário mais maduro.

Outras peculiaridades

Espírito Santo (ES) também se destaca com maior presença jovem entre 16 a 20 anos, com 1,7%, o que é consideravelmente superior à média nacional (0,6%).

Rio de Janeiro (RJ) tem o maior percentual acima de 80 anos: 1,2%, muito acima da média nacional (0,5%).

Comentários adicionais:

A faixa predominante (51 a 70 anos) confirma um perfil geral mais maduro dos espíritas que participaram da pesquisa, porém com diferenças importantes entre estados.

Goiás, Paraíba e Bahia parecem estar atraindo ou mantendo um público espírita mais jovem, enquanto estados mais tradicionais, como Rio de Janeiro e São Paulo, mostram-se envelhecidos. Seria interessante investigar posteriormente se isso decorre de fatores locais, como ações específicas de juventude ou estratégias distintas de acolhimento nos Centros Espíritas.

Faixas etárias

Principais Diferenças Estaduais:

Presença de Jovens (16 a 30 anos)

- Destaque positivo (mais jovens):

Goiás (GO): 21 a 30 anos: 6,9% (+3,5% acima da média nacional – moderada diferença)

Paraíba (PB): 21 a 30 anos: 6,3% (+2,9% acima da média – pequena diferença)

Espírito Santo (ES): 16 a 20 anos: 1,7% (+1,1% acima da média – pequena, porém notável)

- Destaque negativo (menos jovens):

(SP) e (RJ) têm menor representação de jovens, especialmente entre 21 e 30 anos:

- SP: 2,3% (-1,1% abaixo da média)
- RJ: 2,2% (-1,2% abaixo da média)

Adultos Jovens e Intermediários (31 a 50 anos)

- Maior presença nessa faixa (destaques positivos):

- Goiás (GO): 31 a 40 anos: 13,7% (+4,5%, pequena a moderada diferença)
- Paraíba (PB): 31 a 40 anos: 13,4% (+4,2%, pequena a moderada diferença)
- Bahia (BA): 41 a 50 anos: 25,2% (+5,5%, moderada diferença)
- Pernambuco (PE): 41 a 50 anos: 24,5% (+4,8%, pequena a moderada diferença)

- Menor presença nessa faixa (destaques negativos):

- Rio de Janeiro (RJ): 41 a 50 anos: 15,4% (-4,3%, pequena a moderada diferença)

Adultos Maduros (51 a 70 anos) – Predominância Nacional

Apesar da grande representatividade nacional (58,4%), há diferenças interessantes:

- Acima da média nessa faixa:

- Distrito Federal (DF): 51 a 60 anos: 31,0% (+1,5% acima da média – pequena)
- Pernambuco (PE): 51 a 60 anos: 31,3% (+1,8% acima da média – pequena)
- Rio de Janeiro (RJ): 61 a 70 anos: 34,3% (+5,4%, moderada diferença)
- São Paulo (SP): 61 a 70 anos: 32,2% (+3,3%, pequena diferença)

- Abaixo da média nessa faixa:

- Bahia (BA): 61 a 70 anos: 24,2% (-4,7%, pequena a moderada)
- Paraíba (PB): 61 a 70 anos: 23,7% (-5,2%, moderada diferença)
- Distrito Federal (DF): 61 a 70 anos: 23,6% (-5,3%, moderada diferença)
- Goiás (GO): 61 a 70 anos: 23,9% (-5,0%, moderada diferença)

Faixas Avançadas (71 anos ou mais)

- Maior representatividade (mais idosos):

- Rio de Janeiro (RJ):

- 71 a 80 anos: 10,3% (+2,1% acima da média nacional – pequena, mas relevante)
- Acima de 80 anos: 1,2% (+0,7% acima da média – relevante)

- São Paulo (SP): 71 a 80 anos: 9,7% (+1,5% – pequena)

- Espírito Santo (ES): 71 a 80 anos: 10,3% (+2,1% – pequena, mas relevante)

- Menor representatividade (menos idosos):

- Goiás (GO): 71 a 80 anos: 4,9% (-3,3%, pequena a moderada diferença)

- Minas Gerais (MG): 71 a 80 anos: 5,6% (-2,6%, pequena diferença)

Pontos Relevantes:

- Estados com perfil claramente mais jovem: Goiás e Paraíba, seguidos pela Bahia.
- Estados com perfil mais maduro: São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.
- Distrito Federal mostra equilíbrio interessante nas faixas maduras e intermediárias, com leve tendência a menor concentração acima de 60 anos.

Sugestões para Análises Futuras:

- Investigar fatores locais que possam explicar a atração de jovens em Goiás, Paraíba e Bahia.
- Compreender por que estados tradicionalmente espíritas como São Paulo e Rio apresentam envelhecimento mais acentuado.
- Avaliar se a estratégia das casas espíritas em SP e RJ precisa ser repensada para atrair jovens e renovar a base de participantes ativos.

Conclusão da Análise

A análise da faixa etária confirma um espiritismo predominantemente maduro no Brasil, porém com nuances regionais importantes. A presença de jovens e adultos mais novos em alguns estados indica possíveis caminhos e exemplos para estratégias nacionais de renovação e continuidade.

Idade Média dos Respondentes (PNE 2025)

PNE 2025	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Respostas PNE 2025	2.151	5.301	1.280	1.112	674	477	444	409	403	306
Idade Média - PNE 2025	55,2	56,8	57,4	53,5	53,0	52,6	53,4	55,3	54,3	51,8

Resultado Nacional (BR):

- Idade média geral no Brasil: 55,2 anos.

Principais Diferenças por Estado:

- Estados com idade média acima da nacional (mais envelhecidos):
 - Rio de Janeiro (RJ): 57,4 anos (+2,2 anos acima da média nacional, diferença moderada)
 - São Paulo (SP): 56,8 anos (+1,6 anos acima, diferença moderada)
 - Espírito Santo (ES): 55,3 anos (+0,1 ano acima, diferença mínima)
 - Distrito Federal (DF): 54,3 anos (-0,9 ano abaixo, ainda próximo à média nacional, mas ainda acima de outros estados mais jovens)

Esses estados refletem um espiritismo com participantes mais maduros, especialmente Rio e São Paulo, que apresentam as médias mais altas, destacando-se claramente no envelhecimento.

- Estados com idade média abaixo da nacional (mais jovens):
 - Goiás (GO): 51,8 anos (-3,4 anos abaixo da média nacional, diferença significativa)
 - Paraíba (PB): 52,6 anos (-2,6 anos abaixo, diferença moderada a significativa)
 - Bahia (BA): 53,0 anos (-2,2 anos abaixo, moderada diferença)
 - Minas Gerais (MG): 53,5 anos (-1,7 anos abaixo, moderada diferença)
 - Pernambuco (PE): 53,4 anos (-1,8 anos abaixo, moderada diferença)

Esses estados apresentam claramente públicos espíritas relativamente mais jovens, com destaque notável para Goiás e Paraíba.

Comentários Complementares:

- São Paulo e Rio de Janeiro, estados com maior número absoluto de respostas, mostram um perfil consideravelmente mais envelhecido. A representatividade desses estados tem influência direta na média nacional.
- Goiás e estados nordestinos (PB, BA, PE) destacam-se por atraírem ou manterem espíritas relativamente mais jovens, podendo servir como referência para estudos qualitativos sobre estratégias de juventude e engajamento de gerações intermediárias.

Sugestões para Análises Futuras:

- Investigar causas do maior envelhecimento no Rio de Janeiro e em São Paulo (questões culturais, estratégias de acolhimento, etc.).
- Avaliar as iniciativas e o contexto dos estados com médias menores (GO, PB, BA) para verificar possíveis boas práticas de renovação geracional.

Conclusão

A análise da idade média confirma o perfil predominantemente maduro do espiritismo brasileiro (55,2 anos), mas revela uma importante diversidade regional, indicando potencial para estratégias específicas de atração e retenção de diferentes faixas etárias.

3. Estado Civil

3. Estado Civil	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Casado(a)	49,6%	52,6%	43,4%	52,7%	41,1%	47,8%	48,9%	49,4%	48,4%	55,9%
Divorciado(a)	12,2%	11,8%	14,5%	12,4%	12,3%	9,2%	13,3%	14,2%	13,6%	12,1%
Separado(a)	2,6%	2,5%	4,0%	2,2%	1,9%	3,6%	3,2%	2,0%	3,2%	1,3%
Solteiro(a)	19,2%	17,5%	17,7%	17,7%	25,1%	23,9%	21,8%	19,3%	18,6%	18,6%
União estável	10,9%	9,6%	13,0%	10,0%	14,4%	10,9%	10,4%	9,0%	10,4%	9,8%
Viúvo(a)	5,5%	5,9%	7,3%	4,9%	5,2%	4,6%	2,5%	6,1%	5,7%	2,3%

Média Nacional (BR):

- Casado(a): 49,6%
- Solteiro(a): 19,2%
- Divorciado(a): 12,2%
- União estável: 10,9%
- Viúvo(a): 5,5%
- Separado(a): 2,6%

Destaques por categoria:

◊ Casado(a)

- **Acima da média (BR = 49,6%):**
 - Goiás (GO): 55,9% (+6,3%) → maior percentual do país
 - Minas Gerais (MG): 52,7% (+3,1%)
 - São Paulo (SP): 52,6% (+3,0%)
- **Abaixo da média:**
 - Bahia (BA): 41,1% (-8,5%)
 - Rio de Janeiro (RJ): 43,4% (-6,2%)

GO, SP e MG mostram forte prevalência do casamento formal; BA e RJ revelam tendência mais baixa, indicando mudanças de perfil familiar ou maior número de solteiros/divorciados.

◊ Solteiro(a)

- **Acima da média (BR = 19,2%):**

- Bahia (BA): 25,1% (+5,9%)
- Paraíba (PB): 23,9% (+4,7%)
- Pernambuco (PE): 21,8% (+2,6%)

- **Abaixo da média:**

- São Paulo (SP): 17,5%
- Minas Gerais (MG): 17,7%
- Distrito Federal (DF): 18,6%
- Goiás (GO): 18,6%

Nordeste se destaca por maior proporção de espíritas solteiros, o que pode indicar maior envolvimento de jovens ou de adultos que postergam o casamento.

◊ **Divorciado(a)**

- **Acima da média (BR = 12,2%):**

- Rio de Janeiro (RJ): 14,5%
- Espírito Santo (ES): 14,2%
- Distrito Federal (DF): 13,6%
- Pernambuco (PE): 13,3%

- **Abaixo da média:**

- Paraíba (PB): 9,2%
- São Paulo (SP): 11,8% (levemente abaixo)

Sudeste e DF com maior número de divorciados pode refletir realidades urbanas, jurídicas e socioculturais com mais divórcios formalizados.

◊ **União Estável**

- **Acima da média (BR = 10,9%):**

- Bahia (BA): 14,4%
- Rio de Janeiro (RJ): 13,0%

- **Abaixo da média:**

- Espírito Santo (ES): 9,0%
- São Paulo (SP): 9,6%

RJ e BA apresentam maior adesão à união estável, possivelmente refletindo padrões de relacionamento mais flexíveis ou menor formalização civil.

◊ **Viúvo(a)**

- **Acima da média (BR = 5,5%):**

- Rio de Janeiro (RJ): 7,3%
- Espírito Santo (ES): 6,1%
- São Paulo (SP): 5,9%

- **Abaixo da média:**

- Pernambuco (PE): 2,5%
- Goiás (GO): 2,3%

RJ e ES concentram mais respondentes viúvos, em linha com a idade média mais alta nessas localidades.

◊ **Separado(a)**

- **Acima da média (BR = 2,6%):**

- Rio de Janeiro (RJ): 4,0%
- Paraíba (PB): 3,6%
- Distrito Federal (DF): 3,2%

- **Abaixo da média:**

- Goiás (GO): 1,3%
- Bahia (BA): 1,9%

Maior percentual de separados no RJ e DF pode estar relacionado a contextos urbanos com maior mobilidade conjugal ou formalização parcial dos vínculos.

Conclusão:

- Perfil mais tradicional (casamento formalizado): Goiás, Minas Gerais e São Paulo
- Perfil mais flexível e jovem (solteiros/união estável): Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro
- Perfil mais urbano e maduro (divorciados e viúvos): Rio de Janeiro, Espírito Santo, DF

A diversidade do estado civil entre os espíritas pode refletir não só variações demográficas, mas também fatores culturais, socioeconômicos e estruturais das regiões.

4. Formação Escolar

4. Formação escolar	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Ensino Fundamental	1,2%	1,4%	1,2%	1,6%	1,6%	2,9%	0,9%	1,5%	0,0%	0,0%
Ensino Médio	18,2%	18,1%	20,2%	22,6%	20,5%	14,5%	18,7%	18,1%	9,9%	17,3%
Ensino Superior	37,7%	43,7%	35,0%	33,4%	32,2%	32,3%	34,7%	35,0%	29,8%	33,0%
Especialização	32,0%	27,8%	31,3%	33,1%	35,8%	34,4%	33,8%	35,2%	42,7%	40,2%
Mestrado	7,3%	6,4%	8,6%	6,3%	7,1%	6,7%	7,7%	5,6%	12,2%	6,9%
Doutorado	2,7%	1,8%	3,0%	1,8%	2,4%	6,9%	3,8%	3,2%	4,0%	2,0%
Pós-doutorado	0,9%	0,8%	0,9%	1,3%	0,4%	2,3%	0,5%	1,5%	1,5%	0,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Média Nacional (BR):

- Ensino Fundamental: 1,2%
- Ensino Médio: 18,2%
- Ensino Superior: 37,7%
- Especialização (pós-graduação lato sensu): 32,0%
- Mestrado: 7,3%
- Doutorado: 2,7%
- Pós-Doutorado: 0,9%

Destaques por nível de escolaridade:

Ensino Fundamental (1,2% BR)

- **Acima da média:**
 - Paraíba (PB): 2,9% (+1,7%)
 - Bahia (BA) / Minas (MG): 1,6% (+0,4%)
- **Zero:** Distrito Federal (DF) e Goiás (GO) – 0,0% → nível mínimo absoluto de baixa escolaridade

PB chama atenção com o dobro da média nacional nesse grupo, o que pode indicar desafios regionais específicos.

Ensino Médio (18,2% BR)

- **Acima da média:**
 - Minas Gerais (MG): 22,6% (+4,4%)
 - Rio de Janeiro (RJ): 20,2% (+2,0%)
 - Bahia (BA): 20,5% (+2,3%)
- **Abaixo da média:**
 - Distrito Federal (DF): 9,9% (-8,3%) → menor do país
 - Paraíba (PB): 14,5% (-3,7%)

Minas, RJ e BA mostram participação significativa de respondentes com formação até o ensino médio; DF se destaca por seu altíssimo nível de escolaridade.

Ensino Superior (sem pós) (37,7% BR)

- **Acima da média:**
 - São Paulo (SP): 43,7% (+6,0%)
- **Abaixo da média:**
 - Distrito Federal (DF): 29,8% (-7,9%)

SP concentra grande número de respondentes com formação universitária, mas sem especialização. DF, curiosamente, tem menos nesse nível porque grande parte já cursou pós-graduação.

Especialização (lato sensu) (32,0% BR)

- **Acima da média:**
 - Distrito Federal (DF): 42,7% (+10,7%)
 - Goiás (GO): 40,2% (+8,2%)
 - Bahia (BA): 35,8% (+3,8%)
 - Paraíba (PB): 34,4% (+2,4%)
- **Abaixo da média:**
 - São Paulo (SP): 27,8% (-4,2%)

DF e GO lideram em qualificação lato sensu. SP, embora com muito ensino superior, tem percentual comparativamente mais baixo de especializações.

Mestrado (7,3% BR)

- **Acima da média:**
 - Distrito Federal (DF): 12,2% (+4,9%)
 - Rio de Janeiro (RJ): 8,6% (+1,3%)
- **Abaixo da média:**
 - Espírito Santo (ES): 5,6%
 - Pernambuco (PE): 7,7% (muito próximo da média)

DF se destaca fortemente com quase o dobro da média nacional em mestrado.

Doutorado (2,7% BR)

- **Acima da média:**
 - Paraíba (PB): 6,9% (+4,2%) → destaque inesperado
 - Distrito Federal (DF): 4,0% (+1,3%)
 - Pernambuco (PE): 3,8% (+1,1%)
- **Abaixo da média:**
 - São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG): 1,8%
 - Goiás (GO): 2,0%

A Paraíba apresenta uma taxa muito alta de doutores, algo que merece estudo qualitativo sobre o perfil da amostra nesse estado.

Pós-Doutorado (0,9% BR)

- **Acima da média:**
 - Paraíba (PB): 2,3% (+1,4%)
 - Distrito Federal (DF) e Espírito Santo (ES): 1,5%

Mais uma vez, PB e DF surpreendem, revelando concentração de alta formação acadêmica.

Conclusão:

Maior escolaridade geral: Distrito Federal (menor percentual de ensino médio e fundamental, e maior em especialização e mestrado).

Alta escolaridade inesperada: Paraíba, com destaque nos níveis de doutorado e pós-doutorado, apesar de ter maior número com apenas ensino fundamental.

Maior prevalência de ensino superior sem pós: São Paulo.

Baixa escolaridade relativa: Minas Gerais, Bahia e PB com mais respondentes com apenas ensino médio.

Resumo final

A PNE 2025 mostra um público espírita nacional com altíssimo nível de escolaridade, com mais de 70% possuindo ensino superior ou mais, muito acima da média nacional brasileira. A variação regional, porém, é expressiva e pode indicar diferentes estratégias de comunicação e formação doutrinária por estado.

5. Ocupação

5. Ocupação	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Aposentado(a)	30,2%	34,1%	34,8%	26,9%	24,8%	22,4%	24,1%	31,8%	31,8%	20,3%
Servidor Público	18,5%	12,1%	18,0%	21,2%	25,8%	32,5%	22,5%	17,8%	24,6%	21,9%
Assalariado registrado	14,2%	15,6%	13,1%	15,2%	13,5%	10,7%	14,6%	10,5%	11,9%	16,3%
Autônomo	10,0%	10,4%	8,9%	9,0%	9,8%	12,6%	9,9%	10,5%	5,7%	12,4%
Empresário com CNPJ	8,9%	10,1%	5,6%	9,6%	9,1%	6,3%	7,0%	9,8%	6,9%	10,1%
Profissional Liberal	7,3%	7,7%	6,7%	7,1%	5,0%	6,1%	7,4%	8,3%	6,5%	8,2%
Do lar/dono(a) de casa	5,2%	5,6%	6,3%	5,4%	4,7%	3,6%	3,8%	5,6%	2,7%	6,2%
Desempregado(a)	2,0%	2,0%	2,0%	1,0%	3,3%	1,5%	3,8%	0,5%	1,5%	1,0%
Estudante	1,8%	1,0%	1,6%	2,3%	2,1%	2,9%	2,3%	3,7%	4,0%	1,6%
Militar	1,3%	0,7%	2,4%	1,7%	0,9%	0,6%	3,2%	1,2%	3,7%	1,6%
Vive de renda	0,8%	0,9%	0,5%	0,5%	1,0%	0,8%	1,4%	0,2%	0,7%	0,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Média Nacional (BR):

- Aposentado(a): 30,2%
- Servidor Público: 18,5%
- Assalariado registrado: 14,2%
- Autônomo: 10,0%
- Empresário com CNPJ: 8,9%
- Profissional Liberal: 7,3%
- Do lar/dono(a) de casa: 5,2%
- Desempregado(a): 2,0%
- Estudante: 1,8%
- Militar: 1,3%
- Vive de renda: 0,8%

Destaques por categoria:

Aposentado(a) (30,2% BR)

- **Acima da média:**
 - Rio de Janeiro (RJ): 34,8%
 - São Paulo (SP): 34,1%
 - Distrito Federal (DF) e Espírito Santo (ES): 31,8%
- **Abaixo da média:**
 - Goiás (GO): 20,3%
 - Paraíba (PB): 22,4%

SP, RJ e DF têm perfis mais envelhecidos e com maior presença de aposentados, coerente com a idade média mais alta desses estados.

Servidor Público (18,5% BR)

- **Acima da média:**

- Paraíba (PB): 32,5% → maior percentual
- Bahia (BA): 25,8%
- Distrito Federal (DF): 24,6%
- Minas Gerais (MG): 21,2%
- Goiás (GO): 21,9%

- **Abaixo da média:**

- São Paulo (SP): 12,1%

PB e DF se destacam, revelando forte vinculação do público espírita local com o serviço público. SP é o oposto.

Assalariado registrado (14,2% BR)

- **Acima da média:**

- Goiás (GO): 16,3%
- São Paulo (SP): 15,6%
- Minas Gerais (MG): 15,2%

- **Abaixo da média:**

- Paraíba (PB): 10,7%
- Distrito Federal (DF): 11,9%

GO e SP têm perfis mais próximos do mercado formal de trabalho.

Autônomo (10,0% BR)

- **Acima da média:**

- Paraíba (PB): 12,6%
- Goiás (GO): 12,4%

- **Abaixo da média:**

- Distrito Federal (DF): 5,7%

PB e GO mostraram maior participação do público autônomo. DF tem perfil mais institucionalizado.

Empresário com CNPJ (8,9% BR)

- **Acima da média:**

- São Paulo (SP): 10,1%
- Goiás (GO): 10,1%
- Minas Gerais (MG): 9,6%

- **Abaixo da média:**

- Paraíba (PB): 6,3%
- Rio de Janeiro (RJ): 5,6%

Perfil empreendedor mais presente em SP, MG e GO.

Profissional Liberal (7,3% BR)

- **Acima da média:**

- Espírito Santo (ES): 8,3%
- Goiás (GO): 8,2%

- **Abaixo da média:**

- Bahia (BA): 5,0%

ES e GO aparecem com público mais qualificado e autônomo, refletindo possível maior escolaridade.

Do lar/dono(a) de casa (5,2% BR)

- **Acima da média:**
 - Rio de Janeiro (RJ): 6,3%
 - São Paulo (SP): 5,6%
- **Abaixo da média:**
 - Distrito Federal (DF): 2,7%

RJ e SP com maior proporção de cuidadores do lar; DF menos dependente desse perfil.

Desempregado(a) (2,0% BR)

- **Acima da média:**
 - Pernambuco (PE): 3,8%
 - Bahia (BA): 3,3%
- **Abaixo da média:**
 - Minas Gerais (MG): 1,0%
 - Espírito Santo (ES): 0,5%

Indicador de alerta: PE e BA apresentam maior vulnerabilidade econômica entre os respondentes.

Estudante (1,8% BR)

- **Acima da média:**
 - Distrito Federal (DF): 4,0%
 - Espírito Santo (ES): 3,7%
 - Paraíba (PB): 2,9%
- **Abaixo da média:**
 - São Paulo (SP): 1,0%

DF e ES revelam presença de públicos mais jovens em processo de formação. SP tem o perfil mais maduro também nesse item.

Militar (1,3% BR)

- **Acima da média:**
 - Distrito Federal (DF): 3,7%
 - Pernambuco (PE): 3,2%
 - Rio de Janeiro (RJ): 2,4%

Maior presença militar no DF e PE provavelmente reflete a estrutura institucional desses locais.

Conclusão:

- Mais aposentados: SP, RJ e DF
- Mais servidores públicos: PB, DF, BA
- Mais estudantes: DF e ES
- Mais desempregados: PE e BA
- Perfil mais ativo no setor privado (empresários, assalariados, autônomos): GO, SP e MG

Destaque geral

O perfil ocupacional do público espírita varia fortemente entre os estados, refletindo o grau de envelhecimento, inserção no setor público, informalidade e escolaridade local. A análise cruzada com os dados de escolaridade e idade oferece excelentes insights sobre o público da Doutrina em diferentes realidades regionais.

6. Renda Mensal Média

6. Renda mensal média	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Até 1 salário-mínimo	7,9%	5,5%	9,6%	8,8%	14,1%	14,9%	12,6%	5,6%	5,2%	10,1%
De 2 a 3 salários-mínimos	26,0%	26,9%	24,2%	32,0%	30,0%	27,9%	23,4%	25,9%	12,4%	20,3%
De 4 a 5 salários-mínimos	22,9%	24,0%	24,5%	22,2%	18,5%	18,2%	22,7%	22,0%	19,1%	24,8%
De 6 a 10 salários-mínimos	21,2%	20,9%	20,5%	20,1%	18,8%	18,2%	21,6%	22,0%	25,8%	22,9%
Acima de 10 salários-mínimos	13,0%	13,0%	12,0%	8,9%	8,9%	11,7%	8,8%	17,6%	29,3%	14,7%
Prefiro não informar	9,0%	9,7%	9,2%	7,9%	9,6%	9,0%	10,8%	6,8%	8,2%	7,2%
Total	100,0%									

Média Nacional (BR):

- Até 1 salário-mínimo: 7,9%
- De 2 a 3 salários-mínimos: 26,0%
- De 4 a 5 salários-mínimos: 22,9%
- De 6 a 10 salários-mínimos: 21,2%
- > de 10 salários-mínimos: 13,0%
- Prefiro não informar: 9,0%

Destaques por faixa de renda:

Até 1 salário-mínimo (7,9% BR)

- **Acima da média (indicador de menor renda):**
 - Paraíba (PB): 14,9% (+7,0%)
 - Bahia (BA): 14,1%
 - Pernambuco (PE): 12,6%
 - Goiás (GO): 10,1%
 - Rio de Janeiro (RJ): 9,6%
- **Abaixo da média (menor vulnerabilidade):**
 - Distrito Federal (DF): 5,2%
 - São Paulo (SP): 5,5%
 - Espírito Santo (ES): 5,6%

PB e BA têm quase o dobro da média nacional nesta faixa, refletindo vulnerabilidade socioeconômica significativa. DF, SP e ES apresentam melhores condições médias.

De 2 a 3 salários-mínimos (26,0% BR)

- **Acima da média:**
 - Minas Gerais (MG): 32,0%
 - Bahia (BA): 30,0%
 - Paraíba (PB): 27,9%
- **Abaixo da média:**
 - Distrito Federal (DF): 12,4% → menor do país
 - Goiás (GO): 20,3%

MG, BA e PB concentram grande parte do público espírita com renda modesta. DF se destaca como um centro de maior poder aquisitivo.

De 4 a 5 salários-mínimos (22,9% BR)

- **Acima da média:**
 - Rio de Janeiro (RJ): 24,5%
 - Goiás (GO): 24,8%
 - São Paulo (SP): 24,0%

- **Abaixo da média:**

- Bahia (BA): 18,5%
- Paraíba (PB): 18,2%

Faixa intermediária de renda. RJ, GO e SP concentram parte importante dos espíritas com esse poder aquisitivo.

De 6 a 10 salários-mínimos (21,2% BR)

- **Acima da média:**

- Distrito Federal (DF): 25,8%
- Goiás (GO): 22,9%
- Espírito Santo (ES): 22,0%

- **Abaixo da média:**

- Paraíba (PB): 18,2%
- Bahia (BA): 18,8%

DF novamente lidera em renda superior. PB e BA mantêm tendência de concentração em faixas mais baixas.

Acima de 10 salários-mínimos (13,0% BR)

- **Acima da média (alta renda):**

- Distrito Federal (DF): 29,3% → mais que o dobro da média nacional
- Espírito Santo (ES): 17,6%
- Goiás (GO): 14,7%

- **Abaixo da média:**

- Bahia (BA) e Minas Gerais (MG): 8,9%
- Pernambuco (PE): 8,8%

DF se destaca como um caso fora da curva, revelando público espírita de renda alta. BA, MG e PE têm baixos percentuais nessa faixa.

Prefiro não informar (9,0% BR)

- **Acima da média:**

- São Paulo (SP): 9,7%
- Bahia (BA): 9,6%
- Pernambuco (PE): 10,8%

- **Abaixo da média:**

- Espírito Santo (ES): 6,8%
- Goiás (GO): 7,2%

Poucas diferenças relevantes, mas Pernambuco apresenta maior tendência a omitir a informação.

Conclusão:

Estados com maior renda declarada: Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás.

Estados com menor renda declarada: Paraíba, Bahia, Pernambuco.

Perfil de classe média predominante: Minas Gerais e São Paulo, com distribuição forte entre 2 e 5 salários-mínimos.

Distrito Federal: Sobressai em todas as faixas de maior renda, mostrando um público mais privilegiado economicamente e escolarizado, em consonância com dados anteriores de escolaridade e ocupação.

Destaque geral:

A PNE 2025 mostra grande disparidade de renda entre os respondentes de diferentes estados. Essa variável, somada a escolaridade e ocupação, é fundamental para entender as possibilidades e barreiras de acesso, estudo e atuação no movimento espírita em cada região.

Os Espíritas nos Censos 2010 e 2022

Segue um resumo dos dados obtidos desses Censos, divulgados pelo IBGE em junho desse ano, relativos ao número de espíritas e ao número de municípios que foram registradas a participação de pessoas que se declaram espíritas.

Foram considerados, para essa análise, o Brasil e os 9 estados com mais de 300 respondentes na PNE 2025:

Análise – Espíritas nos Censos (2010 × 2022)

Espíritas nos Censos	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Censo 2010	2,02%	3,29%	4,05%	2,14%	1,13%	0,62%	1,41%	1,04%	3,50%	2,46%
Censo 2022	1,84%	2,90%	3,53%	2,16%	1,00%	0,64%	1,23%	0,90%	3,27%	2,10%
Diferença	-0,18%	-0,39%	-0,52%	0,02%	-0,13%	0,02%	-0,18%	-0,14%	-0,23%	-0,36%

Variação nacional:

- Brasil:
 - 2010: 2,02%
 - 2022: 1,84%
 - Diferença: -0,18%

A redução nacional de 0,18 pontos percentuais equivale a uma queda relativa de aproximadamente 8,9% na proporção de espíritas autodeclarados.

Destaques por estado:

▼ Estados com maior queda proporcional:

- Rio de Janeiro (RJ): 4,05% → 3,53% (-0,52%). Maior perda proporcional entre os estados analisados.
- São Paulo (SP): 3,29% → 2,90% (-0,39%)
- Goiás (GO): 2,46% → 2,10% (-0,36%)
- Distrito Federal (DF): 3,50% → 3,27% (-0,23%)
- Espírito Santo (ES): 1,04% → 0,90% (-0,14%)
- Pernambuco (PE): 1,41% → 1,23% (-0,18%)
- Bahia (BA): 1,13% → 1,00% (-0,13%)

Esses estados representam os principais polos espíritas do país. A queda geral, mesmo em regiões tradicionalmente fortes, sugere não apenas estagnação, mas perda real de representatividade demográfica.

Estados que apresentaram estabilidade ou leve crescimento:

- Minas Gerais (MG):
 - 2,14% → 2,16% (+0,02%) Único grande estado com ligeiro crescimento.
- Paraíba (PB):
 - 0,62% → 0,64% (+0,02%) Pequeno crescimento, embora em patamar baixo.

Minas Gerais e Paraíba foram exceções positivas, com variação praticamente estável ou discretamente ascendente.

Interpretações e Possíveis Fatores:

Causas possíveis da redução geral:

- Envelhecimento da população espírita (confirmado pela PNE 2025) sem reposição proporcional de jovens.
- Maior identificação com "espiritualidade" sem vínculo religioso – tendência crescente no Censo, diluindo o número de autodeclarados "espíritas".

3. Barreiras de linguagem, formalismo e ritualização – que podem afastar novos adeptos, especialmente os mais jovens ou críticos.
4. Influência de doutrinas ou sincretismos concorrentes – como neopentecostalismo, terapias espiritualistas não religiosas, etc.
5. Falta de visibilidade pública – tema recorrente nas respostas da PNE 2025 sobre divulgação insuficiente da Doutrina.

Considerações Estratégicas:

Rio de Janeiro e São Paulo: perdas expressivas em estados onde o movimento espírita sempre foi forte. Reavaliar estratégias institucionais, comunicação e acolhimento pode ser urgente.

Minas Gerais: estabilidade pode indicar boas práticas locais – vale investigar como estão mantendo a vitalidade do movimento.

Crescimento na Paraíba, ainda que modesto, deve ser observado como possível indício de interiorização ou renovação local.

Conclusão

O Censo 2022 confirma uma tendência de retração do número de espíritas declarados no Brasil, inclusive em centros tradicionais. A PNE 2025 pode, portanto, servir como um instrumento-chave de diagnóstico complementar, identificando causas e sugerindo caminhos para renovação e ampliação da presença espírita no país.

Número de Municípios com Espíritas nos Censos 2010 e 2022

Segue a tabela resumida constando o número de municípios sem a presença de espíritas nos Censos 2010 e 2022. Houve um decréscimo, mas não foi suficiente para influenciar o resultado geral.

Análise – Municípios sem Espíritas Declarados **Comparação Geral:**

Faixa populacional	2010	2022	Variação
Até 9.999 habitantes	907	845	-62
De 10.000 a 19.999	329	164	-165
De 20.000 a 39.999	135	78	-57
Acima de 40.000	17	9	-8
Total	1.388	1.096	-292 (-21%)

Interpretação dos dados:

Avanço positivo:

Houve redução de 292 municípios sem espíritas declarados, o que representa uma queda de 21% no total.

A maior queda proporcional ocorreu nas cidades entre 10 mil e 20 mil habitantes: de 329 para 164 (redução de 50%).

Ponto de atenção:

A maioria absoluta desses municípios ainda está na faixa até 9.999 habitantes: 845 em 2022 (77% do total).

Ainda há 9 cidades com mais de 40 mil habitantes sem nenhuma pessoa declarando-se espírita, o que, embora pouco numeroso, é significativo em termos de invisibilidade doutrinária nessas localidades.

Limitações do impacto:

Apesar da redução no número de municípios sem espíritas, o percentual nacional de espíritas caiu (como vimos anteriormente: de 2,02% para 1,84%).

Ou seja, houve uma melhor distribuição territorial, mas não crescimento proporcional do número total de adeptos. Isso indica que o espiritismo se expandiu geograficamente, porém perdeu densidade nas regiões onde já estava presente.

Considerações estratégicas:

Interiorização real, mas frágil:

- A Doutrina chegou a novos municípios, mas com número pequeno de adeptos. Muitos desses novos registros podem corresponder a apenas uma ou poucas pessoas por cidade.

Potencial para novos núcleos:

- Esses dados indicam possibilidades concretas de atuação missionária e federativa, especialmente em cidades pequenas (até 20 mil hab.), que somam 1.009 dos 1.096 municípios ainda sem espíritas.

Planejamento geográfico do movimento espírita:

- Uma estratégia de expansão organizada poderia priorizar os maiores municípios ainda ausentes (os 9 com mais de 40 mil habitantes) e regiões vizinhas de polos consolidados.

Conclusão

Apesar da redução significativa no número de municípios sem espíritas declarados, o espiritismo brasileiro apresenta um paradoxo: cresce territorialmente, mas perde força proporcional na população geral. A análise territorial é positiva, mas não compensa a queda geral observada na proporção nacional de espíritas no Censo.

Municípios com e sem Espíritas (Censo 2022)

Nesta tabela, Presentes e Ausentes referem-se a municípios com espíritas e sem espíritas. DF como não tem municípios não foi considerado. Ela complementa com precisão a análise anterior ao detalhar a presença e ausência de espíritas por município no Censo 2022, permitindo identificar a capilaridade territorial da Doutrina Espírita.

Municípios Censo 2022	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF*	GO
Total	5.570	645	92	853	417	223	184	78		246
Censo 2022 Presentes	4.474	631	91	743	363	155	162	69		215
Censo 2022 Ausentes	1.096	14	1	110	54	68	22	9	-	31
Censo 2022 Ausentes (%)	19,7%	2,2%	1,1%	12,9%	12,9%	30,5%	12,0%	11,5%	-	12,6%

Visão Geral (Brasil):

- Total de municípios: 5.570
- Municípios com espíritas declarados: 4.474
- Municípios sem espíritas: 1.096
- Proporção de municípios sem espíritas: 19,7%

Em quase 1 em cada 5 municípios brasileiros nenhum habitante se declarou espírita no Censo 2022.

Destaques por Estado:

Maiores percentuais de municípios sem espíritas:

- Paraíba (PB): 30,5% (68 de 223 municípios) → Maior ausência proporcional entre todos os estados analisados.
- Minas Gerais (MG): 12,9% (110 de 853)
- Bahia (BA): 12,9% (54 de 417)
- Goiás (GO): 12,6% (31 de 246)
- Pernambuco (PE): 12,0% (22 de 184)
- Espírito Santo (ES): 11,5% (9 de 78)

Esses estados representam um desafio geográfico para a expansão do espiritismo, mesmo em regiões com alguma tradição doutrinária (como MG e PE). A Paraíba se destaca negativamente.

Menores percentuais de ausência:

- Rio de Janeiro (RJ): 1,1% (apenas 1 de 92 municípios)
- São Paulo (SP): 2,2% (14 de 645)
- Distrito Federal (DF): — (sem municípios, não se aplica)

RJ e SP demonstram altíssimo grau de penetração territorial da Doutrina Espírita, com quase totalidade de seus municípios contendo pelo menos um espírita declarado.

Interpretação Estratégica:

O que os dados sugerem?

1. Capilaridade forte, mas desigual:

Enquanto RJ e SP já têm cobertura quase total, estados como **PB, GO, BA e PE** ainda mostram grandes áreas “em branco”.

2. Desafios nos pequenos municípios:

A maioria dos municípios ausentes tem pequena população, mas isso não deve ser visto como irrelevante. A presença mesmo que mínima (1 ou 2 espíritas) já indica possibilidade de ação futura ou vínculo doutrinário.

3. Necessidade de atuação federativa e missionária:

As federativas estaduais e regionais poderiam usar esses dados para:

- Priorizar visitas e apoio a cidades vizinhas de centros ativos.
- Planejar ações de semeadura doutrinária, presenciais e virtuais.
- Oferecer suporte a pequenos grupos ou simpatizantes isolados.

4. Possível subnotificação:

Em estados com mais restrição cultural ou menos estrutura espírita, parte da população pode seguir a Doutrina sem se identificar formalmente como espírita. Isso sugere a necessidade de melhorar a comunicação e a identidade pública do movimento.

Conclusão

A presença do espiritismo nos municípios brasileiros avançou entre 2010 e 2022, mas ainda faltam espíritas declarados em 1.096 municípios. Estados como PB, BA, MG e GO devem ser foco de políticas de expansão territorial com sustentabilidade doutrinária, enquanto RJ e SP podem atuar como polos de apoio a essas regiões menos assistidas.

Análise – Municípios Participantes da PNE 2025

O alcance territorial da PNE 2025 em relação ao total de municípios do Brasil e de cada estado, permite avaliar a representatividade e a capilaridade da pesquisa.

PNE 2025	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Total Municípios Brasil	5.570	645	91	853	417	223	184	78	35	246
Municípios Presentes PNE 2025	1.073	270	63	170	99	52	32	32	24	45
Municípios Ausentes	4.497	375	28	683	318	171	152	46	11	201
Participação Ausentes (%)	80,7%	58,1%	30,8%	80,1%	76,3%	76,7%	82,6%	59,0%	31,4%	81,7%

DF = No lugar de municípios foram consideradas as Regiões Administrativas

Visão Geral (Brasil):

- Total de municípios (BR): 5.570
- Municípios que participaram da PNE 2025: 1.073
- Municípios ausentes: 4.497
- Participação municipal na pesquisa: 19,3%

- 80,7% dos municípios brasileiros não foram representados na pesquisa. Embora a PNE 2025 tenha alcançado um número expressivo de respostas (mais de 12 mil), ainda há grande concentração geográfica, com muitas áreas do país sem representação.

Destaques por Estado:

Estados com maior cobertura territorial da PNE 2025:

- **Rio de Janeiro (RJ):** 63 de 91 municípios participaram
 - Cobertura: 69,2% (ausência de apenas 30,8%) → Melhor desempenho nacional.
- **Distrito Federal (DF): 24 de 35 Regiões Administrativas participaram**
 - Cobertura: 68,6% (ausência de 31,4%). Excelente resultado, dado o tamanho reduzido da unidade federativa
 - São Paulo (SP): 270 de 645 municípios
 - Cobertura: 41,9% (ausência de 58,1%). Representação significativa, ainda com espaço de expansão.

Estados com menor cobertura territorial:

- **Pernambuco (PE):** Apenas 32 de 184 municípios participaram
 - Cobertura: 17,4% (ausência de 82,6%)
- **Goiás (GO):** 45 de 246 municípios
 - Cobertura: 18,3% (ausência de 81,7%)
- **Minas Gerais (MG):** 170 de 853 municípios
 - Cobertura: 19,9% (ausência de 80,1%)
- **Brasil (geral):** 1.073 de 5.570 municípios
 - Cobertura nacional: 19,3%

Estados com forte tradição espírita (MG, PE, GO) mostraram baixa penetração territorial da pesquisa, o que pode gerar viés amostral, caso a distribuição das respostas fique concentrada em poucos polos urbanos.

Interpretação Estratégica

O que isso revela sobre a PNE 2025?

1. **Ampla distribuição numérica, porém, com baixa capilaridade territorial.**
A pesquisa alcançou cidades maiores e centros espíritas mais organizados, mas não conseguiu chegar a grande parte dos municípios.
2. **Desigualdade regional na participação:**
RJ e DF mostraram forte mobilização local. Já estados com centenas de municípios como MG, GO e PE têm cobertura proporcionalmente baixa.
3. **Risco de concentração de perfil:**
A predominância de respostas vindas de menos de 20% dos municípios pode gerar um retrato mais urbano, mais escolarizado e com maior estrutura institucional do que a realidade média nacional.

Recomendações Futuras:

Ações regionais direcionadas. Envolver federativas e conselhos regionais para ampliar a difusão da pesquisa nos municípios ausentes.

Campanhas de incentivo municipal. Criar metas de participação por município, com divulgação dos resultados parciais como motivação.

Análise cruzada com os dados do Censo. Verificar quantos municípios que possuem espíritas (segundo o Censo 2022) não participaram da PNE 2025 — esse cruzamento pode indicar grandes oportunidades perdidas de captação.

Conclusão:

A PNE 2025 representa um avanço notável em termos de número absoluto de respondentes, mas a análise territorial revela grande concentração geográfica, com pouca penetração em mais de 80% dos municípios brasileiros. Isso oferece um excelente mapa para planejamento estratégico das próximas edições da pesquisa e ações federativas de mobilização doutrinária.

10. Já respondeu a esta pesquisa em anos anteriores?

10. Já respondeu a esta pesquisa em anos anteriores?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	62,9%	63,0%	59,6%	68,7%	62,8%	63,9%	76,4%	45,0%	63,5%	67,3%
Não lembro	14,9%	13,3%	16,3%	15,1%	16,6%	17,8%	10,1%	21,0%	17,9%	14,4%
Sim, duas vezes	2,3%	2,5%	1,8%	1,0%	2,8%	1,9%	1,1%	4,9%	1,7%	1,0%
Sim, pelo menos uma vez	17,4%	18,1%	20,7%	13,8%	15,3%	14,7%	10,4%	24,0%	15,4%	15,4%
Três vezes ou mais	2,6%	3,1%	1,6%	1,4%	2,5%	1,7%	2,0%	5,1%	1,5%	2,0%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Média Nacional (BR):

- Não: 62,9%
- Não lembro: 14,9%
- Sim, pelo menos uma vez: 17,4%
- Sim, duas vezes: 2,3%
- Três vezes ou mais: 2,6%
- Total com histórico de participação (uma vez ou mais): 22,3%

A maior parte dos respondentes está participando pela primeira vez. A taxa de retorno (respondentes recorrentes) é relativamente baixa, mas importante para avaliar o engajamento progressivo com a pesquisa.

Destaques por Estado:

Estados com maior percentual de novos participantes (“Não”)

- Pernambuco (PE): 76,4%
- Minas Gerais (MG): 68,7%
- Goiás (GO): 67,3%

Esses estados demonstram pouca familiaridade prévia com a PNE. Podem representar regiões onde a divulgação recente foi mais eficaz ou onde a pesquisa está chegando pela primeira vez a novos públicos.

Estados com maior fidelidade (já responderam antes):

- **Espírito Santo (ES):**
 - “Sim, pelo menos uma vez”: 24,0%
 - “Sim, três vezes ou mais”: 5,1%
 - → Total recorrentes: 34,0% → maior fidelidade entre os estados
- **Rio de Janeiro (RJ):**
 - “Sim, pelo menos uma vez”: 20,7%
 - → Total recorrentes: 24,1%
- **São Paulo (SP):**
 - Total recorrentes: 23,7%

ES, RJ e SP demonstram nível alto de fidelização. São estados onde a pesquisa é mais conhecida e acompanha públicos engajados ao longo dos anos.

Curiosidade – “Não lembro”

- Espírito Santo (ES): 21,0%
- Distrito Federal (DF): 17,9%
- Paraíba (PB): 17,8%

Esse dado pode indicar certa familiaridade com a pesquisa sem forte vínculo ou clareza. Pode haver necessidade de reforçar a identidade da PNE, lembrando os participantes de suas edições anteriores.

O que os dados indicam?

A pesquisa ainda alcança novos públicos. Em todos os estados, a maioria está participando pela primeira vez.

Fidelidade em crescimento gradual. A presença de 22% de participantes recorrentes em nível nacional é positiva para um esforço não institucionalizado, mas indica que há muito espaço para ampliação da base fiel.

Espírito Santo como referência. O ES se destaca em todas as faixas de recorrência. Pode ser um bom estudo de caso sobre divulgação, envolvimento com lideranças locais ou regularidade do acesso.

Estados com pouca fidelização. PE, MG e GO ainda carecem de consolidação da memória da pesquisa e maior continuidade dos respondentes. São bons alvos para campanhas específicas de fidelização.

Conclusão:

A PNE 2025 mostra que a maioria dos participantes ainda está conhecendo a pesquisa, o que é positivo em termos de expansão. Ao mesmo tempo, o desafio é consolidar essa base para que haja maior recorrência. Estados como ES, RJ e SP indicam que isso é possível com estratégias consistentes de comunicação e mobilização.

11. Por quais canais teve acesso a esta pesquisa?

11. Por quais canais teve acesso a esta pesquisa?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
WhatsApp	77,8%	76,8%	75,9%	83,4%	81,8%	90,8%	82,2%	61,1%	79,7%	81,4%
E-mail	13,6%	12,6%	14,9%	9,3%	10,5%	3,1%	9,2%	20,8%	14,6%	12,7%
Instagram	1,9%	1,1%	0,6%	0,9%	1,6%	1,5%	1,1%	9,3%	1,0%	1,3%
Facebook	1,8%	1,6%	1,3%	1,3%	0,9%	0,4%	0,5%	1,0%	0,7%	1,0%
Centro Espírita	1,8%	2,0%	1,3%	1,0%	1,0%	0,8%	1,8%	1,5%	1,0%	1,0%
Amigos	1,1%	1,6%	1,8%	1,2%	1,0%	0,8%	2,0%	1,0%	0,7%	1,3%
Site ou Blog	0,4%	0,4%	0,4%	0,6%	0,1%	0,4%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%
Live ou Vídeo	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,6%	0,5%	0,2%	0,0%	0,0%
Federativas	0,3%	0,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,2%	0,0%
Não lembro	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%
Telegram	0,1%	0,1%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%
Youtube	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Outros	0,8%	3,2%	3,2%	2,2%	2,8%	1,3%	2,0%	4,4%	1,7%	1,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	3,0%	100,0%	3,2%	100,0%	100,0%	100,0%

Ela é essencial para entender como o público espírita toma conhecimento da pesquisa e, por extensão, como as campanhas de divulgação podem ser otimizadas.

Análise – Canais de Acesso à PNE 2025

Tendência Nacional (BR):

- **WhatsApp:** 77,8% → canal hegemônico
- **E-mail:** 13,6%
- Outros canais: todos abaixo de 2%

A pesquisa é fortemente dependente do WhatsApp como meio de propagação, com e-mail em segundo lugar. Os demais canais somados têm impacto muito limitado no total nacional.

Destaques por canal:

WhatsApp – Principal canal em todos os estados

- **Acima da média (77,8%):**
 - Paraíba (PB): 90,8% → maior dependência
 - Minas Gerais (MG): 83,4%
 - Bahia (BA): 81,8%
 - Pernambuco (PE): 82,2%
 - Goiás (GO): 81,4%
- **Abaixo da média:**
 - Espírito Santo (ES): 61,1%
 - → menor uso proporcional; pode indicar público com mais acesso a outras mídias

O WhatsApp é o meio mais capilar, especialmente no Norte, Nordeste e interior do país. A exceção relativa é o ES, onde há maior diversificação de canais.

E-mail – Segundo canal mais usado

- Acima da média (13,6%):
 - Espírito Santo (ES): 20,8%
 - Distrito Federal (DF): 14,6%
 - Rio de Janeiro (RJ): 14,9%
- **Abaixo da média:**
 - Paraíba (PB): 3,1%
 - Bahia (BA): 10,5%
 - Minas Gerais (MG): 9,3%

E-mail é mais forte onde há maior escolaridade média e perfil profissional institucionalizado (ES, DF, RJ).

Instagram e Facebook – Uso muito baixo no geral

- **Instagram (1,9% BR):**
 - Espírito Santo (ES): 9,3% → destaca-se amplamente
 - Nos demais estados: uso quase irrelevante
- **Facebook (1,8% BR):**
 - Nenhum estado ultrapassa 2%
 - PB e PE têm menos de 0,5% dos acessos

As redes sociais ainda são **subutilizadas** para este tipo de mobilização, exceto no Espírito Santo, que se destaca no uso de mídias mais modernas.

Centro Espírita – canal marginal (1,8% BR)

- **Acima da média:**
 - São Paulo (SP): 2,0%
 - Espírito Santo (ES): 1,5%
- **Demais estados:** variando entre 0,8% e 1,3%

Baixo impacto direto das instituições físicas. O Centro Espírita não está sendo um canal relevante de disseminação da pesquisa.

Outros canais – destaque regional

- **“Outros” (0,8% BR):**
 - Espírito Santo (ES): 4,4%
 - Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP): 3,2%

ES mais uma vez se destaca como estado com maior diversidade de canais. Pode incluir aplicativos locais, listas de transmissão ou comunicação institucional.

Canais praticamente inexistentes:

- **Youtube, Telegram, Federativas, Live/Vídeo, Sites e Blogs:** todos com uso residual ($\leq 0,5\%$).

Indica grande oportunidade não aproveitada de usar vídeos, transmissões ao vivo e conteúdos institucionalizados para impulsionar a participação.

Conclusão

A estratégia de divulgação da PNE 2025 depende fortemente do WhatsApp e, em menor grau, do e-mail.

Estados como Espírito Santo e DF se destacam por uso mais amplo de canais alternativos, podendo servir de referência.

Redes sociais, vídeos e mídias institucionais (como federativas) ainda são sub exploradas, mas têm potencial expressivo, especialmente para atrair jovens e novos públicos.

12. Por que aceitou responder à pesquisa?

Traz dados valiosos sobre as motivações que impulsionam a participação espírita, permitindo uma leitura tanto quantitativa quanto qualitativa. Vamos à análise aprofundada:

12. Por que aceitou responder à pesquisa?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Interesse em colaborar com a Doutrina	49,5%	49,7%	46,5%	48,6%	51,9%	49,9%	48,4%	53,8%	43,4%	52,0%
Acho importante esse tipo de iniciativa	11,7%	11,2%	14,3%	11,5%	11,1%	10,9%	12,8%	11,5%	10,9%	11,1%
Interesse em conhecer os resultados	7,2%	7,2%	8,2%	1,4%	7,3%	5,2%	5,2%	3,9%	7,4%	8,8%
Desejo de interagir com outros espíritas	3,2%	2,9%	2,3%	3,3%	5,0%	5,2%	3,2%	2,0%	1,7%	3,3%
Curiosidade sobre os resultados	1,4%	1,4%	1,3%	6,9%	1,2%	1,3%	0,2%	1,2%	2,7%	1,3%
Desejo de usar os resultados em minhas atividades	0,6%	0,7%	0,3%	0,4%	1,0%	0,6%	0,7%	0,0%	0,7%	0,3%
Outros	26,6%	26,8%	27,2%	27,8%	22,4%	26,8%	29,5%	27,6%	33,0%	23,2%
Total	100,0%									

Análise – Motivações para Participar da PNE 2025

Tendência Nacional (BR):

- **Motivação principal:**
 - “Interesse em colaborar com a Doutrina” – 49,5%
 - → Quase metade dos respondentes se move por compromisso doutrinário.
- **Outras motivações destacadas:**
 - “Acho importante esse tipo de iniciativa” – 11,7%
 - “Outros” – 26,6%

A resposta majoritária mostra forte senso de pertencimento e responsabilidade com a causa espírita. Porém, o grupo “Outros” é numeroso e merece investigação qualitativa mais profunda.

Destaques e Contrastes por Estado:

1. Interesse em colaborar com a Doutrina (BR: 49,5%)

- **Acima da média:**

- Espírito Santo (ES): 53,8%
- Bahia (BA): 51,9%
- Goiás (GO): 52,0%
- Paraíba (PB): 49,9%

- **Abaixo da média:**

- Distrito Federal (DF): 43,4%
- Rio de Janeiro (RJ): 46,5%

ES, BA e GO apresentam público mais engajado com a Doutrina como motivação central. O DF, por outro lado, apresenta público possivelmente mais crítico, institucional ou pragmático.

2. “Acho importante esse tipo de iniciativa” (BR: 11,7%)

- **Acima da média:**

- Rio de Janeiro (RJ): 14,3%
- Pernambuco (PE): 12,8%

Nestes estados, há valorização mais explícita da pesquisa como ferramenta de diagnóstico ou cidadania doutrinária.

3. Interesse em conhecer os resultados (BR: 7,2%)

- **Acima da média:**

- Goiás (GO): 8,8%
- Rio de Janeiro (RJ): 8,2%
- DF e BA: em torno de 7,3%–7,4%

- **Muito abaixo da média:**

- Minas Gerais (MG): 1,4%

Em MG, a motivação informacional é quase inexistente. Isso pode apontar menor interesse estratégico ou ausência de expectativa de retorno útil dos resultados.

4. Desejo de interagir com outros espíritas (BR: 3,2%)

- **Acima da média:**

- Paraíba (PB): 5,2%
- Bahia (BA): 5,0%

- **Abaixo da média:**

- DF (1,7%) e ES (2,0%)

O desejo de conexão interpessoal está mais presente no Nordeste. Esse tipo de motivação indica que a pesquisa também tem um papel social, não apenas técnico.

5. Curiosidade sobre os resultados (BR: 1,4%)

- **Muito acima da média:**

- Minas Gerais (MG): 6,9%
- → Dado isolado e curioso. Sugere que em MG a participação está mais ligada a curiosidade do que a compromisso.

- **Muito abaixo da média:**

- Pernambuco (PE): 0,2%
- → A menor curiosidade declarada do país.

6. Desejo de usar os resultados em minhas atividades (BR: 0,6%)

- **De modo geral, residual**, mas: Bahia, Espírito Santo e DF: 0,7%–1,0%

Esse item é baixo em todos os estados, o que pode indicar:

1. Desconhecimento do potencial aplicado da pesquisa;
2. Dificuldade de apropriação dos resultados por lideranças;
3. Falta de cultura de gestão baseada em dados.

7. Categoria “Outros” (BR: 26,6%):

A opção “Outros” não indica uma resposta fora das alternativas listadas, mas sim que o participante marcou mais de uma alternativa.

- **Altos percentuais nos estados:**

- Distrito Federal (DF): 33,0%
- Pernambuco (PE): 29,5%
- Minas Gerais (MG): 27,8%
- Espírito Santo (ES): 27,6%
- Rio de Janeiro (RJ): 27,2%

Isso revela que cerca de 1 em cada 4 ou até 1 em cada 3 respondentes não pensam de forma única sobre sua motivação para participar — têm múltiplas razões simultâneas.

Implicações interpretativas:

1. Compromisso multifatorial:

A presença significativa da categoria "Outros" indica que a maioria dos respondentes que a escolheram possui motivação complexa — combinando, por exemplo:

- Comprometimento com a Doutrina + curiosidade;
- Desejo de contribuir + interesse em conhecer os resultados;
- Valorização da iniciativa + uso prático futuro.

2. Não há "falta de clareza", mas maior engajamento:

Antes interpretado como resposta vaga, o item agora sinaliza profundidade de envolvimento com a pesquisa.

3. Estados com maior índice de “Outros”:

Podem refletir:

- Público mais atento ou reflexivo quanto à finalidade da pesquisa;
- Maior acesso à divulgação explicativa (em convites que incentivaram reflexão);
- Mais engajamento com o movimento espírita local, que associa a pesquisa a diferentes usos.

Conclusões com a nova informação:

Ponto	Interpretação Atualizada
Alta taxa de “Outros”	Indica motivação múltipla, e não desvio ou lacuna na categorização
Diferenças regionais	Em estados como DF, MG e PE, os respondentes revelam mais de um motivo com frequência, o que pode sinalizar uma cultura de participação mais crítica ou multifacetada
Impacto metodológico	A leitura correta reforça a qualidade da resposta e revela que boa parte dos participantes pensam a pesquisa sob várias perspectivas

14. Há quanto tempo você se considera espírita?

14. Há quanto tempo você se considera espírita?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Menos de 1	1,6%	1,3%	1,0%	2,0%	2,5%	1,9%	3,2%	2,0%	0,5%	1,0%
entre 1 e 3	5,3%	5,0%	6,5%	5,8%	6,5%	10,3%	5,0%	3,4%	3,7%	6,5%
entre 4 e 5	4,4%	4,4%	4,2%	3,4%	4,3%	3,6%	5,2%	5,4%	4,5%	4,2%
entre 6 e 10	11,2%	10,8%	7,8%	11,8%	11,7%	13,0%	14,9%	8,6%	8,2%	7,8%
entre 11 e 20	19,1%	17,4%	13,4%	19,8%	23,6%	17,8%	16,2%	22,5%	18,6%	13,4%
Acima de 20	52,0%	54,8%	53,6%	52,0%	46,6%	47,4%	48,9%	51,8%	55,1%	53,6%
Acima de 30	0,8%	0,8%	0,3%	0,9%	0,4%	1,7%	1,4%	0,7%	0,2%	0,3%
Acima de 40	0,9%	1,1%	1,6%	0,6%	0,7%	1,0%	2,3%	0,2%	1,0%	1,6%
Acima de 50	0,7%	0,5%	3,3%	0,8%	0,3%	0,4%	1,1%	0,7%	0,2%	3,3%
Acima de 60	0,2%	0,4%	0,3%	0,2%	0,1%	0,0%	0,2%	0,7%	0,2%	0,3%
Acima de 70	0,0%	0,1%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%
Desde criança	2,6%	2,6%	7,5%	2,2%	1,3%	1,9%	1,1%	3,7%	5,5%	7,5%
Ainda não me considero espírita	0,1%	0,2%	0,3%	0,2%	0,3%	0,4%	0,2%	0,0%	0,2%	0,3%
Não sou espírita	0,2%	0,1%	0,0%	0,1%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%
Outros	0,7%	0,6%	0,0%	0,0%	1,2%	0,4%	0,5%	0,0%	1,2%	0,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Análise Integrada: Tempo declarado como espírita (PNE 2025)

Destaques Gerais:

- Mais da metade (52,0%) dos respondentes se consideram espíritas há mais de 20 anos, reforçando o perfil maduro e estabilizado de grande parte do público espírita.
- Somando os que estão entre 11 a 20 anos (19,1%), temos cerca de 71,1% que são espíritas há mais de 10 anos.
- Apenas 1,6% se identificam como espíritas há menos de um ano, e 5,3% entre 1 e 3 anos, o que pode indicar baixo índice de renovação.

Análise Regional:

Estado	% com mais de 20 anos	% até 5 anos	% "Desde criança"
SP	54,8%	10,7%	2,6%
RJ	53,6%	11,7%	7,5%
MG	52,0%	11,2%	2,2%
BA	46,6%	13,3%	1,3%
PB	47,4%	15,8%	1,9%
PE	48,9%	13,4%	1,1%
ES	51,8%	10,1%	3,7%
DF	55,1%	8,7%	5,5%
GO	53,6%	11,7%	7,5%
Média BR	52,0%	11,3%	2,6%

Observações por Estado:

- DF, RJ e GO se destacam com percentuais mais elevados de pessoas que se consideram espíritas “desde criança” — o que pode indicar fortes vínculos familiares ou culturais com o Espiritismo.
- PB e PE apresentam as maiores taxas de novos espíritas (até 5 anos), sinalizando possível expansão recente nessas localidades.
- BA e PE têm proporções menores de espíritas com mais de 20 anos, sugerindo um público ligeiramente mais jovem ou em transição.

Correlações e Implicações Estratégicas

1. Baixa Renovação:

A proporção de novos espíritas (até 5 anos) é baixa em todo o país. Isso aponta para desafios na renovação e atração de novos adeptos. Isso dialoga diretamente com a queda de percentual espírita no Censo 2022 (de 2,02% para 1,84%).

2. Base consolidada:

A maioria dos espíritas é experiente e mantém-se fiel há décadas — o que reforça a importância da manutenção e qualificação contínua desse público.

3. Oportunidade para aproximação dos novos:

Estados com maior proporção de novos (PB, PE, BA) devem ser focos de investimento em acolhimento e formação, pois podem estar vivendo um início de amadurecimento do Movimento Espírita local.

4. Relação com a adesão à pesquisa:

É provável que aqueles com maior tempo na Doutrina sejam os que mais participam da PNE (conforme a tabela da pergunta 10: “Já respondeu antes?”). A alta recorrência em SP, RJ e DF coincide com os maiores percentuais de espíritas com mais de 20 anos ou “desde criança”.

Sugestões para ações futuras:

1. Mapear os jovens espíritas (tempo ≤ 5 anos) em cruzamento com faixa etária (se disponível), para identificar perfis de entrada mais comuns.
2. Desenvolver materiais de formação doutrinária personalizados para iniciantes, nos estados onde o ingresso recente é mais intenso (PB, PE, BA).
3. Revisar estratégias de divulgação pública, com foco nos municípios onde a proporção de novos adeptos é maior, para fortalecer vínculos.
4. Promover eventos e estudos que envolvam aqueles “desde criança” — podem atuar como influenciadores naturais, com papel de referência.

15. Alguma pessoa foi decisiva para você se tornar espírita?

Interessante oportunidade de compreender os principais canais humanos de influência na adesão à Doutrina Espírita. Esse dado complementa diretamente a análise da pergunta 14 (tempo como espírita) e nos ajuda a identificar como a Doutrina tem chegado aos novos adeptos.

15. Alguma pessoa foi decisiva para você se tornar espírita?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim, na família	45,3%	46,3%	58,8%	42,1%	38,7%	39,0%	48,0%	48,7%	56,1%	58,8%
Sim, entre amigos	19,1%	18,3%	15,7%	19,7%	20,8%	20,5%	20,9%	20,5%	20,1%	15,7%
Sim, palestrantes espíritas	6,2%	6,3%	4,9%	6,0%	8,8%	8,0%	4,3%	3,9%	3,2%	4,9%
Outras pessoas	7,2%	6,4%	5,9%	10,3%	7,7%	9,0%	6,8%	7,3%	5,5%	5,9%
Nenhuma pessoa a destacar	22,2%	22,7%	14,7%	21,9%	24,0%	23,5%	20,0%	19,6%	15,1%	14,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Análise: Fatores humanos decisivos para se tornar espírita

Opção de resposta	Brasil (%)
Sim, na família	45,3%
Sim, entre amigos	19,1%
Nenhuma pessoa a destacar	22,2%
Sim, palestrantes espíritas	6,2%
Outras pessoas	7,2%

Mais de 70% dos espíritas foram influenciados diretamente por relações humanas pessoais.

Interpretações e correlações

1. A família como principal formadora

- Principal fator de influência (45,3% no geral).
- Destaques regionais:
 - GO e RJ: 58,8%
 - DF: 56,1%
 - SP: 46,3%
- Essa força da transmissão intergeracional confirma os dados da pergunta 14, especialmente nos estados onde muitos se declaram espíritas "desde criança".

2. Influência dos amigos (19,1%)

- Reforça o papel das relações horizontais e sociais, indicando que o Espiritismo circula também em ambientes informais, especialmente em BA, PB, PE, ES, onde esse percentual chega ou supera os 20%.

3. Palestrantes espíritas (6,2%)

- Número relativamente baixo — embora seja um grupo visível, os expositores ainda têm menor papel direto na adesão.
- BA (8,8%) e PB (8,0%) se destacam, talvez refletindo o papel das palestras públicas na atração inicial onde o meio espírita institucional ainda está em fase de crescimento.

4. Outras pessoas (7,2%)

- Categoria que pode envolver professores, colegas de trabalho, cônjuges não espíritas etc.
- Minas Gerais tem o maior índice (10,3%), sugerindo diversidade de vias de contato com a Doutrina.

5. Nenhuma pessoa a destacar (22,2%)

- Um número importante, indicando que 1 em cada 5 pessoas acredita ter chegado ao Espiritismo por motivação própria (livros, curiosidade, sofrimento, experiências pessoais, etc.).
- Este percentual é maior na Bahia, PB, SP e menor no DF, RJ e GO, onde o aspecto familiar parece mais forte.

Conexões estratégicas com outras perguntas

Com a pergunta 14 – Tempo como espírita:

- Os estados com maior número de espíritas "desde criança" (RJ, DF, GO) coincidem com os maiores percentuais de influência familiar.
- Estados com crescimento mais recente (PB, BA, PE) mostram mais presença de amigos e palestrantes como elementos de influência.

Com a pergunta 12 – Motivo para participar da pesquisa:

- Aqueles que vêm por iniciativa própria ou que não citam influências humanas talvez estejam entre os que disseram "curiosidade sobre os resultados" ou "desejo de conhecer os resultados".

Considerações estratégicas

1. Fortalecer os vínculos familiares dentro da Doutrina:

- Incentivar momentos de estudo e prática em família pode garantir a continuidade do interesse doutrinário entre gerações.

2. Valorizar o papel dos amigos e dos ambientes informais:

- Desenvolver campanhas de divulgação que incentivem compartilhamento interpessoal e convites para eventos.

3. Aprimorar o papel dos palestrantes como facilitadores de contato:

- Ainda que o impacto direto na adesão seja pequeno, um bom palestrante pode despertar o interesse que será depois consolidado pela família ou grupo social.

4. Investigar melhor a motivação dos que não apontam influência externa:

- Criar oportunidades para esses perfis compartilharem suas histórias pode abrir novas frentes de aproximação.

16. Com que frequência você consulta livros espíritas para tirar alguma dúvida?

Oferece um bpm indicador de prática doutrinária e relação com o conhecimento espírita.

16. Com que frequência você consulta livros espíritas para tirar alguma dúvida?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Quase diariamente	39,1%	36,9%	40,8%	40,5%	43,3%	44,7%	35,4%	34,5%	40,2%	40,8%
Algumas vezes por semana	33,6%	34,8%	29,7%	33,6%	32,0%	30,4%	35,4%	35,9%	30,0%	29,7%
Algumas vezes por mês	14,8%	16,1%	14,4%	12,1%	13,6%	13,8%	14,4%	14,9%	14,4%	14,4%
Dificilmente	2,5%	2,8%	2,9%	1,9%	1,9%	2,5%	3,4%	3,7%	2,7%	2,9%
Raramente	8,7%	8,3%	10,5%	10,6%	7,4%	6,5%	10,4%	9,0%	10,9%	10,5%
Prefiro não responder	1,3%	1,1%	1,6%	1,3%	1,6%	2,1%	1,1%	2,0%	1,7%	1,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Análise: Frequência de consulta a livros espíritas

Visão Geral (Brasil)

Frequência	% Brasil
Quase diariamente	39,1%
Algumas vezes por semana	33,6%
Algumas vezes por mês	14,8%
Dificilmente	2,5%
Raramente	8,7%
Prefiro não responder	1,3%

Mais de 70% dos participantes consultam livros espíritas ao menos semanalmente.

Interpretações e correlações

1. Alto índice de frequência

- 39,1% consultam quase diariamente, e 33,6% o fazem semanalmente.
- Estados com maior índice de consulta *quase diária*: PB (44,7%), BA (43,3%), GO e RJ (40,8%), MG (40,5%)

Isso revela forte hábito de estudo entre os respondentes da pesquisa, sinalizando um perfil engajado com a leitura.

2. Consulta semanal em equilíbrio

- Oscila entre 29% e 36% nos estados.
- ES e PE lideram na consulta “algumas vezes por semana” (35,9% e 35,4%).

3. Consultas esporádicas

- “Algumas vezes por mês”: 14,8% — razoável, porém indica nível mais eventual de envolvimento com as obras básicas e complementares.

4. Baixa frequência (raramente ou dificilmente)

- **Raramente:** 8,7% no Brasil — mais alto em RJ (10,5%), MG (10,6%), DF (10,9%), GO (10,5%)
- **Dificilmente:** apenas 2,5% no Brasil — porém mais elevado no ES (3,7%) e PE (3,4%)
- Pode indicar:
 - Falta de hábito consolidado;
 - Pouca familiaridade com o conteúdo;
 - Dificuldade de acesso aos livros;
 - Ou ainda confiança excessiva na “memória doutrinária”.

5. Preferência por não responder

- Pequena parcela (1,3%) — o que reforça a confiabilidade da resposta: há disposição dos respondentes em declarar seu comportamento com honestidade.

Relações com outras questões

- **Pergunta 12 (Motivo para participar da pesquisa):**
 - Alta frequência de leitura pode estar ligada aos que disseram “interesse em colaborar com a Doutrina” e “importância da iniciativa”.
- **Pergunta 14 (Tempo como espírita):**
 - Estados com mais tempo de Doutrina (como DF, GO, RJ) mantêm alta frequência de consulta, reforçando a cultura de estudo duradouro.
- **Pergunta 15 (Pessoa decisiva):**
 - A influência familiar parece formar também hábitos de leitura, especialmente nos estados com alta adesão familiar e alta frequência de estudo.

Considerações e ações possíveis

1. **Valorizar o hábito já consolidado:**
 - O dado indica que há uma base fortemente comprometida com o estudo, o que é um ponto estratégico para qualificar o Movimento Espírita.
2. **Estimular a continuidade da consulta aos livros:**
 - Criar campanhas e sugestões de leituras temáticas ou guiadas (como o Guia da Série André Luiz) pode apoiar quem consulta semanalmente a avançar para hábitos mais frequentes.
3. **Apoiar os de menor frequência:**
 - Desenvolver recursos de acesso facilitado (resumos, áudios, guias, apps) pode ajudar quem raramente consulta os livros.
4. **Explorar mais o motivo do "esquecimento" ou "dificuldade":**
 - A próxima edição da PNE pode trazer uma questão aberta ou múltipla: “Se você consulta livros espíritas raramente ou nunca, por quê?”

17. Você assiste vídeos ou lives sobre Espiritismo?

17. Você assiste vídeos ou lives sobre Espiritismo?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Quase diariamente	37,9%	35,3%	40,2%	42,7%	40,2%	43,2%	34,7%	36,2%	34,5%	40,2%
Algumas vezes por semana	31,6%	32,2%	28,8%	31,9%	34,7%	28,5%	31,5%	32,3%	29,3%	28,8%
Algumas vezes por mês	20,5%	22,1%	19,9%	16,5%	16,9%	19,1%	21,2%	23,5%	20,6%	19,9%
Dificilmente	2,1%	2,3%	2,9%	1,7%	1,0%	1,0%	2,0%	1,0%	3,0%	2,9%
Raramente	7,6%	8,0%	7,8%	6,6%	6,4%	7,5%	10,4%	6,8%	11,9%	7,8%
Prefiro não responder	0,3%	0,2%	0,3%	0,5%	0,7%	0,6%	0,2%	0,2%	0,7%	0,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Panorama nacional

Frequência	% Brasil
Quase diariamente	37,9%
Algumas vezes por semana	31,6%
Algumas vezes por mês	20,5%
Dificilmente	2,1%
Raramente	7,6%
Prefiro não responder	0,3%

69,5% assistem vídeos ou lives pelo menos semanalmente.

Interpretações por frequência

Alta frequência de acesso

- 37,9% quase diariamente e 31,6% algumas vezes por semana.
- Estados com destaque em “quase diariamente”:
 - PB (43,2%)
 - MG (42,7%)
 - BA, RJ, GO (40,2%)
- **Mostra que o audiovisual é uma importante via de difusão doutrinária.**
 - Deve-se à facilidade de acesso, uso de redes sociais e presença crescente de canais espíritas no YouTube e similares.

Consumo semanalmente constante

- Praticamente 1/3 dos respondentes mantém hábito semanal, com boa distribuição entre os estados.
 - BA (34,7%), SP (32,2%), ES (32,3%), PE (31,5%)

Acesso mensal ou esporádico

- “Algumas vezes por mês”: 20,5% — bom indicativo de engajamento ocasional ou seletivo.
- Maior em: ES (23,5%), SP (22,1%)
 - Pode indicar perfis que preferem livros ou acessam vídeos só quando têm dúvidas específicas.

Dificilmente ou raramente

- Dificilmente (2,1%) + Raramente (7,6%) = 9,7%
 - Destaques negativos: DF (11,9%), PE (10,4%), RJ (7,8%)
- Pode indicar:
 - Pouca afinidade com o formato;
 - Falta de tempo;
 - Dificuldade de acesso tecnológico;
 - Ou substituição por outras formas de estudo.

Preferência por não responder

- Muito baixa (0,3%) — semelhante à Pergunta 16 — e sugere transparência dos respondentes.

Comparativo com a Pergunta 16 (Consulta a livros)

Comportamento	Livros	Vídeos
Quase diariamente	39,1%	37,9%
Algumas vezes por semana	33,6%	31,6%
Menor frequência (mensal ou menos)	27,3%	30,2%

- Há correlação positiva: quem lê com frequência, também tende a assistir.
- Mas nota-se leve preferência pelos livros, ainda predominantes como fonte de confiança doutrinária.

Reflexões e sugestões

1. Audiovisual como ferramenta complementar

- A forte adesão aos vídeos não substitui os livros, mas reforça o interesse pelo conteúdo, facilitando o acesso e a atualização.

2. Atenção aos grupos com menor uso

- Estados como **DF, PE e RJ** têm maior percentual de quem raramente assiste. Seria interessante investigar por que isso ocorre e se há barreiras (tecnológicas, culturais, desinteresse, etc.).

3. Oportunidade para conteúdo segmentado

- Criar *playlists* temáticas ou vídeos em formatos mais curtos e didáticos pode ampliar o alcance, especialmente entre os mais jovens ou iniciantes.

Existe a tendência de preferir estudar mais com vídeos e lives do que pelos livros.

18. Acredita que os ensinamentos espíritas estão ajudando você a viver melhor?

18. Acredita que os ensinamentos espíritas estão ajudando você a viver melhor?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim, bastante	96,1%	96,1%	97,1%	97,3%	95,8%	96,4%	94,1%	96,8%	94,8%	97,1%
Sim, um pouco	3,2%	3,3%	2,9%	2,3%	2,8%	3,1%	5,4%	2,4%	5,2%	2,9%
Não	0,5%	0,1%	0,0%	0,0%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Não percebo, mas deve estar ajudando	0,1%	0,5%	0,0%	0,4%	1,0%	0,2%	0,5%	0,7%	0,0%	0,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Panorama geral

Resposta	BR
Sim, bastante	96,1%
Sim, um pouco	3,2%
Não	0,5%
Não percebo, mas deve estar ajudando	0,1%

Análise detalhada

Adesão massiva ao valor prático da Doutrina

- A resposta “Sim, bastante” é praticamente unânime em todos os estados.
 - Destaques com maiores índices:
 - MG (97,3%)
 - GO e RJ (97,1%)
 - ES (96,8%)
 - PB (96,4%)
 - Mesmo os menores percentuais são altíssimos: **PE (94,1%) e DF (94,8%)**.

Interpretação: Isso reforça que a maioria dos espíritas vivencia a Doutrina como instrumento real de transformação pessoal, indo além da teoria.

Sim, um pouco

- A segunda resposta mais escolhida, embora minoritária (3,2% BR).
 - Um pouco maior em:
 - PE (5,4%)
 - DF (5,2%)
 - SP (3,3%)
 - Pode representar:
 - Pessoas recém-chegadas à Doutrina;
 - Vivências menos intensas ou sem aplicação cotidiana dos ensinamentos;
 - Ou ainda, critérios mais exigentes na avaliação dos efeitos.

Respostas negativas ou ambíguas

- “Não” (0,5%) e “Não percebo, mas deve estar ajudando” (0,1%) somam apenas 0,6% no total.
 - Destaques:
 - BA teve o maior percentual de ambiguidade perceptiva: 1,0% respondeu “não percebo, mas deve estar ajudando”.
 - SP (0,5%) e ES (0,7%) também foram discretamente acima da média BR nessa categoria.

A ausência de percepção direta pode indicar:

- Uma vivência mais intelectualizada do Espiritismo, com menor aplicação emocional ou moral;

- Desalinhamento entre expectativa e prática;
- Ou simplesmente uma fase de transição ou crise existencial que reduz a clareza dos efeitos.

Conclusões e sugestões

1. Altíssimo nível de satisfação pessoal

- O dado é extremamente positivo para o Movimento Espírita.
- Mostra que os ensinamentos estão sendo compreendidos como úteis e transformadores.

2. Oportunidade para aprofundar causas da percepção parcial

- Grupos que responderam “Sim, um pouco” ou “Não percebo...” podem ser foco de ações:
 - Estudo dirigido;
 - Grupos de apoio emocional e moral;
 - Acompanhamento fraternal.

Cruzamento: Tempo como espírita × Percepção de melhora na vida

1. Mais de 20 anos como espírita — Impacto profundo e consolidado

- Grupo majoritário no Brasil (52%) e predominante em quase todos os estados.
- Também o grupo com maior taxa de resposta “Sim, bastante” na P18.

Interpretação: Este público teve tempo para:

- Estudar profundamente a Doutrina;
- Aplicar os ensinamentos em momentos difíceis da vida;
- Validar pela experiência os benefícios morais e emocionais da filosofia espírita.

2. De 11 a 20 anos — Confirmação em fase madura

- Representa 19,1% dos respondentes (Brasil).
- Também com altíssimos índices de “Sim, bastante”.
- Este grupo vivenciou ao menos uma ou duas décadas de experiências familiares, profissionais e espirituais sob influência espírita.
- Confirma que o tempo é fator de internalização e transformação.

3. De 6 a 10 anos — Consolidação em curso

- Corresponde a 11,2% do total.
- A percepção de ajuda já é muito positiva (maioria responde “Sim, bastante”), mas há um leve aumento proporcional de “Sim, um pouco” em comparação aos grupos acima.
- Pode refletir ainda:
 - Fase de estudo mais intenso;
 - Adaptação de antigos paradigmas;
 - Comparação com momentos anteriores da vida.

4. De 1 a 5 anos — Adesão recente, benefícios iniciais

- Inclui os grupos “entre 1 e 3 anos” (5,3%) e “entre 4 e 5 anos” (4,4%).
- Tendência de menor percentual de “Sim, bastante” e aumento relativo de “Sim, um pouco”.
- Mostra que o efeito é sentido, mas ainda em fase de assimilação prática.
- Esse público pode se beneficiar com:
 - Grupos de estudo básicos;
 - Encontros de acolhimento para iniciantes;
 - Materiais que integrem teoria e prática.

5. Menos de 1 ano — Impressões iniciais e instabilidade

- Apenas 1,6% dos respondentes.
- É provável que estejam mais representados nas respostas:
 - “Sim, um pouco”;
 - “Não percebo, mas deve estar ajudando”;
- Mostra que a transformação ainda está em fase inicial, com poucos elementos para uma avaliação segura.

6. Desde criança — Vivência cultural ou familiar

- 2,6% dos respondentes.
- Este grupo provavelmente internalizou a Doutrina de forma natural, mas pode variar:
 - Se houve educação espírita formal ou não;
 - Se é uma vivência ativa ou apenas nominal.
- A percepção de “ajuda” tende a ser alta, mas com menor consciência crítica, podendo oscilar entre “Sim, bastante” e “Sim, um pouco”.

7. Ainda não se considera espírita / Não é espírita

- Juntos somam apenas 0,3%.
- Provavelmente estão entre os pouquíssimos respondentes de “Não” ou “Não percebo...”.
- Mostra que, mesmo não se considerando espíritas, há curiosidade e respeito, mas sem adesão pessoal aos princípios.

Conclusões

Quanto mais tempo de vivência espírita, maior a percepção de que a Doutrina ajuda a viver melhor.

A relação é proporcional, mas não automática: o efeito depende também de estudo, aplicação prática e vivência emocional.

Há forte indicação de que o Espiritismo é visto como ferramenta de autotransformação efetiva, sobretudo por aqueles com longa trajetória.

19. Você participa de algum grupo de estudo espírita pela Internet?

19. Você participa de algum grupo de estudo espírita pela Internet?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	52,8%	52,9%	45,8%	51,3%	59,5%	49,7%	47,1%	44,0%	48,9%	45,8%
Pretendo	5,0%	4,3%	7,2%	5,2%	5,9%	7,1%	7,0%	4,6%	6,0%	7,2%
Não	42,2%	42,8%	47,1%	43,5%	34,6%	43,2%	45,9%	51,3%	45,2%	47,1%
Total	100,0%	100,00%	52,9%	100,0%	100,00%	100,0%	100,0%	100,00%	100,00%	100,0%

20. Você participa de algum grupo que debate temas espíritas pela Internet?

20. Você participa de algum grupo que debate temas espíritas pela Internet?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	32,8%	31,1%	28,8%	30,7%	43,5%	34,2%	31,1%	24,4%	31,8%	28,8%
Pretendo	5,7%	5,0%	6,5%	6,3%	5,8%	8,2%	9,0%	6,1%	6,9%	6,5%
Não	61,5%	64,0%	64,7%	63,0%	50,7%	57,7%	59,9%	69,4%	61,3%	64,7%
Total	100,0%	100,0%	35,3%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

21. Você tem hábito de compartilhar conteúdos espíritas com amigos ou familiares?

21. Você tem hábito de compartilhar conteúdos espíritas com amigos ou familiares?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim, costumeiramente	58,3%	54,9%	61,8%	62,9%	66,6%	60,8%	61,5%	52,6%	54,6%	61,8%
Sim, às vezes	28,8%	31,1%	25,2%	25,1%	24,0%	27,7%	27,5%	34,0%	29,0%	25,2%
Raramente	8,3%	8,9%	8,8%	7,6%	5,6%	7,8%	7,4%	9,3%	9,7%	8,8%
Não	4,5%	5,0%	3,9%	4,3%	3,7%	3,8%	3,4%	4,2%	6,7%	3,9%
Outros	0,2%	0,1%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,3%
Total	100,0%									

As tabelas (19, 20 e 21) se complementam e permitem uma análise integrada sobre a presença, interação e compartilhamento de conteúdo espírita na internet.

1. Participação em grupos online (estudo vs. debate)

- **Grupos de estudo (Tabela 19):**
- A participação nacional é significativa (52,8%), com destaque para BA (59,5%) e MG (51,3%).
- Os menores índices são do ES (44,0%), GO (45,8%) e RJ (45,8%).
- **Grupos de debate (Tabela 20):**
- A adesão é menor que nos grupos de estudo: média nacional de 32,8%.
- Novamente, BA (43,5%) se destaca positivamente. Já ES (24,4%), GO (28,8%) e RJ (28,8%) estão abaixo da média.

Interpretação cruzada:

A diferença entre participação em grupos de estudo e de debate pode indicar:

- Um perfil mais voltado ao aprendizado formal (estudo dirigido) do que à troca de ideias (debate).
- Possível receio ou desinteresse em debates públicos sobre doutrina (medo de conflitos? falta de tempo?).

2. Compartilhamento de conteúdo espírita

Compartilham costumeiramente:

- Maioria nacional: 58,3%, com destaque para BA (66,6%), MG (62,9%) e RJ/GO (61,8%).
- Estados com menores índices: ES (52,6%) e DF (54,6%).

Compartilham às vezes:

- Média nacional de 28,8%, com picos no ES (34,0%) e SP (31,1%).

Raramente ou não compartilham:

- Somando as duas categorias, representam cerca de 13% dos respondentes no Brasil.

Interpretação cruzada:

- Estados com maior participação em grupos (como BA, MG, GO) também apresentam maior índice de compartilhamento regular.
- Estados com menor participação em grupos (como ES e DF) tendem a apresentar menor hábito de compartilhamento costumeiro, embora em SP a presença nos grupos seja alta, mas o compartilhamento menos intenso, sugerindo uma abordagem mais reservada ou seletiva na exposição de conteúdo.

3. Destaques por estado

Estado	Alta participação em grupos	Alta frequência de compartilhamento
BA	Estudo (59,5%) / Debate (43,5%)	Costumeiro (66,6%)
MG	Estudo (51,3%) / Debate (30,7%)	Costumeiro (62,9%)
GO	Estudo (45,8%) / Debate (28,8%)	Costumeiro (61,8%)
SP	Estudo (52,9%) / Debate (31,1%)	Costumeiro (54,9%) / Às vezes (31,1%)
ES	Estudo (44,0%) / Debate (24,4%)	Costumeiro (52,6%) / Às vezes (34,0%)

4. Sugestões para reflexão ou ação

- Potencial de ampliação de grupos de debate:** a discrepância com os grupos de estudo sugere oportunidade para fomentar espaços seguros e respeitosos de discussão doutrinária.
- Promoção de conteúdo com estímulo ao compartilhamento consciente:** mesmo entre os que não estão em grupos, muitos compartilham conteúdos – mostrar que esse hábito pode influenciar positivamente outras pessoas.
- Campanhas regionais direcionadas:**
 - ES e DF poderiam ser estimulados com ações específicas de engajamento digital.
 - BA e MG mostram forte adesão e poderiam ser usados como referência para boas práticas de grupos online.

22. Você participa de algum trabalho voluntário vinculado ao Espiritismo?

Essa tabela traz dados valiosos sobre o engajamento dos espíritas em trabalhos voluntários vinculados à doutrina.

22. Você participa de algum trabalho voluntário vinculado ao Espiritismo	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim, costumeiramente	65,1%	66,3%	64,7%	64,8%	66,0%	69,6%	61,9%	59,2%	67,5%	64,7%
Sim, às vezes	13,1%	12,0%	14,7%	13,8%	14,7%	14,9%	10,8%	17,8%	12,9%	14,7%
Raramente	3,4%	2,9%	7,8%	4,4%	3,3%	2,7%	2,5%	4,2%	4,2%	7,8%
Outros	1,3%	0,8%	1,0%	0,7%	0,9%	0,2%	0,9%	0,5%	0,7%	1,0%
Já participei	0,3%	0,7%	0,3%	0,7%	0,1%	0,2%	0,7%	0,0%	0,5%	0,3%
Não	16,9%	17,3%	11,4%	15,5%	15,0%	12,4%	23,2%	18,3%	14,1%	11,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

1. Voluntariado espírita costumeiro (engajamento ativo)

- Média nacional: **65,1%**
- Destaques acima da média:
 - PB (69,6%)
 - DF (67,5%)
 - SP (66,3%)
 - BA (66,0%)
- Levemente abaixo da média:
 - PE (61,9%)
 - ES (59,2%)

Há forte adesão ao voluntariado entre espíritas, reforçando a identidade da prática como um dos pilares da vivência doutrinária. A ligeira variação regional parece mais ligada a perfis culturais locais ou ao tipo de oportunidades oferecidas pelas casas espíritas.

2. Participação ocasional ("Sim, às vezes")

- Média nacional: 13,1%
- Mais elevada no ES (17,8%), RJ e GO (14,7%), PB (14,9%) e BA (14,7%)
- Mais baixa no PE (10,8%)

Essa faixa indica um público com disposição, mas com possível dificuldade de envolvimento mais regular. Pode ser um grupo a ser estimulado com propostas mais flexíveis ou digitais.

3. Participação rara ou inexistente

- Raramente: 3,4% nacional — mais alta no RJ e GO (7,8%)
- Já participei: muito pequena (0,3% nacional) — destaca-se apenas em SP (0,7%) e MG (0,7%)
- Não participa atualmente: 16,9% nacional
 - Acima da média em PE (23,2%), ES (18,3%), SP (17,3%)
 - Abaixo da média em RJ e GO (11,4%), PB (12,4%)

A minoria que nunca participou ou abandonou o voluntariado pode estar ligada a:

- Falta de convites ou acolhimento
- Limitações de tempo, idade ou saúde
- Falta de identificação com as tarefas disponíveis

4. Cruzamentos sugeridos

Com base nos dados anteriores (tabelas 19 a 21), algumas hipóteses interessantes podem ser formuladas:

- **Alta participação em grupos + Alta taxa de voluntariado:**
 - BA, MG e PB são fortes candidatos. A vivência do Espiritismo parece integrada (estudo + ação).
- **Alta participação em grupos, mas voluntariado abaixo da média:**
 - PE e ES mostram bom envolvimento com grupos online, mas menor ação voluntária. Isso pode apontar:
 - Falta de oportunidades práticas
 - Prioridade por estudo e debate em vez de ação direta
 - Perfil de engajamento mais teórico
- **Compartilham conteúdos com frequência, mas não são voluntários ativos:**
 - O cruzamento com a pergunta 21 pode identificar “multiplicadores de ideias” que não atuam diretamente nas tarefas, mas contribuem na divulgação.

5. Sugestões de ação

Campanhas de sensibilização por estado:

- Focar nos estados com mais alta taxa de não participantes (PE, ES, SP), incentivando o envolvimento gradual ou remoto (ex: atendimento fraternal online, revisão de textos, apoio administrativo, campanhas de divulgação etc).

Incluir faixa etária e ocupação nos cruzamentos para entender barreiras ao voluntariado.

Capacitações online:

- Podem transformar os “Sim, às vezes” e “Raramente” em “Sim, costumeiramente”, mostrando que o trabalho voluntário pode ser compatível com diferentes rotinas.

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores:

Esta pergunta se repete para sete dos principais autores espíritas.

23. [Chico Xavier / André Luiz]

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Chico Xavier / André Luiz]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	90,0%	89,0%	90,2%	92,9%	91,5%	92,7%	91,7%	92,4%	92,1%	90,2%
Raramente	3,1%	3,2%	3,3%	2,4%	2,7%	2,1%	2,7%	3,4%	4,0%	3,3%
Sim, algumas vezes	5,1%	5,7%	4,9%	3,0%	4,7%	3,6%	4,7%	3,2%	3,5%	4,9%
Sim, várias vezes	1,9%	2,2%	1,6%	1,7%	1,0%	1,7%	0,9%	1,0%	0,5%	1,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

1. Não identificam conteúdos duvidosos (90,0% BR)

- A maioria absoluta afirma não ter encontrado conteúdos estranhos.
- **Estados com maior confiança:**
 - MG (92,9%)
 - PB (92,7%)
 - ES (92,4%)
 - DF (92,1%)
- **Menor índice de confiança:**
 - SP (89,0%)

Essa alta taxa de confiança reforça o reconhecimento doutrinário e moral das obras psicografadas por Chico Xavier, especialmente da série André Luiz. MG e PB, tradicionalmente ligadas ao núcleo histórico do movimento espírita, aparecem com maior confiança.

2. Raramente identificam algo duvidoso (3,1% BR)

- Sem grandes variações regionais, mas discretamente mais alto em:
 - DF (4,0%)
 - ES (3,4%)
 - SP (3,2%)

São respostas que sugerem um senso crítico moderado, mas não comprometem a confiança global nas obras.

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (5,1% BR)

- SP (5,7%) é o destaque — talvez reflexo de maior exposição à crítica e estudo comparado.
- MG (3,0%) e PB (3,6%) estão entre os mais baixos.

Pode indicar maior leitura crítica ou influência de debates doutrinários locais.

4. Sim, várias vezes (1,9% BR)

- Índice baixo, como esperado. Destaques:
 - SP (2,2%)
 - RJ (1,6%)
 - GO (1,6%)
- Muito baixo no:
 - DF (0,5%)
 - PE (0,9%)

Representa o grupo com posicionamento mais cético, mas ainda pequeno e sem impacto significativo nos resultados gerais.

Síntese e tendências

- A confiança na obra de Chico Xavier e André Luiz é amplamente majoritária em todas as regiões.
- SP se destaca como o estado com maior índice de percepção de conteúdos duvidosos, sugerindo:
 - Leitura mais analítica
 - Acesso a debates críticos
 - Exposição a outras interpretações doutrinárias
- MG, PB e ES se mostram mais homogêneos na confiança plena.

23. [Chico Xavier / Emmanuel]

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Chico Xavier / Emmanuel]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	91,0%	90,1%	91,2%	93,4%	92,7%	93,5%	92,6%	92,7%	93,1%	91,2%
Raramente	2,8%	3,0%	2,9%	2,5%	2,2%	1,9%	2,5%	2,9%	3,0%	2,9%
Sim, algumas vezes	4,5%	5,0%	4,2%	2,6%	3,7%	2,7%	3,8%	3,4%	3,5%	4,2%
Sim, várias vezes	1,7%	2,0%	1,6%	1,4%	1,3%	1,9%	1,1%	1,0%	0,5%	1,6%
Total	100,0%									

1. Não identificam conteúdos duvidosos (91,0% BR)

- Percentual ligeiramente superior ao de André Luiz (90,0%), o que sugere confiança ainda maior nas obras atribuídas a Emmanuel.
- Estados com maior confiança:
 - PB (93,5%)
 - MG (93,4%)
 - DF (93,1%)
- SP (90,1%) e GO (91,2%) aparecem entre os mais baixos — ainda assim, com números bastante altos.

Emmanuel, por seu estilo mais doutrinário, racional e direto, pode ser percebido como mais “seguro” para alguns leitores. MG e PB voltam a se destacar pela confiança.

2. Raramente identificam algo duvidoso (2,8% BR)

- Muito próximos ao percentual de André Luiz (3,1%).
- Destaque para: SP, DF (3,0%) e ES (2,9%)
- Mais baixos em PB (1,9%) e BA (2,2%).

Essas respostas apontam um reconhecimento geral da qualidade, mas com leve abertura a pontos de questionamento pontuais.

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (4,5% BR)

- Ligeiramente menor do que o índice para André Luiz (5,1%).
- Destaques: SP (5,0%) e GO (4,2%)
- Menores taxas: MG (2,6%) e PB (2,7%)

Mais uma vez, São Paulo demonstra padrão de leitura mais crítica. Emmanuel, com textos que abordam temas históricos, políticos e morais, pode gerar mais interpretações ambíguas nesses contextos.

4. Sim, várias vezes (1,7% BR)

- Idêntico ao índice observado para André Luiz (1,9%).
- SP e PB apresentam os maiores percentuais (2,0% e 1,9%), enquanto o DF novamente tem o mais baixo (0,5%).

Pouco impacto no resultado final, mas sugere a existência de um grupo atento e questionador, ainda que pequeno.

Comparativo: Chico Xavier / André Luiz x Emmanuel

Classificação	André Luiz (%)	Emmanuel (%)	Diferença
Não	90,0%	91,0%	+1,0
Raramente	3,1%	2,8%	-0,3
Sim, algumas vezes	5,1%	4,5%	-0,6
Sim, várias vezes	1,9%	1,7%	-0,2

Principais conclusões:

- Emmanuel recebe ainda maior confiança geral do que André Luiz.
- A percepção crítica é ligeiramente menor com Emmanuel, sugerindo que seus textos, mais formais e conceituais, talvez gerem menos interpretações controversas.
- SP continua sendo o estado com maior percepção de conteúdo duvidoso, embora dentro de uma margem segura.

23. [Divaldo Franco / Manoel Philomeno]

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Divaldo Franco / Manoel Philomeno]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	88,1%	87,3%	87,0%	90,5%	92,3%	89,1%	89,9%	88,8%	90,1%	87,6%
Raramente	3,6%	3,8%	4,1%	3,4%	1,8%	3,8%	3,2%	4,9%	3,0%	2,6%
Sim, algumas vezes	6,1%	6,5%	6,6%	4,6%	4,5%	4,8%	6,1%	5,1%	6,0%	6,5%
Sim, várias vezes	2,1%	2,3%	2,3%	1,5%	1,5%	2,3%	0,9%	1,2%	1,0%	3,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

1. Não identificam conteúdos duvidosos (88,1% BR)

- É o índice mais baixo até agora, indicando uma maior proporção de leitores que já tiveram dúvidas sobre esses autores.
- Estados com maior confiança:
 - BA (92,3%) e MG (90,5%) — coerente com a localização e tradição espírita da Bahia.
- Estados com menor confiança:
 - RJ (87,0%), SP (87,3%), GO (87,6%)

Apesar da elevada confiança geral, os números sugerem que os livros de Divaldo/Philomeno suscitam mais questionamentos do que os de Chico Xavier. Isso pode estar relacionado ao volume de obras publicadas, à linguagem mais simbólica, ou ao tratamento de temas mais complexos e contemporâneos.

2. Raramente identificam algo duvidoso (3,6% BR)

- Levemente superior à média para Emmanuel (2,8%) e André Luiz (3,1%).
- Destaques: ES (4,9%), RJ (4,1%), SP/PB (3,8%)
- Menor índice: BA (1,8%)

Existe maior percepção crítica leve. O Espírito Santo é o estado com mais respostas nesta categoria, talvez por ser também um dos mais ativos em estudo doutrinário.

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (6,1% BR)

- Novamente, índice mais alto da série até agora (vs. Emmanuel 4,5%, André Luiz 5,1%).
- Estados mais críticos: RJ (6,6%), SP e GO (6,5%)
- Menor índice: MG (4,6%), BA (4,5%)

Aqui o destaque vai para RJ, SP e GO, o que pode indicar uma leitura mais reflexiva ou cética em relação aos conteúdos doutrinários e históricos, especialmente aqueles que tratam de obsessão e questões de transição planetária.

4. Sim, várias vezes (2,1% BR)

- Também é o maior percentual da série nesta categoria (vs. Emmanuel 1,7%, André Luiz 1,9%).
- Destaque para:
 - GO (3,3%)
 - SP, RJ, PB (2,3%)
- Menor índice: DF (1,0%) e PE (0,9%)

O índice mais alto nessa categoria reforça que há leitores que encontram com mais frequência passagens que consideram duvidosas nos livros de Divaldo/Philomeno, especialmente nos estados de maior escolaridade ou tradição editorial.

Comparativo geral entre os três autores analisados até agora

Categoria	André Luiz (%)	Emmanuel (%)	Divaldo/Philomeno (%)
Não	90,0%	91,0%	88,1%
Raramente	3,1%	2,8%	3,6%
Sim, algumas vezes	5,1%	4,5%	6,1%
Sim, várias vezes	1,9%	1,7%	2,1%

Conclusões comparativas:

- Confiança maior nos livros de Emmanuel e André Luiz do que nos de Divaldo/Philomeno.
- Há um aumento progressivo da crítica do público ao passar de Emmanuel → André Luiz → Divaldo Franco.
- A maior diversidade temática e volume de publicações dos autores Divaldo e Philomeno pode explicar a percepção mais crítica de parte dos leitores.

23. [Divaldo Franco / Joanna de Ângelis]

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Divaldo Franco / Joanna de Ângelis]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	89,9%	88,8%	90,1%	92,2%	92,3%	91,6%	90,8%	91,4%	91,3%	88,9%
Raramente	3,1%	3,5%	2,7%	3,0%	1,8%	2,5%	2,5%	3,4%	2,0%	3,3%
Sim, algumas vezes	5,1%	5,6%	5,2%	3,1%	4,5%	3,6%	5,6%	3,4%	5,7%	4,9%
Sim, várias vezes	2,0%	2,1%	2,0%	1,7%	1,5%	2,3%	1,1%	1,7%	1,0%	2,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	1,1%	100,0%	100,0%	100,0%

Divaldo Franco / Joanna de Ângelis

1. Não identificam conteúdos duvidosos (89,9% BR)

- Nível de confiança elevado, superior ao de Divaldo/Philomeno (88,1%), mas inferior a Emmanuel (91,0%) e André Luiz (90,0%).
- **Estados com maior confiança:**
 - BA (92,3%), MG (92,2%), DF (91,3%), PB (91,6%)
- **Estados com menor confiança:**
 - SP (88,8%) e GO (88,9%)

A autora espiritual Joanna de Ângelis, conhecida por suas obras psicológicas e filosóficas, apresenta leve maior aceitação do que Manoel Philomeno, mas ainda menor que os autores ligados diretamente a Chico Xavier. Os dados confirmam alto índice de confiança, mas com um segmento crítico semelhante ao anterior.

2. Raramente identificam algo duvidoso (3,1% BR)

- Em linha com os dados anteriores (3,6% para Philomeno, 2,8% para Emmanuel).
 - Destaques: SP (3,5%), ES (3,4%), GO (3,3%)
- Menores índices: BA (1,8%), PB (2,5%)

A frequência de pequenos estranhamentos permanece na faixa esperada, com destaque para SP e regiões com tradição de leitura crítica.

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (5,1% BR)

- Em linha com a média nacional para André Luiz e Emmanuel.
- Estados com mais respostas nessa categoria: DF (5,7%), SP e PE (5,6%), RJ (5,2%)
- Menor índice: MG (3,1%)

Curiosamente, os mesmos estados que mais confiam na obra (MG, BA, PB) são os que menos apontam inconsistências. Os demais demonstram níveis de leitura mais críticos ou maior diversidade de interpretações psicológicas, o que pode provocar dúvidas.

4. Sim, várias vezes (2,0% BR)

- Idêntico ao percentual nacional para Divaldo/Philomeno.
- Estado com maior índice: GO (2,9%)
- Estado com menor índice: DF (1,0%), seguido de PE (1,1%)

Um grupo minoritário, mas consistente nos vários estados, encontra elementos que considera frequentemente questionáveis, mantendo o padrão observado em outras combinações com Divaldo Franco.

Comparativo com os autores já analisados

Categoria	André Luiz	Emmanuel	Divaldo/Philomeno	Joanna de Ângelis
Não	90,0%	91,0%	88,1%	89,9%
Raramente	3,1%	2,8%	3,6%	3,1%
Sim, algumas vezes	5,1%	4,5%	6,1%	5,1%
Sim, várias vezes	1,9%	1,7%	2,1%	2,0%

Conclusões adicionais

- Joanna de Ângelis tem leve melhor aceitação que Manoel Philomeno, com menor estranhamento doutrinário.
- A autora se aproxima dos percentuais de André Luiz, com discreta diferença nas faixas críticas.
- O perfil das dúvidas pode estar ligado ao enfoque psicológico profundo e linguagem mais técnica, que exigem mais do leitor e podem gerar diferentes compreensões.

23. [Herculano Pires]

Autor frequentemente considerado um dos mais fiéis intérpretes do pensamento de Allan Kardec.

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Herculano Pires]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	91,8%	90,9%	92,2%	93,9%	93,8%	92,2%	93,2%	91,4%	93,1%	89,2%
Raramente	3,6%	4,0%	3,4%	3,1%	2,2%	3,1%	2,9%	4,9%	3,0%	3,6%
Sim, algumas vezes	3,7%	4,2%	3,8%	2,6%	3,1%	2,7%	3,4%	2,7%	3,7%	5,2%
Sim, várias vezes	0,9%	1,0%	0,7%	0,4%	0,9%	1,9%	0,5%	1,0%	0,2%	2,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Herculano Pires

1. Não identificam conteúdos duvidosos (91,8% BR)

- Índice nacional superior ao de Divaldo/Philomeno (88,1%) e Joanna (89,9%), semelhante ao de Emmanuel (91,0%).
- Estados com maior confiança:
 - MG (93,9%), BA (93,8%), PE (93,2%), DF (93,1%)
- Menor confiança: GO (89,2%) e SP (90,9%)

O alto nível de confiança reflete a sintonia doutrinária percebida entre seus textos e o pensamento kardecista, sendo reconhecido como referência no estudo e defesa da pureza doutrinária.

2. Raramente identificam algo duvidoso (3,6% BR)

- Dentro da faixa comum observada nos demais autores.
- Maior índice em SP (4,0%) e ES (4,9%)
- Menor índice em BA (2,2%), reforçando a confiança nesse estado.

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (3,7% BR)

- Um dos índices mais baixos entre os autores analisados (inferior aos 5,1% de André Luiz e Joanna).
- Destaques:
 - GO (5,2%), SP (4,2%)
 - Menor índice: MG (2,6%)

Esses percentuais apontam um baixo grau de dúvidas recorrentes, reforçando o perfil de autor respeitado e com menor margem para polêmica.

4. Sim, várias vezes (0,9% BR)

- O menor índice nacional entre os autores analisados até agora.
- GO (2,0%) e PB (1,9%) apresentam os maiores percentuais, embora ainda baixos.
- DF (0,2%) e MG (0,4%) com os menores índices.

Comparativo com os demais autores

Categoria	André Luiz	Emmanuel	Divaldo/Philomeno	Joanna de Ângelis	Herculano Pires
Não	90,0%	91,0%	88,1%	89,9%	91,8%
Raramente	3,1%	2,8%	3,6%	3,1%	3,6%
Sim, algumas vezes	5,1%	4,5%	6,1%	5,1%	3,7%
Sim, várias vezes	1,9%	1,7%	2,1%	2,0%	0,9%

Conclusões

- Herculano Pires é o autor com maior índice de confiabilidade até aqui, inclusive mais confiável que Emmanuel e André Luiz, segundo os respondentes.
- A crítica é pontual, com baixa taxa de recorrência.
- A percepção é de que sua fidelidade doutrinária e clareza na argumentação reduzem as possibilidades de interpretação dúbia.

23. [Yvonne Pereira]

Autora conhecida por sua contribuição singular com obras psicografadas com forte teor espiritual e moral, frequentemente centradas em temas como sofrimento, obsessão e mediunidade. Inclui vários temas omissos ou não desenvolvidos na literatura kardequiana.

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Yvonne Pereira]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	91,3%	90,1%	91,7%	94,2%	93,2%	93,1%	93,2%	90,7%	92,3%	91,5%
Raramente	3,4%	3,7%	3,4%	2,5%	2,1%	2,9%	2,7%	5,4%	3,5%	3,3%
Sim, algumas vezes	4,2%	5,0%	3,4%	2,4%	3,7%	2,3%	3,6%	3,2%	4,0%	3,9%
Sim, várias vezes	1,1%	1,2%	1,6%	0,9%	1,0%	1,7%	0,5%	0,7%	0,2%	1,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Yvonne Pereira

1. Não identificam conteúdos duvidosos (91,3% BR)

- Valor elevado, semelhante ao índice de Emmanuel (91,0%) e Herculano Pires (91,8%).
- Maior confiança: MG (94,2%), BA e PE (93,2%)
- Menor confiança relativa: ES (90,7%) e SP (90,1%)

A autora é amplamente respeitada, mesmo com o forte conteúdo emocional e mediúnico de suas obras, sugerindo aceitação doutrinária geral, sem prejuízo da reflexão crítica.

2. Raramente identificam algo duvidoso (3,4% BR)

- Dentro da média dos autores mais confiáveis.
- Destaques para:
 - ES (5,4%) — mais alto da amostra
 - SP (3,7%), RJ (3,4%), DF (3,5%)

3. Já perceberam algo estranho algumas vezes (4,2% BR)

- Próximo aos índices de Emmanuel (4,5%) e abaixo de Divaldo Franco (6,1%).
- SP (5,0%) com o maior índice; MG (2,4%) e PB (2,3%) com os menores.

4. Sim, várias vezes (1,1% BR)

- Índice baixo, semelhante a Emmanuel (1,7%) e abaixo de Divaldo/Philomeno (2,1%).
- Destaques:
 - PB (1,7%), RJ (1,6%), GO (1,3%)
 - DF (0,2%) — menor da amostra

Comparativo Geral com Autores Anteriores

Categoria	André Luiz	Emmanuel	Divaldo/Philomeno	Joanna de Ângelis	Herculano Pires	Yvonne Pereira
Não	90,0%	91,0%	88,1%	89,9%	91,8%	91,3%
Raramente	3,1%	2,8%	3,6%	3,1%	3,6%	3,4%
Sim, algumas vezes	5,1%	4,5%	6,1%	5,1%	3,7%	4,2%
Sim, várias vezes	1,9%	1,7%	2,1%	2,0%	0,9%	1,1%

Conclusões

Yvonne Pereira está entre os autores com maior aceitação e menor índice de questionamentos.

Há poucas críticas recorrentes — o que é notável considerando o conteúdo espiritual profundo de suas obras.

SP e ES são os estados que mais apontam percepções de estranheza em relação a ela, mas ainda em patamares baixos.

23. [Allan Kardec]

Vamos agora à análise do último de **Allan Kardec**, o codificador da Doutrina Espírita, cuja autoridade doutrinária é a mais relevante e respeitada no Espiritismo.

23. Você já constatou algum conteúdo estranho ou duvidoso nos livros dos autores: [Allan Kardec]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	91,2%	90,9%	90,4%	93,1%	91,7%	93,1%	92,1%	91,4%	90,1%	89,9%
Raramente	3,3%	3,3%	3,5%	2,8%	2,7%	1,9%	2,7%	4,6%	4,2%	2,3%
Sim, algumas vezes	4,2%	4,3%	4,8%	2,6%	4,2%	3,1%	4,7%	2,9%	5,2%	6,5%
Sim, várias vezes	1,4%	1,5%	1,3%	1,5%	1,5%	1,9%	0,5%	1,0%	0,5%	1,3%
Total	100,0%									

Allan Kardec — Análise Detalhada

1. Não encontrou conteúdo estranho (91,2% BR)

- Valor elevado e estável, compatível com outros autores bem aceitos como Emmanuel (91,0%), Yvonne (91,3%) e Herculano (91,8%).
- Estados com maior confiança: MG (93,1%), PB (93,1%), PE (92,1%)
- Estados com menor índice de confiança:
 - GO (89,9%) — o menor de todos
 - DF (90,1%) e RJ (90,4%) também abaixo da média nacional

Reflexão:

Apesar de ser o autor fundador, há uma parcela discreta, porém significativa, que demonstra senso crítico ou desconforto com alguns conteúdos. Isso pode ocorrer por:

- Interpretações literais de trechos de obras como *A Gênese*, *O Céu e o Inferno* ou *O Livro dos Espíritos*.
- Diferenças entre edições (tema presente no movimento espírita nos últimos anos, especialmente entre a 3^a e 5^a edições de *A Gênese*).
- Desconexão com o contexto histórico: trechos que hoje são lidos sob outra perspectiva podem gerar estranhamento em leitores contemporâneos.

2. Raramente (3,3%)

- Dentro da média dos autores principais.
 - Destaques: ES (4,6%) e DF (4,2%) — maiores; PB (1,9%) — menor

3. Sim, algumas vezes (4,2%)

- Levemente acima de Emmanuel (4,5%) e Yvonne (4,2%), mas abaixo de Divaldo (6,1%).
- Destaques: GO (6,5%) e DF (5,2%) — os maiores índices; MG (2,6%) — o menor

4. Sim, várias vezes (1,4%)

- Valor baixo e semelhante aos demais autores doutrinários.
 - Destaques: PB (1,9%) — maior; PE (0,5%), DF (0,5%) — os menores

Comparativo Final — Todos os Autores da Pergunta 23

Autor	Não	Raramente	Sim, às vezes	Sim, várias vezes
Emmanuel	91,0%	2,8%	4,5%	1,7%
André Luiz	90,0%	3,1%	5,1%	1,9%
Divaldo / Manoel Philomeno	88,1%	3,6%	6,1%	2,1%
Divaldo / Joanna de Ângelis	89,9%	3,1%	5,1%	2,0%
Herculano Pires	91,8%	3,6%	3,7%	0,9%
Yvonne Pereira	91,3%	3,4%	4,2%	1,1%
Allan Kardec	91,2%	3,3%	4,2%	1,4%

Considerações Finais

- Allan Kardec, embora seja o autor de referência doutrinária, não é isento de crítica — ainda que mínima.
- Sua taxa de confiabilidade é comparável à de Emmanuel, Yvonne Pereira e Herculano Pires, autores reconhecidos por sua fidelidade doutrinária.
- A percepção de conteúdos estranhos "algumas vezes" é mais comum nas obras de Divaldo Franco, especialmente quando em parceria com Manoel Philomeno.
- A análise reforça a maturidade crítica de uma parte dos leitores espíritas, inclusive em relação à obra-base.

24. Você gosta dos filmes espíritas brasileiros?

24. Você gosta dos filmes espíritas brasileiros?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não aprecio	0,5%	0,7%	0,4%	0,1%	0,0%	0,2%	0,2%	0,7%	0,2%	0,3%
Não costumo assistir	1,8%	2,0%	1,3%	2,2%	0,1%	0,8%	1,1%	1,5%	2,5%	1,3%
Sim, bastante	70,2%	67,9%	66,6%	74,6%	4,3%	76,7%	70,9%	69,2%	66,0%	74,2%
Sim, mas poderiam ser melhores	20,2%	21,6%	23,4%	16,0%	0,8%	17,4%	22,5%	22,0%	23,6%	17,6%
Um pouco, pela divulgação das ideias espíritas	5,1%	5,5%	5,6%	4,9%	0,2%	2,9%	3,4%	4,4%	6,0%	4,9%
Um pouco, pela possibilidade de reflexão	2,2%	2,3%	2,7%	2,2%	0,1%	1,9%	1,8%	2,2%	1,7%	1,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	5,5%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Há predominância da aceitação positiva dos filmes, mas também evidencia críticas e sugestões de melhoria.

Principais destaques:

- Alta aprovação geral: A resposta “Sim, bastante” predomina em todos os estados, com destaque para PB (76,7%), MG (74,6%) e GO (74,2%).
- Crítica construtiva relevante: Cerca de 1 em cada 5 respondentes (20,2%) gostam dos filmes, mas consideram que “poderiam ser melhores”.
- Motivações específicas para quem aprecia pouco: Um número modesto dos respondentes (5,1% e 2,2%) valoriza os filmes pelo conteúdo reflexivo ou pela divulgação doutrinária, ainda que não apreciem muito do ponto de vista técnico ou artístico.
- Rejeição quase nula: A rejeição direta (“Não aprecio”) é insignificante nacionalmente (0,5%) e inexistente em estados como BA, PB e PE.

25. Quais oradores você possui alguma restrição por conta do entendimento espírita que apresentam?

A questão relacionou 8 nomes de grandes oradores, com mais vídeos e visualizações. Permitiu a indicação de outros nomes que somaram mais de cem.

25. Quais oradores você possui alguma restrição por conta do entendimento espírita que apresentam?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Divaldo Franco	8,94%	3,94%	4,30%	3,87%	2,82%	3,35%	3,60%	3,67%	5,96%	4,90%
Haroldo Dutra	7,51%	1,66%	0,94%	1,62%	1,78%	1,26%	1,80%	0,98%	0,99%	0,98%
Carlos Bacelli	5,52%	2,49%	2,81%	3,78%	2,52%	0,84%	2,03%	2,69%	2,73%	4,58%
Mayse Braga	4,58%	1,21%	1,33%	1,44%	1,63%	0,42%	2,25%	0,98%	2,23%	1,31%
Rossandro Klinjey	4,51%	0,87%	1,41%	1,08%	0,89%	2,73%	0,90%	0,98%	1,49%	1,96%
Raul Teixeira	2,89%	0,32%	0,31%	0,18%	0,15%	0,21%	0,00%	0,24%	0,50%	0,33%
Jorge Elarrat	2,04%	0,11%	0,23%	0,27%	0,00%	0,42%	0,23%	0,49%	1,49%	0,33%
Artur Valadares	1,66%	0,06%	0,00%	0,18%	0,30%	0,21%	0,00%	0,49%	0,00%	0,00%
Simão Pedro de Lima	1,20%	0,08%	0,23%	0,00%	0,15%	0,21%	0,00%	0,00%	0,00%	0,33%
André Trigueiro	0,42%	0,17%	0,70%	0,36%	0,15%	0,21%	0,45%	0,49%	0,50%	0,65%
Geraldo Lemos	0,42%	0,21%	0,70%	0,09%	0,15%	0,63%			0,50%	
Maira Rocha	0,16%	0,06%					0,45%	0,24%		0,65%
Robson Pinheiro	0,11%	0,08%	0,08%	0,09%	0,30%	0,21%				
Dora Incontri	0,11%	0,06%	0,08%						0,50%	
Anete Guimarães	0,09%	0,09%		0,09%						
Alberto Alberto	0,04%		0,08%							
Elias Moraes	0,04%	0,02%		0,09%						
Cosme Massi	0,03%		0,08%	0,09%						
Paulo Henrique de Figueiredo	0,03%	0,02%						0,24%		
Wanderlei de Oliveira	0,03%		0,08%				0,23%	0,24%		
Ricardo Mello	0,03%			0,18%						
Eduardo Sabbag	0,02%	0,02%								
José Medrado	0,02%				0,15%					
Mônica Medeiros	0,02%	0,04%								
Adeilson Sales	0,01%								0,25%	
Alexandre Galdino	0,01%	0,02%								
Andrey Moreira	0,01%						0,24%			
Canal Mesa Girante	0,01%						0,23%			
Djalma Motta Argolo	0,01%				0,15%					
José Carlos de Lucca	0,01%	0,02%								
Ana Rosa Guimarães	0,01%		0,08%							
Artur Felipe Ferreira	0,01%	0,02%								
Fabio Santos	0,01%								0,25%	
Gustavo Musa	0,01%									0,33%
Não conheço todos	0,32%	0,81%	0,78%	0,54%	0,59%	0,84%	0,68%	0,24%	0,74%	0,65%
Admiro, Gosto, amo, ótimos, excelentes	0,69%	0,94%	0,70%	0,72%	0,89%	1,05%	1,80%	0,49%	1,24%	1,31%
Não sei	26,90%	36,07%	30,63%	31,29%	31,60%	33,54%	31,31%	34,23%	34,74%	32,35%
Prefiro não responder	23,70%	30,03%	32,27%	31,65%	34,87%	33,75%	31,53%	32,03%	24,07%	30,72%
Não tenho restrição	6,54%	7,47%	8,75%	9,17%	8,75%	15,09%	9,01%	11,25%	6,20%	5,88%
(outras)	1,32%	13,07%	13,44%	13,22%	12,17%	5,03%	13,51%	9,78%	15,63%	12,75%
Total (respostas únicas)	100,0%									

Análise Geral dos Dados (Brasil)

1. Divaldo Franco (8,94%)

É o orador mais conhecido no Brasil e no exterior. Apresentou o maior percentual de restrições. Isso pode refletir:

- A alta exposição pública e grande volume de obras psicografadas (Manoel Philomeno, Joanna de Ângelis). O fato de ser o mais conhecido pode levá-lo naturalmente a ser o mais questionado.
- Possíveis divergências doutrinárias percebidas por parte do público (linguagem mística, elementos psicológicos, influência de outras correntes filosóficas).

2. Haroldo Dutra Dias (7,51%)

O segundo mais citado, embora seja considerado um estudioso sério por muitos. A crítica pode surgir:

- Da aproximação com o cristianismo tradicional, uso frequente da Bíblia e enfoque mais emocional.
- Da vinculação com correntes místicas ou filosóficas menos reconhecidas dentro do núcleo kardecista tradicional.

3. Carlos Baccelli (5,52%)

Aponta significativo percentual de restrição. Isso possivelmente se deve às obras mediúnicas com conteúdo controverso, inclusive algumas divergências com o pensamento kardeciano.

- A publicação de obras atribuídas a autores espirituais já consagrados, com conteúdo questionado por estudiosos.

4. Mayse Braga (4,58%)

Embora menos conhecida nacionalmente, suas palestras abordam temas espirituais com forte tom emocional e linguagem mística, o que pode não agradar ao público mais racionalista.

5. Rossandro Klinjey (4,51%)

A atuação em mídias seculares e o uso de linguagem psicológica contemporânea, com pouca referência direta à codificação kardeciana, pode provocar reservas entre espíritas mais ortodoxos.

6. Raul Teixeira (2,89%)

É uma surpresa relativa: sua reputação como profundo conhecedor da Doutrina é consolidada, o que sugere que as críticas são minoritárias e provavelmente ligadas a episódios específicos ou diferenças pontuais.

7. Jorge Elarrat (2,04%)

Como expositor mais voltado a conteúdos doutrinários e organizacionais, pode ser questionado por suas opiniões firmes sobre direção de Centros ou conceitos de "pureza doutrinária".

8. Artur Valadares (1,66%) e Simão Pedro de Lima (1,20%)

São oradores respeitados por seu foco na codificação e linguagem didática. Os baixos índices de restrição indicam boa aceitação, com críticas pontuais ou divergências secundárias.

9. André Trigueiro (0,42%)

É o orador mais citado entre os adicionados espontaneamente pelos respondentes. Foram mais de 100 no Brasil. Possui grande visibilidade na mídia não só no público espírita. Sua abordagem racional e engajada com temas sociais pode atrair o público jovem e urbano, embora haja quem questione suas manifestações políticas e a abordagem mais superficial do espiritismo.

Reflexões e Implicações

- **Exposição maior gera mais críticas:** Oradores muito conhecidos acabam por receber mais atenção — tanto elogios quanto reservas.
- **Perfil do público importa:** A amostra da PNE tende a incluir um grande número de estudiosos e trabalhadores do movimento espírita, o que pode gerar maior criticidade, especialmente em relação a interpretações não alinhadas ao pensamento kardeciano tradicional.
- **A questão do misticismo e psicologismo:** Oradores que incorporam linhas do autoconhecimento psicológico (Joanna de Ângelis, Rossandro, Haroldo) ou de misticismo espiritual (Mayse, Baccelli) geram resistência em setores mais "racionalistas" do movimento.
- **A diversidade de opiniões é saudável:** A existência de restrições pontuais não implica rejeição, mas sim uma atitude reflexiva que contribui para a maturidade do movimento.

Análise qualitativa do cenário geral de restrição aos oradores espíritas.

1. Alto índice de “Não sei” e “Prefiro não responder”

- 50,6% dos respondentes (BR) estão nessas duas categorias.
 - “Não sei” (26,9%) pode indicar:
 - Desconhecimento parcial dos oradores listados.
 - Dificuldade em avaliar criticamente.
 - Baixo envolvimento com palestras ou conteúdo em vídeo.
 - “Prefiro não responder” (23,7%) pode refletir:
 - Desejo de evitar polêmicas.
 - Respeito às figuras públicas mencionadas.
 - Falta de segurança doutrinária para julgar.

Isso revela um dado preocupante: metade dos participantes evita ou não se sente apto a avaliar criticamente os expositores, o que pode comprometer a capacidade do movimento de filtrar desvios doutrinários ou promover uma formação mais consciente.

2. Respostas positivas disfarçadas como negativas

- “Admiro, gosto, amo, ótimos, excelentes” aparece com 0,69% (BR), sendo 1% ou mais em PE, DF e GO.
- Isso mostra que mesmo em uma pergunta sobre restrição, muitos quiseram reforçar o apreço por esses oradores.

3. “Não tenho restrição” (6,54%)

- Um número pequeno, mas importante: indica quem já conhece os oradores e os aceita plenamente.
- Os maiores percentuais estão em PB (15,09%) e DF (11,25%), o que pode indicar:
 - Um público mais entrosado com as falas desses expositores.
 - Uma visão mais aberta ou menos crítica.

4. “Outras” (1,32% nacional / >10% em alguns estados)

- Essa categoria agrupa respostas livres como:
 - Citações a oradores não listados.
 - Comentários doutrinários ou reclamações gerais.
- O alto número em SP, RJ, MG, PE e DF (acima de 12%) sugere que há riqueza de conteúdo analítico nessas respostas abertas, que merecem ser estudadas com ferramentas de análise textual qualitativa.

Resumo interpretativo

Grupo	% Nacional	Interpretação
Não sei / Prefiro não responder	50,6%	Insegurança, neutralidade, respeito, ou desinformação
Não tenho restrição	6,5%	Conhecimento e aceitação plena
Citações positivas (Admiro...)	0,7%	Tentativa de proteger ou defender oradores admirados
Outras (respostas livres)	1,3% (média)	Sugestões, críticas ou menções adicionais

Sobre a opção “Não conheço todos”: por que esse dado é importante, mesmo sendo pequeno?

1. Indica limitações na formação e no repertório dos participantes

- Mesmo com nomes amplamente conhecidos como Divaldo Franco, Haroldo Dutra ou Raul Teixeira, uma parcela ainda não conhece todos os nomes listados, o que:
 - Sugere diferenças regionais de acesso à informação espírita.
 - Aponta para um público que frequenta o movimento espírita, mas ainda não acompanha sistematicamente os principais oradores.

2. Ajuda a interpretar os altos índices de “Não sei” (26,9%) e “Prefiro não responder” (23,7%)

Quem assinalou "Não conheço todos" optou por ser direto e reconhecer a limitação de conhecimento, enquanto muitos outros talvez tenham se sentido inseguros e marcado "Não sei".

Pode ser a ponta do iceberg de um fenômeno maior de desconhecimento parcial, o que reforça a necessidade de mais educação doutrinária e divulgação crítica e consciente dos expositores.

3. Pode sinalizar um problema de bolha informativa

Certas regiões ou grupos espíritas têm maior exposição a apenas alguns oradores. O resultado pode refletir uma formação doutrinária muito localizada, onde os participantes têm acesso apenas aos nomes mais divulgados localmente ou nas redes que frequentam.

Isso compromete a visão ampla e comparativa necessária para avaliar diferenças doutrinárias entre os oradores.

4. Revela humildade intelectual e honestidade

- Mesmo pequeno, esse percentual merece ser valorizado por representar respondentes que optaram por **não julgar sem conhecer**, o que é coerente com o espírito crítico e racional proposto pelo Espiritismo.

Variação regional (dados da tabela)

Estado	% que disse "Não conheço todos"
SP	0,81%
RJ	0,78%
PB	0,84%
DF	0,74%
PE	0,68%
GO	0,65%

Isso mostra que, embora os percentuais sejam baixos, o fenômeno é nacional, e merece atenção como indicador de lacunas formativas e difusão desigual de informação.

26. Você já foi diagnosticado com algum tipo de transtorno mental?

26. Você já foi diagnosticado com algum tipo de transtorno mental?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	73,7%	74,6%	74,1%	73,6%	72,6%	76,9%	74,1%	71,9%	73,0%	73,9%
Depressão	11,1%	11,4%	11,6%	11,3%	11,4%	8,0%	10,6%	12,7%	10,2%	11,1%
Outro	2,7%	2,3%	2,3%	3,3%	3,9%	2,5%	2,5%	2,7%	3,7%	2,9%
Síndrome do pânico	2,3%	2,6%	2,5%	1,9%	2,4%	2,3%	0,9%	1,5%	1,0%	2,6%
Transtorno do déficit de atenção	1,4%	1,2%	2,0%	1,3%	1,0%	2,5%	1,4%	2,7%	3,2%	2,3%
Transtorno afetivo bipolar	0,6%	0,6%	0,2%	0,7%	0,7%	0,8%	0,5%	0,2%	1,0%	0,7%
Fobia	0,4%	0,3%	0,5%	0,3%	0,6%	0,4%	0,9%	0,0%	0,0%	0,3%
(+ de 1)	6,5%	6,0%	5,2%	6,3%	4,5%	5,0%	7,4%	6,4%	7,4%	5,2%
Prefiro não responder	1,3%	1,1%	1,7%	1,3%	3,0%	1,5%	1,8%	2,0%	0,5%	1,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,00%	100,0%	100,0%	100,00%	100,0%	100,0%

1. A maioria não recebeu diagnóstico, mas há uma minoria expressiva que sim

73,7% dos participantes disseram não ter diagnóstico de transtorno mental.

Isso significa que cerca de 1 em cada 4 pessoas (26,3%) relatou já ter sido diagnosticada com algum transtorno — número considerável, especialmente em um movimento que valoriza a saúde mental e emocional.

2. A depressão se destaca como o principal transtorno diagnosticado

- Com 11,1%, é o diagnóstico mais comum entre os respondentes.
- Estados com percentuais acima da média nacional:
 - ES (12,7%)
 - RJ (11,6%)
 - MG (11,3%)
- Estados com os menores índices:
 - PB (8,0%)
 - DF (10,2%)

Isso pode refletir tanto diferenças reais de incidência quanto desigualdade no acesso a diagnóstico e serviços de saúde mental.

3. Casos múltiplos e transtornos associados não são raros

- 6,5% dos respondentes disseram ter sido diagnosticados com mais de um transtorno mental.
- Novamente, PE (7,4%) e DF (7,4%) se destacam acima da média.

4. Diagnósticos específicos merecem atenção

- Síndrome do pânico (2,3%), TDA (1,4%), e bipolaridade (0,6%) aparecem em menor proporção, mas indicam perfis que podem necessitar de suporte diferenciado nos Centros Espíritas.
- PE e DF também apresentam maiores percentuais em TDAH e múltiplos diagnósticos.

5. "Prefiro não responder": um possível sinal de tabu ou desconforto

- Embora apenas 1,3% nacionalmente tenham evitado responder, esse número chega a 3,0% na Bahia, e está acima da média em ES (2,0%) e PE (1,8%).
- Isso sugere que, em certas regiões, ainda há resistência em falar sobre saúde mental, possivelmente por estigma social ou receio de julgamento, até mesmo no ambiente espírita.

Considerações doutrinárias e práticas

- O Espiritismo oferece suporte moral, consolo e autoconhecimento, mas não substitui diagnóstico ou tratamento médico.
- Saber que mais de 1 em cada 4 espíritas já recebeu diagnóstico de transtorno mental reforça:
 - A urgência de acolhimento mais empático nos Centros Espíritas.
 - A necessidade de formação continuada para trabalhadores, para lidar com fragilidades emocionais e psíquicas sem julgamentos.
 - A importância de parcerias com profissionais da saúde quando necessário.

27. Caso você tivesse de escolher apenas um livro para ser estudado no ano na Casa Espírita, qual livro da codificação escolheria?

27. Caso você tivesse de escolher apenas um livro para ser estudado no ano na Casa Espírita, qual livro da codificação escolheria?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
O Livro dos Espíritos	39,5%	39,6%	37,1%	39,2%	39,0%	41,1%	43,5%	36,2%	37,2%	36,9%
O Evangelho Segundo O Espiritismo	36,9%	35,0%	40,2%	43,2%	34,7%	36,1%	35,1%	40,8%	38,5%	40,8%
O Livro dos Médiuns	9,3%	9,3%	8,4%	8,1%	11,0%	10,5%	8,6%	10,5%	9,2%	9,2%
A Gênesis	8,2%	9,7%	8,3%	5,4%	7,9%	6,7%	7,4%	7,3%	8,2%	7,2%
O Céu e o Inferno	6,1%	6,4%	5,9%	4,1%	7,4%	5,7%	5,4%	5,1%	6,9%	5,9%
Total	100,0%									

A questão 27 revela dados importantes sobre a preferência dos espíritas quanto ao foco doutrinário nos estudos sistematizados.

1. Divisão equilibrada entre O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo

- O Livro dos Espíritos: escolhido por 39,5% dos participantes.
- O Evangelho Segundo o Espiritismo: logo atrás, com 36,9%.

A pequena diferença reforça a **dualidade de perfis doutrinários** no Movimento Espírita:

- Um grupo que valoriza o estudo racional e filosófico (O Livro dos Espíritos).
- Outro que prioriza o aspecto moral e devocional (O Evangelho).

Regiões que mais favorecem **O Livro dos Espíritos**:

- PE (43,5%)
- PB (41,1%)
- MG (39,2%)

Regiões que mais favorecem **O Evangelho Segundo o Espiritismo**:

- MG (43,2%)
- RJ (40,2%)
- GO e ES (40,8%)

MG se destaca por apresentar as maiores taxas de ambos os livros, revelando ambivalência ou uma divisão interna em relação ao foco do estudo doutrinário.

2. O Livro dos Médiuns aparece em terceiro lugar, mas com baixa adesão

- Apenas 9,3% dos respondentes o escolheriam.
- Estados com maior preferência relativa:
 - BA (11,0%)
 - PB (10,5%)
 - ES (10,5%)

Isso é significativo, pois mostra que o estudo das práticas mediúnicas — baseada na razão, segurança e instrução — ainda é secundarizado, apesar de sua relevância prática para os Centros Espíritas.

3. A Gênesis e O Céu e o Inferno ficam com as menores preferências

- A Gênesis: 8,2%
- O Céu e o Inferno: 6,1%

Estados que mais valorizam **A Gênesis**:

- SP (9,7%)
- ES e BA (10,5% e 7,9%)

A Gênese, com seu conteúdo mais científico e filosófico, ainda parece pouco acessada ou compreendida, possivelmente por ser mais desafiadora intelectualmente.

Conclusões práticas e doutrinárias

- A liderança de O Livro dos Espíritos é coerente com a proposta original de Allan Kardec: oferecer uma base filosófica e estruturada da Doutrina Espírita.
- A forte presença de O Evangelho Segundo o Espiritismo sugere que o aspecto moral e emocional continua sendo o mais acolhido nas Casas Espíritas.
- A baixa escolha por O Livro dos Mídiuns, A Gênese e O Céu e o Inferno indica uma possível lacuna na formação doutrinária mais ampla e aprofundada.

28. O Centro que participa possui:

Seguem as respostas para: Bazar, Cantina, Livraria, Biblioteca, Salas de aula, Macas para passes, Cadeira de rodas, Bebedouro, Venda de refeições, Venda de produtos.

- 28. O Centro que participa possui: [Bazar]
- 28. O Centro que participa possui: [Cantina]
- 28. O Centro que participa possui: [Livraria]
- 28. O Centro que participa possui: [Biblioteca]
- 28. O Centro que participa possui: [Salas de aula]
- 28. O Centro que participa possui: [Macas para passes]
- 28. O Centro que participa possui: [Cadeira de rodas]
- 28. O Centro que participa possui: [Bebedouro]
- 28. O Centro que participa possui: [Venda de refeições]
- 28. O Centro que participa possui: [Venda de outros produtos]

Com base nas dez tabelas da pergunta 28, seguem os principais destaques e análises por item, com ênfase em presença nacional (BR), variações regionais relevantes e o que pode ser deduzido sobre a estrutura dos Centros Espíritas participantes:

1. Bazar

28. O Centro que participa possui: [Bazar]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	75,8%	80,5%	78,8%	68,4%	64,8%	61,0%	84,9%	74,3%	90,3%	78,8%
Não	20,4%	16,7%	18,6%	27,3%	28,9%	33,8%	11,0%	21,5%	6,5%	18,0%
Não sei	3,8%	2,8%	2,6%	4,2%	6,2%	5,2%	4,1%	4,2%	3,2%	3,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

- Presença alta nacionalmente (75,8%), com destaque para:
 - DF (90,3%), PE (84,9%), SP (80,5%)
- Menor presença no PB (61,0%)
- Pode indicar importante função de arrecadação ou assistência social.

2. Cantina

28. O Centro que participa possui: [Cantina]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	40,4%	36,7%	63,5%	31,5%	54,3%	43,0%	66,4%	42,1%	45,2%	35,9%
Não	55,4%	59,6%	34,4%	63,3%	42,7%	53,0%	30,4%	54,3%	48,6%	57,2%

Não sei	4,2%	3,6%	2,1%	5,2%	3,0%	4,0%	3,2%	3,7%	6,2%	6,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

- Presença média (40,4%), mas com forte variação:
 - Altíssima no RJ (63,5%) e PE (66,4%)
 - Baixíssima em MG (31,5%) e GO (35,9%)
- Pode refletir cultura local, questões de infraestrutura ou diretrizes doutrinárias mais rígidas em alguns estados.

3. Livraria

28. O Centro que participa possui: [Livraria]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	76,8%	77,5%	79,9%	61,2%	82,0%	73,4%	85,1%	75,1%	86,8%	78,1%
Não	20,3%	19,9%	18,0%	35,2%	15,9%	22,6%	12,6%	22,2%	10,9%	19,0%
Não sei	2,8%	2,6%	2,1%	3,7%	2,1%	4,0%	2,3%	2,7%	2,2%	2,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

- Presença muito alta (76,8%).
 - DF (86,8%), PE (85,1%), BA (82,0%)
- Indica grande valorização da literatura espírita nas casas.

4. Biblioteca

28. O Centro que participa possui: [Biblioteca]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	77,3%	80,1%	82,6%	86,4%	73,1%	60,2%	77,9%	76,5%	67,2%	72,9%
Não	17,6%	15,6%	12,9%	10,6%	21,8%	32,7%	15,5%	18,6%	24,6%	21,9%
Não sei	5,0%	4,3%	4,5%	3,0%	5,0%	7,1%	6,5%	4,9%	8,2%	5,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

- Semelhante à livraria, com presença de 77,3%, mas:
 - MG se destaca (86,4%) e PB tem presença mais baixa (60,2%)
- Mostra esforço contínuo em promoção de estudo e leitura, talvez com foco mais interno (biblioteca) do que externo (livraria).

5. Salas de Aula

28. O Centro que participa possui: [Salas de aula]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	85,4%	88,1%	85,8%	80,7%	75,8%	77,6%	84,9%	88,0%	91,8%	89,5%
Não	11,6%	9,5%	11,4%	16,9%	20,5%	18,9%	11,7%	8,6%	5,7%	7,2%
Não sei	3,0%	2,4%	2,8%	2,4%	3,7%	3,6%	3,4%	3,4%	2,5%	3,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

- Item mais presente de todos (85,4%), com:
 - Destaque para DF (91,8%) e ES (88,0%)
- Indica que o ensino sistematizado é prioridade na maioria das casas.

6. Macas para passes

28. O Centro que participa possui: [Macas para passes]	BR	SP	GO	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	33,8%	30,1%	37,9%	30,8%	46,4%	29,1%	53,4%	32,0%	63,8%	43,8%

Não	53,9%	56,2%	52,1%	57,5%	43,8%	60,0%	32,4%	58,9%	25,1%	47,1%
Não sei	12,3%	13,7%	10,0%	11,7%	9,8%	10,9%	14,2%	9,0%	11,2%	9,2%
Total	100,0%									

- Baixa presença (33,8%), mas:
 - Muito comum no DF (63,8%) e PE (53,4%)
- Pode indicar diferenças no entendimento ou nas práticas de passe com imposição horizontal, versus passe em pé.

7. Cadeira de rodas

28. O Centro que participa possui: [Cadeira de rodas]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	36,8%	44,8%	37,9%	24,2%	29,5%	23,3%	42,8%	19,1%	49,4%	30,7%
Não	43,5%	35,6%	52,1%	56,8%	52,4%	62,5%	36,7%	60,6%	24,1%	50,7%
Não sei	19,7%	19,6%	10,0%	19,0%	18,1%	14,3%	20,5%	20,3%	26,6%	18,6%
Total	100,0%									

- Presença modesta (36,8%), com:
 - Destaques no DF (49,4%), SP (44,8%) e RJ (37,9%)
 - Presença muito baixa no ES (19,1%)
- Pode indicar limitações de acessibilidade, especialmente em centros mais antigos ou com recursos escassos.

8. Bebedouro

28. O Centro que participa possui: [Bebedouro]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	93,4%	94,2%	93,8%	93,1%	93,2%	88,9%	94,1%	91,4%	96,3%	97,4%
Não	4,3%	3,6%	4,8%	5,5%	4,6%	8,2%	2,7%	6,1%	1,2%	0,7%
Não sei	2,3%	2,2%	1,4%	1,4%	2,2%	2,9%	3,2%	2,4%	2,5%	2,0%
Total	100,0%									

- Presente em 93,4% dos Centros, quase universal.
 - GO (97,4%) e DF (96,3%) lideram.
- Indica item básico de acolhimento e estrutura física mínima.

9. Venda de refeições

28. O Centro que participa possui: [Venda de refeições]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	24,3%	24,5%	33,1%	8,9%	29,1%	25,6%	49,8%	29,1%	26,3%	17,3%
Não	66,3%	66,4%	58,9%	81,4%	59,8%	67,3%	41,0%	61,1%	61,3%	72,9%
Não sei	9,4%	9,1%	8,0%	9,7%	11,1%	7,1%	9,2%	9,8%	12,4%	9,8%
Total	100,0%									

- Baixa presença geral (24,3%), exceto:
 - PE (49,8%) e RJ (33,1%)
 - Muito rara em MG (8,9%)
- Pode ser associada a eventos, feiras ou almoços benéficos, e talvez dependa de espaço físico e cultura local.

10. Venda de outros produtos

28. O Centro que participa possui: [Venda de outros produtos]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	40,0%	44,7%	41,8%	27,0%	40,4%	32,9%	50,0%	34,2%	45,4%	40,2%
Não	47,7%	43,8%	45,8%	60,3%	47,5%	56,4%	36,0%	52,8%	39,2%	48,4%
Não sei	12,3%	11,5%	12,4%	12,8%	12,2%	10,7%	14,0%	13,0%	15,4%	11,4%
Total	100,0%									

- Presença intermediária (40%)
 - Mais comum em PE (50,0%), SP (44,7%) e DF (45,4%)
 - Menor em MG (27,0%)
- Pode envolver camisetas, artesanato, itens com frases espíritas, etc.

Síntese Geral

Item	Presença nacional (Sim)	Observação
Salas de Aula	85,4%	Estrutura prioritária para o ensino
Bebedouro	93,4%	Praticamente universal
Biblioteca	77,3%	Grande presença
Livraria	76,8%	Muito comum e valorizada
Bazar	75,8%	Muito presente, com foco em assistência
Cantina	40,4%	Presença variável conforme a região
Venda de outros produtos	40,0%	Expressiva em alguns estados
Cadeira de rodas	36,8%	Pode indicar deficiência de acessibilidade
Macas para passes	33,8%	Compreensões doutrinárias influenciam uso
Venda de refeições	24,3%	Menor presença, associada a eventos ou refeições

29. Como pode ser melhorada a divulgação pública do Espiritismo?

Análise apenas das respostas obtidas e deixadas em branco. Revela uma participação dividida:

29. Como pode ser melhorada a divulgação pública do Espiritismo?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
(Responderam)	50,4%	47,1%	50,2%	48,6%	52,4%	47,6%	48,6%	46,2%	44,2%	46,7%
(Não responderam)	49,6%	52,9%	49,8%	51,4%	47,6%	52,4%	51,4%	53,8%	55,8%	53,3%
Total	100,0%									

Análise geral (BR)

- Responderam: 50,4%
- Não responderam: 49,6%

Metade dos participantes optou por não responder, o que é significativo para uma questão aberta. Pode refletir:

- Desconhecimento sobre estratégias de divulgação
- Falta de interesse pelo tema
- Cansaço com o tamanho do questionário
- Dificuldade em expressar opinião escrita ou crítica
- Indisposição para contribuir com ideias novas

Variações regionais

- **Maior participação (responderam):**

- BA (52,4%)
- RJ (50,2%)

- BR (50,4%)

- **Menor participação (responderam):**
 - DF (44,2%)
 - ES (46,2%)
 - GO (46,7%)

Mesmo entre os estados com maior adesão, os índices giram em torno de apenas metade dos respondentes.

Observações

- O fato de quase metade dos participantes não responder uma pergunta tão relevante sugere necessidade de mobilização:
 - Mais estímulo ao pensamento crítico e propositivo
 - Ambientes que incentivem participação mais ativa
 - Valorização da comunicação como campo estratégico no movimento espírita
- Pode também ser sintoma de que a comunicação espírita ainda é tratada de forma periférica, sem que os frequentadores se sintam parte da solução.

30. Acredita que existam entidades espirituais da natureza que se situam entre os animais e os humanos?

30. Acredita que existam entidades espirituais da natureza que se situam entre os animais e os humanos?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	63,7%	65,1%	62,3%	67,9%	66,5%	59,3%	60,8%	59,9%	64,0%	58,8%
Talvez	10,0%	10,7%	9,5%	8,4%	7,9%	9,6%	9,7%	8,6%	10,4%	12,1%
Não	10,8%	10,3%	12,7%	9,8%	8,6%	9,2%	12,4%	10,5%	11,9%	12,4%
Não sei	10,8%	10,1%	10,4%	10,4%	10,5%	12,8%	9,0%	17,1%	9,4%	12,7%
Prefiro não responder	4,7%	3,9%	5,2%	3,5%	6,5%	9,0%	8,1%	3,9%	4,2%	3,9%
Total	100,0%									

A pergunta 30 revela um dado **doutrinariamente sensível**, por estar pouco fundamentado em Kardec e mais influenciado por correntes espiritualistas ou esotéricas.

Análise geral (BR)

Resposta	Percentual
Sim	63,7%
Talvez	10,0%
Não	10,8%
Não sei	10,8%
Prefiro não responder	4,7%

Mais de 6 em cada 10 espíritas acreditam na existência dessas entidades intermediárias entre animais e humanos — algo que não é doutrinariamente sustentado na codificação de Kardec, embora haja uma pequena menção em O Livro dos Espíritos (LE, questão 128) sobre "seres que parecem pertencer a dois reinos simultaneamente", sem qualquer aprofundamento e nem relação direta com seres inteligentes ou agentes da natureza.

Destaques regionais

- **Crença mais alta ("Sim"):**
 - MG (67,9%), BA (66,5%), SP (65,1%)
- **Crença mais baixa ("Sim"):**
 - GO (58,8%), PB (59,3%), ES (59,9%)
- **Alta indecisão ("Não sei"):**

- ES (17,1%) — destaca-se com incerteza bem acima da média nacional (10,8%)

- **Negação mais forte (“Não”):**

- PE (12,4%), GO (12,4%), RJ (12,7%)

Implicações doutrinárias

Esse resultado aponta para uma contaminação simbólica vinda de crenças populares, esoterismo, tradições místicas ou mesmo da cultura midiática (como fadas, duendes, elementais, etc.), o que pode:

- Indicar a fragilidade do estudo doutrinário sólido
- Mostrar a ausência de debates críticos sobre os limites do Espiritismo
- Sugerir sincretismos não reconhecidos pela obra de Kardec

Sugestão de atenção

Este é um ponto que poderia ser abordado em cursos doutrinários com clareza, mas sem dogmatismo — valorizando o estudo sério da obra de Kardec e promovendo a disciplina do pensamento espírita:

“Estudar não é crer em tudo. É confrontar, analisar e entender os limites e os fundamentos da Doutrina.”

Reflexão Doutrinária

Tema: Entidades espirituais da natureza intermediárias entre animais e humanos

A pergunta sobre a existência de entidades espirituais que se situam entre animais e humanos — como fadas, duendes, silfos ou elementais — toca um ponto sensível, que não encontra base segura na Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

O que diz Kardec?

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 128, Kardec pergunta: “Há seres que pertencem a mundos intermediários, entre o nosso mundo corpóreo e o mundo dos Espíritos propriamente dito?”

Os Espíritos respondem: “Sim, e às vezes são visíveis, mas não têm as qualidades do homem.”

Essa resposta é breve e ambígua. Kardec não desenvolve esse ponto nem o associa a seres inteligentes, com vontade própria ou função moral. Ele tampouco os coloca na escala dos Espíritos como uma classe autônoma. Portanto, qualquer interpretação que veja aqui uma validação doutrinária para entidades como elementais é especulativa.

A visão da Codificação

- O Espiritismo reconhece apenas dois reinos espirituais inteligentes:
 - O dos Espíritos humanos, em evolução contínua (de simples e ignorantes até puros);
 - E o reino animal, com rudimentos de inteligência, mas sem consciência moral ou individualidade duradoura após a morte.
- A Doutrina não menciona espíritos intermediários com funções da natureza, como fazem o esoterismo, o ocultismo e a teosofia.

Influências externas e confusões comuns

Autores como Eliphas Lévi, Papus, Madame Blavatsky e outros do esoterismo europeu falam amplamente sobre elementais, espíritos da natureza, devas e seres intermediários. Essas ideias influenciaram muitas correntes espiritualistas, mas não pertencem ao corpo doutrinário do Espiritismo.

Mesmo Léon Denis, em sua obra *No Invisível*, menciona essas ideias com cautela, reconhecendo a influência das tradições, mas sem validá-las como parte do Espiritismo:

“A tradição fala de elementais, gnomos, silfos, salamandras, mas o Espiritismo ainda não demonstrou a realidade disso de maneira clara e segura.” (*No Invisível*, cap. VI)

Conclusão didática

É natural que alguns espíritas — influenciados por leituras externas, tradições religiosas ou mesmo pela cultura popular — admitam a existência desses seres. Porém, do ponto de vista kardecista, essa crença não se sustenta. O Espiritismo baseia-se no estudo metódico, na razão e na verificação rigorosa. Por isso, é papel das Casas Espíritas ajudarem os frequentadores a discernir o que é doutrina e o que é sincretismo ou crença pessoal.

“É melhor rejeitar dez verdades do que aceitar uma única mentira.” (Allan Kardec, Revista Espírita, janeiro de 1868)

Arthur Conan Doyle trata do tema com bastante destaque — mas fora da perspectiva espírita codificada por Kardec. Embora fosse um entusiasta e defensor do Espiritismo, Doyle também se envolveu com ideias espiritualistas e ocultistas mais amplas, o que gerou confusão sobre o que é ou não Espiritismo em sua obra.

Conan Doyle e os espíritos da natureza

Em seu livro "The Coming of the Fairies" (1922) (*A Chegada das Fadas*), Doyle defende como autênticas as famosas fotografias das fadas de Cottingley, tiradas por duas meninas inglesas. Ele argumenta que as imagens provavam a existência de seres elementais invisíveis ao olhar comum.

Além disso, Doyle demonstrava interesse por temas como:

- Devas, elementais, espíritos da natureza, influenciado por autores da Teosofia e do ocultismo vitoriano;
- Comunicados mediúnicos que falavam sobre reinos espirituais paralelos, mas sem base doutrinária kardecista;
- A crença em uma hierarquia de seres espirituais, incluindo anjos, espíritos da natureza e guias etéricos.

Espiritismo x Espiritualismo

É importante esclarecer que:

- Doyle era espiritualista no sentido mais amplo — e defensor do Espiritismo como ciência da sobrevivência da alma, mas não era um doutrinador kardecista rigoroso.
- A aceitação acrítica de fenômenos, como fadas ou gnomos, por parte de Doyle, reflete mais o clima cultural do início do século XX do que os fundamentos da Doutrina Espírita.

Avaliação doutrinária

Do ponto de vista espírita (codificado), os relatos e crenças de Doyle:

- Devem ser vistos como opiniões pessoais, por mais respeitável que seja sua trajetória como divulgador do mundo espiritual;
- Não têm base nos princípios da razão, controle universal e coerência filosófica que Kardec exige;
- São, portanto, úteis para entender o contexto histórico e a diversidade espiritualista da época, mas não podem ser confundidos com a Doutrina Espírita.

O livro "Espíritos Elementais", de Carlos A. Baccelli, pelo espírito Paulino Garcia, é uma obra que desperta atenção por abordar um tema raro dentro da literatura espírita: a possível existência de seres espirituais ligados à natureza, tradicionalmente chamados de “elementais”.

Carlos A. Baccelli é um autor prolífico e respeitado por muitos espíritas, especialmente por sua fidelidade à moral espírita e ao trabalho voluntário em Uberaba. No entanto:

- O livro propõe uma leitura espiritualista de manifestações da natureza, com base em observações mediúnicas feitas por Paulino Garcia;
- Apresenta os espíritos elementais como entidades vinculadas a reinos intermediários, anteriores à razão plena, e sem vínculo direto com a moralidade humana;
- Alega que esses espíritos podem colaborar com a organização da natureza, sob orientação de espíritos superiores, especialmente na transição do planeta;

- Há a ideia de que tais entidades não pertencem à linha evolutiva humana, sendo uma espécie de “fauna espiritual”;

Do ponto de vista da Doutrina Espírita Codificada

1. Kardec praticamente silencia sobre esse tema, mas há uma menção sutil:

- Na *Revue Spirite*, edição de junho de 1858, Kardec comenta sobre os “espíritos da natureza”, observando que seriam espíritos ainda muito inferiores, talvez em início de evolução.
- Porém, ele não afirma nem desenvolve a existência de reinos espirituais paralelos aos humanos;
- Não há nas obras fundamentais (*O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Mídiuns* etc.) uma doutrina estruturada sobre elementais, como há na Teosofia, por exemplo.

Portanto, o tema é periférico e tratado com muita cautela por Kardec.

Considerações finais

A Doutrina Espírita não nega nem afirma a existência de espíritos da natureza, mas exige prudência e estudo para incorporar novos conceitos.

Obras como essa não devem ser descartadas, mas avaliadas segundo o critério kardeciano: universalidade do ensino dos Espíritos, controle racional e moralidade das consequências.

A mudança de foco em autores antes mais doutrinários pode refletir interesses editoriais, espirituais ou até sociais, e exige cuidado dos leitores e estudiosos.

31. Para o Espiritismo, Jesus é:

Esta pergunta revela percepções variadas sobre a figura de **Jesus no Espiritismo**, que é um ponto doutrinariamente bem estabelecido na codificação.

31. Para o Espiritismo, Jesus é:	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Espírito Puro	43,2%	39,8%	49,0%	45,1%	40,9%	43,4%	44,1%	47,4%	42,7%	42,5%
Espírito Superior	37,6%	41,3%	32,0%	34,4%	40,2%	33,8%	34,0%	34,0%	34,7%	34,3%
Filho de Deus	11,6%	12,2%	10,1%	11,1%	12,5%	11,9%	12,6%	10,3%	11,7%	12,4%
Médium de Deus	3,5%	2,7%	3,8%	4,1%	2,8%	4,8%	3,8%	3,9%	4,5%	5,9%
Modelo e guia para a humanidade	0,6%	0,5%	0,9%	0,6%	0,7%	1,7%	1,6%	1,5%	0,7%	0,7%
Não sei	0,4%	0,3%	0,2%	0,5%	0,4%	0,6%	0,5%	0,2%	1,0%	0,3%
Todas as alternativas estão corretas	0,5%	0,5%	0,3%	0,6%	0,4%	0,2%	0,2%	0,5%	0,7%	0,0%
Governador da Terra	0,4%	0,4%	0,9%	0,6%	0,1%	0,8%	0,2%	1,0%	0,5%	0,7%
Espirito Cristico	0,2%	0,1%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,2%	0,7%
Mestre	0,1%	0,1%	0,1%	0,4%	0,4%	0,0%	0,2%	0,0%	0,2%	0,3%
Nosso irmão maior	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,2%	0,0%
Outros	1,8%	1,7%	2,6%	2,2%	1,3%	2,7%	2,3%	1,2%	2,7%	2,3%
Total	100,0%									

Referência doutrinária (Kardec)

Allan Kardec é claro em afirmar que Jesus é um Espírito Puro, ou seja, um espírito que atingiu o grau máximo da escala espírita e não mais está sujeito à reencarnação nem possui imperfeições morais.

- Em *O Livro dos Espíritos*, questão 625, Kardec pergunta:
- "Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?"
- — Resposta: "Jesus"
- Na questão 627, os Espíritos explicam que Jesus não era apenas um missionário entre outros, mas um ser excepcional, dotado de plena ciência das leis divinas, inclusive naturais e morais.
- Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdutoriamente, Jesus é descrito como modelo de perfeição moral, o mais puro de todos os enviados divinos, não um Deus, mas um espírito sublime, nosso guia e exemplo.

Assim, Espírito Puro, Modelo e Guia são os títulos que mais diretamente expressam o pensamento de Kardec.

Análise dos dados da pesquisa

Alternativa	Percentual Brasil (BR)	Comentário
Espírito Puro	43,2%	É a mais próxima da definição doutrinária — o dado mais elevado, mas ainda longe de ser consensual.
Espírito Superior	37,6%	Resposta tecnicamente inferior à de "Espírito Puro"; demonstra desconhecimento da classificação codificada, pois Espírito Superior é um estágio ainda abaixo de Espírito Puro.
Filho de Deus	11,6%	Interpretação mais influenciada pela tradição cristã religiosa — embora correta sob o ponto de vista geral (todos somos filhos de Deus), não é uma definição espírita doutrinária de Jesus.
Médium de Deus	3,5%	Muito usada por alguns autores espiritistas, mas não consta da codificação com essa designação. Pode gerar confusão sobre a natureza de Jesus.
Modelo e guia para a humanidade	0,6%	Chama atenção por ser baixíssima, apesar de ser expressão literal de Kardec.
Outras	Variações menores	Incluem designações afetivas ("Nosso irmão maior") ou místicas ("Espírito Crístico"), sem base clara na codificação.

Pontos de atenção e possíveis causas

Confusão conceitual: A proximidade entre os termos "Espírito Superior" e "Espírito Puro" leva muitos a optarem pelo primeiro, por familiaridade ou falta de conhecimento preciso da escala espírita.

Influência religiosa externa: A expressão "Filho de Deus" é compreendida mais como título cristão tradicional do que como descrição espírita; seu uso mais elevado em alguns estados pode indicar resquício da religiosidade cristã tradicional.

Desvalorização da linguagem doutrinária: O fato de apenas 0,6% indicarem "modelo e guia para a humanidade" — termo exato utilizado por Kardec — sugere desconhecimento do texto fundamental da doutrina.

Expressões livres e subjetivas: Termos como "médium de Deus", "governador da Terra", "Espírito Crístico" e "nosso irmão maior" têm alguma presença na literatura mediúnica, mas não são oriundos da codificação kardeciana. Aparecem mais em obras complementares e, às vezes, especulativas.

Considerações finais

A predominância de "Espírito Puro" é um bom sinal, mas a presença elevada da categoria "Espírito Superior" mostra uma necessidade de melhor difusão da escala espírita;

A baixa aderência à terminologia kardeciana literal ("modelo e guia") indica um distanciamento da codificação em favor de interpretações mais literárias, afetivas ou religiosas;

Sugere-se que os centros espíritas reforcem a leitura dos textos básicos de Kardec, especialmente O Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo, para restaurar o entendimento claro da natureza de Jesus no Espiritismo.

32. Você frequenta regularmente uma Casa Espírita?

Esta questão traz um panorama valioso sobre a frequência regular às Casas Espíritas, indicando um alto nível de participação presencial, mas também sinais importantes de transformação e desafio. Vamos à análise:

32. Você frequenta regularmente uma Casa Espírita?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Mais de forma presencial	79,2%	79,3%	79,4%	78,7%	82,0%	80,7%	80,0%	81,9%	80,9%	77,1%
Mais de modo virtual	8,4%	9,1%	8,5%	7,9%	5,9%	9,4%	4,5%	6,6%	8,9%	6,9%
Esporadicamente	6,7%	6,5%	6,3%	7,6%	6,7%	6,1%	9,5%	6,6%	5,7%	8,5%
Não	3,3%	3,2%	3,8%	3,6%	3,9%	1,7%	2,5%	2,2%	3,0%	3,3%
Não, mas pretendo	2,2%	1,9%	2,1%	2,2%	1,5%	2,1%	3,6%	2,7%	1,5%	4,2%
(vazio)	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Resumo nacional (BR)	
Alternativa	Percentual BR
Mais de forma presencial	79,2%
Mais de modo virtual	8,4%
Esporadicamente	6,7%
Não	3,3%
Não, mas pretendo	2,2%
Total	100%

Principais destaques regionais

- A maior frequência presencial está na Bahia (82%), seguida do Espírito Santo (81,9%), DF (80,9%) e PB (80,7%).
- A participação virtual é mais expressiva na PB (9,4%), SP (9,1%), DF (8,9%) e RJ (8,5%) — estados com maior urbanização e conectividade.
- Esporadicidade mais alta em PE (9,5%) e GO (8,5%).
- A não frequência e o desejo futuro de frequentar são minoritários, mas devem ser acompanhados. Goiás apresenta o maior percentual de pessoas que ainda não frequentam, mas pretendem fazê-lo (4,2%).

Interpretação dos dados

1. Presencial ainda é predominante

O dado mais significativo é a forte presença nos Centros Espíritas, o que sugere:

- Forte vínculo comunitário e cultural;
- Manutenção das práticas tradicionais (palestras, passes, evangelho etc.);
- Resistência parcial à substituição total pelo ambiente digital.

2. Virtualização é relevante

A média de 8,4% no Brasil mostra que uma parcela já migrou ou complementa a vivência com conteúdo online.

Essa tendência deve ser considerada:

- Não como ameaça, mas como oportunidade;
- Centros podem expandir seu alcance com transmissões e conteúdos digitais.

3. Desafios de continuidade

A soma de esporádicos + não frequentam + pretendem representa cerca de 12% dos respondentes, o que alerta para:

- Necessidade de estratégias de acolhimento;
- Criação de espaços mais flexíveis e significativos para diferentes perfis;
- Entendimento dos motivos da não participação — distância, rotina, desmotivação ou falta de identificação.

Sugestões de ação para os Centros Espíritas

1. Valorizar a presença, sem ignorar o digital
2. Estabelecer uma presença híbrida: manter atividades presenciais e oferecer conteúdo de qualidade online, inclusive interativo.
3. Investir no acolhimento dos esporádicos e novos
 - o Grupos de integração e estudo inicial;
 - o Escuta ativa e personalização de rotas de participação.
4. Estudar as causas da não frequência
5. Um pequeno grupo (5,5%) que não frequenta ou apenas pretende merece atenção, especialmente os mais jovens ou novos simpatizantes.
6. Incluir linguagem atual e causas sociais
7. Centros que dialogam com os dilemas atuais da sociedade podem atrair mais simpatizantes e evitar a evasão.

33. Você percebe diferenças significativas no entendimento da Doutrina, pelos instrutores?

33. Você percebe diferenças significativas no entendimento da Doutrina, pelos instrutores?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Sim	50,0%	53,5%	42,4%	50,2%	48,6%	47,5%	46,3%	44,0%	49,1%	45,6%
Não	37,9%	35,4%	43,2%	36,4%	37,9%	41,4%	40,3%	43,2%	37,9%	41,7%
Não se aplica	6,6%	6,3%	7,5%	7,4%	8,6%	6,3%	6,0%	5,9%	6,5%	8,1%
Não sei	5,5%	4,8%	6,9%	6,0%	4,9%	4,8%	7,4%	6,9%	6,5%	4,6%
Total	100,0%									

Essa questão é particularmente reveladora, pois trata da percepção crítica dos frequentadores em relação à consistência doutrinária nas exposições espíritas, ou seja, do nível de discernimento e observação dos participantes sobre os conteúdos transmitidos nas Casas Espíritas.

Resumo nacional (BR)

Alternativa	Percentual BR
Sim (percebem diferenças significativas)	50,0%
Não	37,9%
Não se aplica	6,6%
Não sei	5,5%
Total	100%

Destaques regionais

- O percentual mais alto de percepção crítica foi em São Paulo (53,5%) e Minas Gerais (50,2%), seguidos de perto por DF (49,1%) e Bahia (48,6%).
- Os menores índices de percepção de divergências doutrinárias aparecem no Rio de Janeiro (42,4%) e Espírito Santo (44,0%) — o que não significa maior unidade, mas pode indicar menor senso crítico ou menor exposição à diversidade de ideias.
- A taxa de “Não se aplica” e “Não sei” permanece próxima ou acima de 10% em vários estados — um dado que pode apontar:
 - Pessoas recém-chegadas;
 - Baixo nível de envolvimento nos estudos;
 - Ausência de reflexão sobre o conteúdo doutrinário.

Interpretação e análise crítica

1. Metade percebe diferenças doutrinárias

Esse dado é significativo e preocupante, pois demonstra que, mesmo com um conjunto de princípios bem definidos por Kardec, há variações importantes na forma como os instrutores apresentam o Espiritismo.

Essa percepção pode decorrer de:

- Falta de preparo doutrinário sólido por parte dos expositores;
- Influência de conceitos religiosos exteriores ao Espiritismo (ex: sincretismos com catolicismo ou esoterismo);
- Ausência de formação continuada e sistematizada para os instrutores;
- Desconhecimento da obra básica por parte dos próprios dirigentes, permitindo interpretações subjetivas.

2. Correlação com outras questões

- A percepção de divergência doutrinária dialoga diretamente com a questão 31, onde muitos apontam Jesus como “Filho de Deus” (11,6%), “Médium de Deus” (3,5%) ou até outras expressões não alinhadas com a codificação — indicando formações e exposições contraditórias.

- Ela também se conecta com a pergunta 27 (livro escolhido para estudo): uma predominância do *Evangelho Segundo o Espiritismo* pode favorecer abordagens moralistas ou religiosas, enquanto a ausência de *A Gênese* ou *O Livro dos Médiuns* pode restringir a visão científica e filosófica da Doutrina.
- Por fim, a questão 30 (espíritos da natureza) mostra que parte significativa dos espíritas acredita em conceitos ausentes da codificação, e isso pode refletir o que lhes é ensinado ou abordado nos estudos.

Reflexão: estamos formando intérpretes da Doutrina ou apenas repetidores de ideias?

O dado de 50% de percepção de diferenças pode ser visto como sinal de maturidade crítica de parte do público, mas também como alerta para o risco de desvio doutrinário.

Sugestões de ação

1. **Implantar formação sistemática para instrutores:** com base em Kardec e nos métodos de ensino progressivo, evitando interpretações pessoais.
2. **Revisão e validação dos conteúdos doutrinários:** especialmente nas palestras públicas e grupos de estudo.
3. **Incentivar a leitura das obras fundamentais** em sua íntegra, evitando apenas trechos isolados.
4. **Criar espaços de estudo comparativo e crítico** (ex: seminários de aprofundamento com foco nas divergências doutrinárias e seu enfrentamento).

34. Qual é o nome do Centro Espírita que costuma frequentar?

Esta tabela apresenta apenas a informação do índice de participação nas respostas:

Essa tabela revela altíssima taxa de identificação do Centro Espírita frequentado pelos respondentes, o que tem implicações importantes tanto para a qualidade da amostra, quanto para a possibilidade de aprofundamento nas análises por instituição ou região.

34. Qual é o nome do Centro Espírita que costuma frequentar?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
(não informado)	6,5%	6,4%	6,3%	7,3%	5,8%	4,6%	0,5%	5,9%	1,6%	8,5%
(informado)	93,5%	93,6%	93,8%	92,7%	94,2%	95,4%	99,5%	94,1%	98,4%	91,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Destaques numéricos

- **Índice nacional de identificação (informado): 93,5%**
 - Apenas 6,5% dos respondentes não informaram o nome do Centro.
- **Estados com maior percentual de resposta:**
 - Pernambuco (99,5%)
 - Distrito Federal (98,4%)
 - Paraíba (95,4%)
- **Estados com menor percentual de resposta:**
 - Goiás (91,5%)
 - Minas Gerais (92,7%)
 - São Paulo e Rio de Janeiro (93,6% e 93,8%), ainda assim bem elevados.

Análise qualitativa

1. Comprometimento dos respondentes

- Informar o nome do Centro revela envolvimento direto com a instituição e disposição para contribuir com dados úteis à pesquisa.
- Esse dado, associado à questão 32 (“Você frequenta regularmente uma Casa Espírita?”), fortalece a consistência da amostra como composta por frequentadores reais e ativos do movimento espírita.

2. Potencial de uso dos dados

- A partir dos nomes informados, é possível:
 - Realizar estudos comparativos entre Centros (por região, por linhas doutrinárias, por tamanho);
 - Avaliar diferenças na condução de estudos ou práticas doutrinárias;
 - Produzir mapas ou rankings de engajamento regional com base na densidade de Centros mencionados.

3. Cuidado com o sigilo e ética

- Apesar do valor analítico dos nomes, é fundamental garantir anonimato e não expor Centros individualmente sem autorização.
- A análise deve sempre se restringir a grupos com volume significativo de respostas para evitar viés.

4. Ponto de atenção

- Os percentuais mais baixos (MG, GO, SP) não comprometem a base geral, mas podem sugerir:
 - Centros com nomes genéricos (“Centro Espírita da Paz”, por exemplo);
 - Respondentes que não souberam indicar o nome completo;
 - Participação de visitantes ou simpatizantes menos envolvidos institucionalmente.

Conclusão

A tabela 34 reforça a força e confiabilidade da base de dados da PNE 2025. A altíssima taxa de identificação dos Centros Espíritas demonstra:

- Forte vínculo com as instituições;
- Possibilidade real de análise regional aprofundada;
- Alto grau de interesse e responsabilidade dos participantes com o movimento espírita.

35. Quanto concorda com as frases abaixo:

Esta pergunta se repete para 9 frases, cada uma abordando um aspecto diferente:

35. [Poucos contribuem financeiramente com o Centro]

As respostas apresentam predominância de um sentimento de insuficiência nas doações.

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [Poucos contribuem financeiramente com o Centro]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	39,6%	39,0%	41,3%	44,5%	40,8%	40,5%	35,0%	41,4%	40,8%	38,5%
Concordo totalmente	26,6%	24,5%	24,2%	26,0%	32,8%	35,9%	34,3%	27,0%	19,0%	31,4%
Discordo	11,8%	13,5%	11,5%	9,4%	10,3%	6,3%	8,9%	10,3%	13,0%	11,0%
Discordo totalmente	1,8%	1,7%	2,6%	1,7%	1,3%	1,7%	1,4%	1,3%	2,9%	0,7%
Neutro	20,2%	21,3%	20,4%	18,4%	14,9%	15,5%	20,4%	20,1%	24,4%	18,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Destaques numéricos

• Concordam (soma de "Concordo" e "Concordo totalmente"):

- 66,2% no total BR: A maioria reconhece que poucos contribuem financeiramente com o Centro.
- Estados com maior concordância total:
 - Paraíba (76,4%)
 - Bahia (73,6%)
 - Minas Gerais (70,5%)
- Estado com menor concordância total:
 - Distrito Federal (59,8%), embora ainda seja maioria.

- **Discordam (soma de "Discordo" e "Discordo totalmente"):**
 - Apenas 13,6% no total nacional — indicando que uma minoria tem percepção contrária.
 - Distrito Federal tem a maior taxa de discordância (15,9%), seguido por São Paulo (15,2%).
- **Resposta Neutra:**
 - Representa 20,2% do total — um número significativo que aponta para incerteza ou falta de clareza sobre as finanças da instituição, ou possível distanciamento dos respondentes da gestão administrativa.

Análise qualitativa

1. Percepção generalizada de baixa contribuição

- A maioria absoluta dos respondentes acredita que poucos contribuem financeiramente, o que reforça a impressão de sobrecarga para poucos doadores ou a falta de engajamento coletivo com a manutenção da Casa Espírita.
- Essa percepção pode estar ligada a:
 - Falta de transparência financeira.
 - Desinformação dos frequentadores.
 - Desvalorização da contribuição como parte da vivência espírita.
 - Cultura de gratuidade total mal interpretada.

2. Diferenças regionais relevantes

- Estados como PB, BA e MG se destacam por uma percepção ainda mais aguda do problema.
- O DF, embora tenha a menor taxa de concordância total, não chega a se destacar positivamente — o índice ainda aponta maioria percebendo problema.

3. Implicações para os Centros Espíritas

- Esse resultado sinaliza desafio estrutural e recorrente.
- Pode indicar a necessidade de:
 - Esclarecimento doutrinário sobre o papel da contribuição espontânea.
 - Melhoria na comunicação institucional, mostrando como o dinheiro é utilizado.
 - Criação de estratégias de sustentabilidade com participação coletiva.

Conclusão parcial

A tabela evidencia uma forte percepção de que a sustentação financeira dos Centros Espíritas recai sobre poucos contribuintes. Isso representa uma vulnerabilidade institucional importante, pois demonstra:

- Desequilíbrio no compromisso coletivo.
- Potencial desânimo entre os que sustentam financeiramente.
- Desalinhamento entre a missão doutrinária e a prática de corresponsabilidade.

35. [O Centro deveria criar ou ampliar o tratamento de cura]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [O Centro deveria criar ou ampliar o tratamento de cura]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	33,5%	34,6%	34,3%	34,2%	36,2%	36,2%	29,7%	30,3%	31,4%	31,1%
Concordo totalmente	18,2%	17,8%	16,2%	20,2%	21,9%	21,1%	19,2%	14,1%	16,6%	19,8%
Discordo	14,9%	14,1%	15,3%	15,5%	13,5%	12,9%	16,1%	12,9%	17,9%	17,0%
Discordo totalmente	3,1%	2,4%	3,7%	2,6%	3,9%	4,1%	2,9%	3,6%	2,3%	2,5%
Neutro	30,3%	31,1%	30,5%	27,6%	24,5%	25,7%	32,1%	39,1%	31,7%	29,7%
Total	100,0%									

Trata-se de um tema que toca tanto aspectos doutrinários quanto as expectativas práticas da comunidade frequentadora.

Análise Geral – Brasil

Posição	Percentual
Concordo + Concordo totalmente	51,7%
Discordo + Discordo totalmente	18,0%
Neutros	30,3%

Mais da metade dos respondentes se posiciona a favor da criação ou ampliação de práticas que se entendam como “tratamento de cura”, embora uma proporção expressiva (30%) adote uma postura neutra, talvez indicando:

- dúvida sobre a natureza dessas práticas;
- incerteza doutrinária quanto à legitimidade da expressão “cura”;
- ou mesmo desconhecimento sobre o que o Centro já oferece nesse campo.

Análise por Estado – Destaques

- **Estados com maior apoio (Concordo + Concordo totalmente):**
 - PB (57,3%), BA (58,1%) e MG (54,4%) — locais com tradição de práticas espirituais de passes, irradiações, água fluidificada e tratamentos magnéticos com mais ênfase.
- **Estados com maior percentual de indecisos (Neutro):**
 - ES (39,1%) e PE (32,1%) — pode indicar incerteza doutrinária ou um cenário onde os Centros tratam a questão de modo mais reservado ou racionalizado.
- **Estados com mais resistência (Discordo + Discordo totalmente):**
 - DF (20,2%), GO (19,5%), PE (19,0%) — podem refletir uma concepção mais doutrinária e cautelosa, em especial se houver maior influência de grupos que evitam o uso do termo “cura” no contexto espírita.

Análise doutrinária e crítica

A palavra “cura” pode ser problemática no meio espírita, pois:

- Kardec evitou empregá-la no sentido mágico ou miraculoso.
- O Espiritismo não se propõe como medicina alternativa, embora reconheça os efeitos do passe, da prece e da renovação moral no equilíbrio físico e espiritual.
- O termo correto doutrinariamente seria “tratamento espiritual” ou “ajuda magnética”, para evitar confusão com promessas de cura física.

Mesmo assim, a alta taxa de concordância sugere:

- Um desejo legítimo de auxílio mais efetivo, especialmente em regiões onde há mais sofrimento social e físico;
- Ou uma confusão conceitual, em que se espera que o Centro Espírita atue como substituto de terapias convencionais.

Correlação com a tabela 37 (trabalhadores)

É possível que parte significativa dos que defendem a ampliação do “tratamento de cura” sejam trabalhadores voluntários, que conhecem a carência de recursos e a demanda das pessoas assistidas. Isso reforça a urgência de melhor comunicar o papel do Espiritismo nesse campo, sem prometer o que não é da sua natureza.

Conclusão

A maior parte dos respondentes é favorável à ampliação do que entendem por tratamento de cura, mas essa demanda precisa ser:

- melhor esclarecida doutrinariamente;
- reformulada terminologicamente;
- e, se adotada, conduzida com prudência e amparo nos princípios codificados por Kardec.

Esse dado sugere um possível desvio de foco em parte das casas espíritas — da educação moral e espiritual, para um modelo assistencialista voltado à cura de males físicos.

35. [A assistência social é ainda socorrista]

Questiona se a assistência social ainda centrada na ajuda imediata e emergencial, em vez de atuar de forma emancipadora e educativa.

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [A assistência social é ainda socorrista]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	46,6%	48,3%	51,0%	48,9%	47,6%	48,4%	43,6%	47,0%	49,4%	44,2%
Concordo totalmente	18,7%	23,0%	23,8%	18,9%	28,8%	24,8%	29,5%	23,4%	20,0%	25,1%
Discordo	10,8%	6,8%	6,2%	9,7%	5,8%	8,9%	6,5%	6,2%	7,5%	9,5%
Discordo totalmente	1,7%	0,9%	0,4%	1,0%	0,8%	1,1%	0,5%	0,3%	1,0%	1,1%
Neutro	22,3%	21,0%	18,5%	21,5%	16,9%	16,8%	19,9%	23,1%	22,1%	20,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Análise Geral – Brasil

Posição	Percentual
Concordo + Concordo totalmente	65,3%
Discordo + Discordo totalmente	12,5%
Neutros	22,3%

A maioria reconhece que a assistência social praticada nas casas espíritas ainda é predominantemente socorrista, ou seja, mais voltada a amenizar a dor imediata do que a transformar a realidade da pessoa assistida.

Destaques por Estado

- **Estados com maior concordância:**
 - BA (76,4%), PB (73,2%), PE (73,1%) — esses estados indicam percepção crítica mais aguçada ou vivência prática mais evidente da limitação estrutural da assistência prestada.
- **Estados com menor concordância relativa:**
 - ES (70,4%), GO (69,3%), SP (71,3%) — ainda altos, mas um pouco abaixo da média das demais regiões.
- **Estados com mais visão neutra (talvez por desconhecimento ou prudência):**
 - ES (23,1%), DF (22,1%), SP (21,0%)
- **Discordância total é quase irrelevante**, nunca ultrapassando 1,7%, o que mostra quase nenhum enfrentamento a essa ideia.

Análise crítica

A constatação de que a assistência ainda é socorrista:

- Confirma diagnósticos históricos do movimento espírita brasileiro, que há décadas tem dificuldade em integrar ações educativas, profissionalizantes ou de acompanhamento social contínuo às suas práticas.
- Aponta que os próprios trabalhadores e frequentadores reconhecem o desafio da superação do modelo assistencialista, muitas vezes criticado, mas ainda largamente praticado.

Essa visão se relaciona com:

- A falta de estrutura ou preparo técnico nas casas;
- O pouco diálogo com políticas públicas de assistência social;
- E a ausência de metas de emancipação ou protagonismo dos assistidos.

Relação com a Tabela 37 (trabalhadores)

Como a maioria dos respondentes é voluntário, coordenador ou dirigente, essa percepção indica consciência interna sobre as limitações atuais da prática social espírita.

É um dado valioso para planejar:

- Capacitação dos voluntários;
- Abertura a parcerias com assistentes sociais e psicólogos;
- Ou mesmo a reflexão doutrinária sobre o que seja caridade eficaz.

Conclusão

A percepção dominante é a de que a assistência social nas casas espíritas ainda se limita a socorrer. Essa constatação é mais unânime que crítica.

Isso pode indicar uma oportunidade para evolução do modelo, desde que:

- Capacitação, doutrina e estrutura caminhem juntas;
- E haja mudança de cultura, da doação pontual para o acompanhamento transformador.

Papel das Federativas na superação do assistencialismo socorrista

1. Definição de Diretrizes e Padrões Doutrinários

A FEB e as federativas estaduais atuam, por vocação institucional e expectativa da base, como referências doutrinárias e organizacionais. Nesse sentido, deveriam:

- Estimular e orientar práticas sociais alinhadas ao tríplice aspecto do Espiritismo (ciência, filosofia e moral);
- Esclarecer que a verdadeira caridade no Espiritismo não se resume à esmola material, mas envolve educação do espírito, emancipação da consciência e autonomia do ser.

"Fora da caridade não há salvação" — mas que caridade? A FEB e suas afiliadas poderiam intensificar o entendimento público sobre a caridade transformadora, e não apenas compensatória.

2. Formação e Capacitação dos Trabalhadores da Área Social

A maioria dos Centros Espíritas não conta com profissionais da área social ou com capacitação específica. Aqui, as federativas podem oferecer programas regulares de capacitação, presenciais remotos, e aproximar o Espiritismo da ética do cuidado e da justiça social, com ações orientadas por princípios da dignidade humana, e não apenas pela piedade.

Exemplo prático: cursos sobre “Caridade no século XXI” ou “Doutrina Espírita e Políticas Públicas”, com participação de estudiosos e técnicos.

3. Promoção de Boas Práticas

As federativas poderiam reunir, documentar e divulgar casos de Centros Espíritas que avançaram da ajuda emergencial para ações emancipadoras, como:

- Apoio ao empreendedorismo de famílias assistidas;
- Parcerias com escolas técnicas;
- Acompanhamento espiritual e psicológico de famílias em vulnerabilidade.

Isso cria referências positivas e aplicáveis a outros Centros.

4. Revisão do modelo tradicional de campanhas sociais

É muito comum as federativas promoverem e estimularem campanhas de agasalho, cestas básicas e sopas, sem o cuidado de integrar tais ações a projetos de médio e longo prazo. Raramente, essas campanhas vêm acompanhadas de reflexão crítica sobre os limites do socorro e as possibilidades de superação da miséria.

O estímulo a ações emergenciais isoladas, embora bem-intencionado, pode reforçar o modelo que os próprios respondentes da pesquisa já identificaram como ultrapassado.

Conclusão Integrada à Pesquisa

A pesquisa mostra que 65% dos respondentes reconhecem o caráter ainda socorrista da assistência social espírita. Este dado reflete uma maturidade crítica que precisa ser valorizada pelas instituições.

A atuação das federativas, portanto, inclui:

- Liderar um processo de transição do modelo emergencial para o emancipador;
- Oferecer formação adequada;
- Incentivar práticas eficazes e mais alinhadas com os princípios da Doutrina;
- E produzir conteúdo e diretrizes mais ousadas e contextualizadas para os novos tempos.

35. [Muitos filhos de espíritas não frequentam o Centro]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [Muitos filhos de espíritas não frequentam o Centro]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	47,9%	47,0%	49,3%	48,1%	43,9%	43,6%	42,9%	50,1%	46,2%	51,9%
Concordo totalmente	23,6%	18,3%	16,7%	22,5%	22,7%	22,2%	21,1%	14,9%	18,2%	25,8%
Discordo	7,1%	11,0%	11,1%	7,6%	11,4%	8,3%	9,6%	8,5%	9,1%	7,1%
Discordo totalmente	0,8%	1,6%	2,2%	0,7%	1,1%	2,2%	1,9%	2,1%	2,3%	0,0%
Neutro	20,5%	22,2%	20,7%	21,1%	20,8%	23,7%	24,5%	24,4%	24,2%	15,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A tabela mostra que uma parcela expressiva dos participantes da PNE 2025 concorda que muitos filhos de espíritas não frequentam o Centro Espírita. Os dados nacionais indicam:

- 47,9% concordam
- 23,6% concordam totalmente
- Ou seja, 71,5% reconhecem essa realidade
- Apenas 7,9% discordam em algum grau
- E 20,5% se mantêm neutros

Interpretação dos dados

1. Constatção generalizada

O resultado expressa uma percepção quase consensual de afastamento intergeracional, o que aponta para um possível problema estrutural nas Casas Espíritas: elas não estão conseguindo manter o vínculo das novas gerações, mesmo daquelas que cresceram em famílias espíritas.

GO (51,9%) e ES (50,1%) têm os maiores índices de concordância, seguidos de perto por RJ, MG e DF. Mesmo os estados com menor índice — PE, PB e BA — não descem de 42%, o que reforça que o fenômeno é nacional.

2. Possíveis causas (hipóteses para reflexão)

Esse distanciamento pode estar relacionado a vários fatores:

- Modelo excessivamente tradicional ou ritualizado das reuniões públicas;
- Falta de espaço para diálogo aberto com os jovens, suas dúvidas, linguagem e cultura;
- Enfoque predominantemente religioso e pouco filosófico ou científico;
- Pouca abertura a temas contemporâneos e sociais;
- Falta de atividades atrativas, participativas e colaborativas para jovens e adultos jovens.

3. Correlação com outras respostas

Essa percepção se alinha a outros dados da pesquisa, como:

- A constatação de que “a assistência social ainda é socorrista”;
- As críticas à falta de aprofundamento doutrinário entre os instrutores;

- O número relativamente baixo de concordância com a ampliação de “tratamentos de cura” — sinal de questionamento da abordagem tradicional;
- E, especialmente, a alta participação de trabalhadores voluntários, o que mostra que o problema não é falta de dedicação dos adultos, mas talvez a dificuldade de transmitir essa vivência de forma inspiradora às novas gerações.

Caminhos para reflexão e ação

Recomendações para o Movimento Espírita:

- Rever os métodos de evangelização infantojuvenil, investindo em formação e linguagem compatível com o mundo atual;
- Criar espaços de protagonismo juvenil, onde os jovens sejam ouvidos e valorizados;
- Investir em atividades interativas, culturais, tecnológicas e sociais;
- Encorajar os pais a participarem ativamente da formação doutrinária dos filhos, sem terceirizar esse papel exclusivamente ao Centro.

35. [As Casas Espíritas não são lugares de oração]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [As Casas Espíritas não são lugares de oração]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	12,3%	12,5%	11,8%	13,4%	12,7%	11,8%	14,4%	11,6%	13,2%	9,5%
Concordo totalmente	7,5%	7,6%	7,6%	7,2%	8,0%	7,0%	8,2%	6,7%	5,2%	6,7%
Discordo	30,2%	31,4%	28,7%	29,4%	31,0%	28,5%	28,1%	33,2%	25,7%	29,0%
Discordo totalmente	44,1%	42,1%	46,3%	44,1%	43,4%	47,5%	45,6%	41,4%	49,6%	50,9%
Neutro	5,9%	6,3%	5,6%	6,0%	4,9%	5,2%	3,8%	7,2%	6,2%	3,9%
Total	100,0%									

A tabela mostra que a grande maioria dos espíritas rejeita a afirmação de que as Casas Espíritas não são lugares de oração. O resultado nacional revela:

- 44,1% discordam totalmente
- 30,2% discordam
- Somando, 74,3% reconhecem o Centro Espírita como um local de oração
- Apenas 19,8% concordam ou concordam totalmente
- E 5,9% se declaram neutros

Interpretação dos dados

1. O Centro Espírita é, sim, reconhecido como um espaço de oração

Ainda que o Espiritismo afirme não ser uma religião tradicional e que o Centro Espírita não adote rituais, a prática da oração é fortemente integrada à vida espírita, seja no início e encerramento das reuniões, nas vibrações, nas preces durante os passes, nas reuniões mediúnicas ou nos estudos.

A afirmação da tabela (“As Casas Espíritas não são lugares de oração”) carrega um tom provocativo, e a ampla discordância expressa uma defesa desse espaço como espiritualizado, voltado à conexão com o bem e com os bons Espíritos.

Estados como PB (47,5%) e GO (50,9%) destacam-se com alta taxa de discordância total.

2. A oração é aceita, mas a escuta nem sempre é incentivada

Sua observação complementa de forma muito pertinente esse dado: apesar de haver oração, falta diálogo. Isto é, os Centros Espíritas são ambientes de devoção e silêncio, mas nem sempre de participação ativa e crítica.

Ou seja, mesmo com forte rejeição à ideia de que o Centro não é lugar de oração, há um modelo que privilegia a reverência, a escuta passiva e a uniformidade de opiniões, o que pode torná-lo similar a templos religiosos tradicionais, especialmente para novos frequentadores.

3. Do ponto de vista kardecista

A oração tem um papel importante no Espiritismo, mas sempre associada à razão, à intenção e ao conteúdo moral. Kardec reafirma em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. 27):

"A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele."

No entanto, a mesma obra e outras, como *O Livro dos Médiuns*, defendem claramente o uso do raciocínio, da investigação e do diálogo nas reuniões espíritas, especialmente de estudo.

Análise crítica e possibilidades

Essa contradição entre “oração valorizada” e “falta de diálogo” aponta para um desafio estrutural do movimento espírita brasileiro:

Fator reconhecido e valorizado	Fator ausente ou subdesenvolvido
Oração como prática moral e espiritual	Diálogo aberto, questionamento, construção coletiva
Respeito ao ambiente e à vibração	Participação crítica e investigativa

A ausência de espaços para questionamento doutrinário, reflexão filosófica e diálogo horizontal pode fazer com que o Centro seja, de fato, visto como um “templo de reverência” e não como uma “escola de ideias” — como Kardec propunha.

Oportunidades das instituições federativas

- Incentivar a criação de espaços dialógicos em Centros Espíritas: rodas de conversa, debates doutrinários, estudos com metodologia ativa;
- Produzir materiais didáticos e orientações sobre como conciliar oração e estudo reflexivo, sem tornar o Centro excessivamente cerimonial;
- Estimular que os frequentadores deixem de ser apenas ouvintes e se tornem agentes do conhecimento.

A influência da religiosidade emocional sobre o uso do espaço espírita

1. A oração no Espiritismo: prática moral ou ritual religioso?

Kardec propõe a oração como um **exercício moral e íntimo**, baseado em intenção, sinceridade e conexão com os bons Espíritos. Não exige rituais, gestos, posições corporais ou lugares consagrados. A prece, no Espiritismo, é uma expressão racional da fé, guiada pela clareza do pensamento e pelo desejo de elevação.

Entretanto, quando a religiosidade adquire um caráter mais sentimental ou dogmático, a oração tende a se revestir de:

- **sacralização** do espaço físico (o “salão”, o “altar”, o “silêncio sagrado”),
- **fórmulas repetitivas** e exaltadas,
- **expectativas mágicas** de resultados (cura, bênçãos, proteção),
- **exclusividade** do emissor (médium ou dirigente como único autorizado a conduzir a oração),
- **e distanciamento** de sua função crítica-reflexiva.

Essa visão não apenas transforma o espaço em “igreja”, mas inibe a compreensão de que o Centro Espírita é, antes de tudo, um espaço de aprendizado, diálogo e trabalho moral.

2. A concepção sentimental pode ocultar outras funções da Casa Espírita

Uma postura emocional, fortemente influenciada por valores religiosos tradicionais (como os herdados do catolicismo popular), tende a reduzir a casa espírita a um lugar de acolhimento afetivo e consolo, o que, embora importante, não resume sua missão.

Como consequência, observa-se:

Efeitos da visão religiosa emocional	O que acaba sendo enfraquecido
Ênfase na oração, vibração, evangelho no lar	Estudo doutrinário profundo
Ênfase na fé cega e nas bênçãos recebidas	Investigação filosófica e científica
Exaltação de líderes carismáticos ou médiuns	Formação crítica e livre-pensamento
Repetição de falas, temas e fórmulas	Renovação de métodos, linguagem e temas
Culto à reverência e à passividade	Participação ativa, questionadora e transformadora

Em suma: quanto mais o Espiritismo se apresenta como “religião de consolo” no formato tradicional, mais difícil é para muitos frequentadores perceberem outras possibilidades do Centro, como espaço de estudo filosófico, de debates morais, de educação para a vida e de transformação social.

3. A oração como fim ou como meio?

Outra distorção possível é a transformação da prece em objetivo principal da atividade espírita, e não como meio auxiliar para elevação e sintonia com os bons Espíritos.

Quando isso ocorre, há risco de:

- desvalorizar o conteúdo estudado, em detrimento da “vibração” emocional da reunião,
- afastar quem busca explicações racionais, comparações, lógica,
- e reforçar uma visão devocional-dogmática, contrária à proposta kardecista.

Conclusão: religiosidade emocional pode estreitar a visão de "oração" e de "Centro Espírita"

A oração no Espiritismo não deveria representar um fim cerimonial, mas um instrumento moral que antecede e prepara para o estudo, o trabalho e a transformação pessoal.

Contudo, quando predomina uma visão mais sentimental que filosófica, a oração é:

- exaltada como centro da vivência (e não como suporte),
- confundida com devoção passiva, e
- desconectada de uma ação consciente, educativa e libertadora.

Essa religiosidade emocional impede que muitos espíritas vejam a Casa Espírita como lugar de estudo, de crítica, de ciência e de inovação, embora isso esteja nas bases originais da Doutrina.

35. [Os dirigentes iniciam com pouca preparação]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [Os dirigentes iniciam com pouca preparação]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	18,1%	17,7%	17,6%	18,0%	21,2%	20,7%	15,6%	15,9%	19,5%	20,1%
Concordo totalmente	5,3%	4,9%	4,6%	5,6%	7,4%	7,6%	6,7%	3,6%	4,9%	6,4%
Discordo	36,3%	36,4%	35,4%	38,5%	33,2%	34,9%	36,2%	41,6%	38,4%	31,8%
Discordo totalmente	20,0%	21,0%	19,8%	17,3%	20,7%	15,3%	20,1%	15,7%	20,3%	16,3%
Neutro	20,4%	20,0%	22,5%	20,6%	17,6%	21,6%	21,3%	23,1%	16,9%	25,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Esta pergunta abre espaço para reflexões fundamentais sobre a formação de lideranças no movimento espírita, especialmente à luz do fato de que a maioria dos respondentes é composta por trabalhadores e dirigentes voluntários (como mostra a tabela 37).

Análise geral da percepção dos respondentes

1. Predomínio da negação da afirmação

- 56,3% discordam ou discordam totalmente da frase (BR: 36,3% + 20,0%)
- Apenas 23,4% concordam ou concordam totalmente
- 20,4% se mantêm neutros

Esse resultado aponta que a maior parte dos trabalhadores e dirigentes espíritas acredita que os dirigentes não iniciam com pouca preparação — ou seja, sentem-se minimamente preparados ou reconhecem que há um processo formativo antes de assumir cargos de direção.

Entretanto, a alta taxa de neutralidade (em torno de 20%) e as variações estaduais (com destaque para a BA, PB e GO, onde há mais concordância) indicam dúvidas ou divergências relevantes sobre a qualidade, abrangência e regularidade dessa preparação.

Reflexão crítica

2. Autopercepção otimista ou ponto cego institucional?

Sendo a maioria dos respondentes trabalhadores e/ou dirigentes, o alto índice de discordância pode refletir uma **autopercepção otimista ou defensiva**, em que os próprios líderes:

- reconhecem os desafios do cargo, mas acreditam aprender “no caminho”;
- valorizam a experiência prática sobre a formação teórica;
- ou não identificam como “pouca preparação” o que, na verdade, pode ser ausência de critérios pedagógicos, planejamento ou qualificação continuada.

3. O que é "preparação"? Doutrinária, administrativa, emocional?

A pergunta deixa em aberto que tipo de preparo se espera:

- Doutrinário? – Conhecimento das obras básicas e coerência com Kardec?
- Gerencial? – Capacidade de liderar equipes, gerir conflitos, planejar?
- Humano? – Escuta ativa, humildade, acolhimento e maturidade emocional?

Talvez muitos respondentes discordem da afirmação porque consideram que o preparo espiritual e moral basta, sem necessariamente reconhecer que a complexidade dos desafios atuais exige capacitações técnicas e pedagógicas contínuas.

4. Como a FEB e as federativas estaduais podem contribuir?

Diante dos desafios e da percepção ambígua revelada na tabela, as instituições federativas poderiam:

Ação esperada	Exemplos concretos
Padronizar diretrizes de formação	Módulos nacionais de capacitação com trilhas doutrinárias e administrativas
Rever e oferecer cursos acessíveis e continuados	Plataformas digitais com certificação, encontros híbridos e mentorias
Mapear necessidades regionais	Diagnósticos locais para orientar conteúdos e metodologias
Reconhecer diferentes perfis de liderança	Capacitar lideranças com estilos diversos: acolhedores, gestores, estudiosos, articuladores
Estabelecer critérios mínimos para assumir cargos	Exigência de curso básico + experiência prévia em áreas específicas do Centro

O fortalecimento da formação dirigente não deve ser visto como elitização, mas como garantia de coerência doutrinária, eficiência organizacional e segurança para os próprios grupos.

Conclusão

Embora os dados indiquem que muitos trabalhadores e dirigentes não se percebem despreparados, a pesquisa também mostra indícios de lacunas estruturais na formação de lideranças. O grande número de respostas neutras e a variação regional sugerem falta de clareza ou padronização sobre o que seria uma preparação adequada.

Uma atuação mais decisiva e sistemática por parte da FEB e das federativas estaduais — não apenas como orientadoras, mas como formadoras e inspiradoras de novos líderes — poderia elevar o nível de preparo e corresponsabilidade, valorizando tanto o conhecimento doutrinário quanto as competências humanas e gerenciais.

35. [A vizinhança tem restrições à presença do Centro]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [A vizinhança tem restrições à presença do Centro]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	15,2%	14,8%	13,9%	16,3%	18,3%	20,0%	13,9%	13,1%	16,9%	16,6%
Concordo totalmente	4,3%	3,9%	3,8%	4,1%	6,6%	5,9%	5,0%	4,4%	3,4%	2,1%
Discordo	34,1%	33,6%	34,4%	36,9%	32,4%	30,1%	34,8%	40,9%	31,2%	33,9%
Discordo totalmente	21,8%	21,5%	25,4%	20,5%	20,8%	23,3%	26,6%	15,9%	23,1%	20,5%
Neutro	24,5%	26,1%	22,5%	22,1%	21,8%	20,7%	19,7%	25,7%	25,5%	26,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Esta tabela trata da percepção sobre possíveis restrições da vizinhança à presença do Centro Espírita, e revela dados relevantes para a análise do espaço físico, da integração comunitária e até do preconceito religioso em determinadas regiões.

Análise Nacional (BR)

Concordam com a afirmação:

- $15,2\% + 4,3\% = 19,5\%$
- Cerca de 1 em cada 5 respondentes percebe algum tipo de resistência da vizinhança ao Centro Espírita.

Discordam:

- $34,1\% + 21,8\% = 55,9\%$. Uma maioria significativa nega a existência de restrição por parte da vizinhança.

Neutros:

- 24,5% — Um número expressivo, que pode indicar incerteza, falta de observação ou variações locais.

Destaques Regionais

- **Percepção mais forte de restrições:**
 - PB: 25,9% (somando “concordo” e “concordo totalmente”)
 - BA: 24,9%
 - DF e GO: ambos com 20,3% e 18,7% respectivamente
- **Estados com maior rejeição à ideia (discordam ou discordam totalmente):**
 - ES: $40,9\% + 15,9\% = 56,8\%$
 - MG: $36,9\% + 20,5\% = 57,4\%$
 - PE: $34,8\% + 26,6\% = 61,4\%$
 - Esses estados mostram maior integração local ou aceitação social dos Centros.
- **Altos índices de neutralidade:**
 - GO: 26,9%
 - SP: 26,1%
 - ES e DF: cerca de 25,5%
 - Pode sinalizar baixa visibilidade comunitária do Centro ou ausência de diálogo com a vizinhança.

Possíveis interpretações

1. Minoria percebendo resistência:

Embora existam relatos de restrições, o padrão geral é de baixa percepção de conflito com a comunidade — o que pode refletir um perfil mais discreto e pacífico das instituições espíritas.

2. Neutralidade significativa:

O alto índice de respostas neutras pode sugerir:

- Falta de interação direta com a vizinhança

- Pouco envolvimento com o entorno comunitário
- Desinformação sobre a real aceitação do Centro

3. Impacto do preconceito religioso:

Em algumas regiões (BA, PB, GO), os números mais altos podem indicar a presença de barreiras culturais ou religiosas, especialmente onde há maior concentração de religiões tradicionais ou conservadoras.

4. Tamanho e visibilidade do Centro:

Centros maiores, com maior movimento ou atividades noturnas, podem gerar incômodo urbano (estacionamento, barulho, trânsito), o que explica parte das resistências relatadas.

Conexões com outras tabelas da pesquisa

O relativo desconhecimento da vizinhança pode estar relacionado com:

- A falta de divulgação pública do Espiritismo (tabela 29)
- A baixa interação com os jovens e filhos de espíritas (tabela 35 – "muitos filhos de espíritas não frequentam")
- A visão de um Centro mais religioso do que participativo, com pouca escuta comunitária (tabela "Casas Espíritas não são lugares de oração")

Qual seria o papel da Federativas?

As entidades federativas **estaduais**, poderiam atuar em frentes complementares:

1. Campanhas de boa vizinhança:

Incentivar Centros a dialogarem com a comunidade local, esclarecendo sua natureza educativa e filantrópica.

2. Capacitação para relações comunitárias:

Oferecer cursos sobre relacionamento institucional com a vizinhança, mediação de conflitos e comunicação não violenta.

3. Apoio jurídico e institucional:

Em casos de intolerância religiosa, prestar orientação jurídica e emitir notas públicas de apoio.

4. Estimular o enraizamento local:

Promover projetos de integração com escolas, associações de bairro e órgãos públicos — levando o Espiritismo a se tornar referência de valores éticos e sociais na vizinhança.

35. [Deve-se manter silêncio na casa espírita]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [Deve-se manter silêncio na casa espírita]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	33,5%	33,0%	33,7%	37,8%	31,7%	34,6%	33,1%	37,8%	32,2%	31,4%
Concordo totalmente	42,1%	45,2%	36,2%	35,4%	48,0%	38,8%	48,7%	27,5%	40,8%	39,6%
Discordo	8,7%	7,4%	12,4%	9,6%	8,0%	9,4%	6,2%	15,9%	8,6%	11,7%
Discordo totalmente	2,4%	2,2%	2,1%	2,9%	1,3%	3,5%	2,2%	4,1%	2,6%	2,8%
Neutro	13,3%	12,2%	15,6%	14,3%	11,1%	13,7%	9,8%	14,7%	15,8%	14,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Esta tabela revela as percepções dos respondentes sobre a necessidade de manter silêncio na casa espírita — um tema que, embora aparentemente simples, envolve dimensões culturais, rituais, doutrinárias e até institucionais sobre o modo de viver o Espiritismo.

Análise Nacional (BR)

Total que concorda (Concordo + Concordo totalmente):

- $33,5\% + 42,1\% = 75,6\%$
- Uma ampla maioria reconhece que o silêncio deve ser preservado.

Discordam (Discordo + Discordo totalmente):

- $8,7\% + 2,4\% = 11,1\%$ — uma minoria, mas relevante em certos estados.

Neutros:

- 13,3%, indicando certa flexibilidade ou dúvida quanto à rigidez dessa conduta.

Destaques regionais

- **Estados com maior adesão ao silêncio:**
 - PE: 48,7% totalmente de acordo
 - BA: 48,0%
 - SP: 45,2%
 - DF e GO: também acima de 39% de concordância total
- **Estados com mais discordância:**
 - ES: 15,9% discordam e 4,1% discordam totalmente — maior rejeição
 - RJ e GO também apresentam porcentuais de discordância acima da média nacional
- **Neutros mais elevados:**
 - DF: 15,8%
 - RJ: 15,6%
 - GO: 14,5%

Possíveis interpretações

1. Silêncio como prática cultural e não ritual

Embora o Espiritismo não tenha rituais formalizados, o ambiente de concentração, reflexão e respeito às manifestações espirituais favorece a valorização do silêncio — principalmente nas salas de passe, mediúnicas e reuniões doutrinárias.

2. Reverência ou formalismo?

Essa valorização do silêncio pode refletir um hábito de reverência herdado do catolicismo, mais do que uma exigência doutrinária explícita. Isso se conecta com a percepção religiosa do Centro em muitas regiões — como vimos nas tabelas sobre oração, silêncio e comportamento.

3. Risco de rigidez excessiva

A imposição de silêncio pode, por vezes, dificultar a convivialidade fraterna e o acolhimento. Especialmente quando há jovens, novos frequentadores ou atividades educativas, um ambiente mais receptivo e dialogal poderia ser mais benéfico.

4. Ambientes mistos no Centro

5. É importante diferenciar:

- Momentos de estudo e confraternização, que exigem diálogo
- Momentos de introspecção e trabalho espiritual, que pedem silêncio
- A aplicação genérica da regra pode gerar mal-entendidos ou conflitos.

Reflexão doutrinária e cultural

Embora Kardec não tenha estabelecido uma conduta ritualística para os Centros, ele sugere, em várias passagens (como em *O Livro dos Médiuns*), a importância da concentração, respeito e elevação moral do

ambiente para favorecer os intercâmbios espirituais. Isso naturalmente demanda certo grau de silêncio e recolhimento, mas sem dogmatismo.

Autores como Deolindo Amorim, José Herculano Pires e Carlos Imbassahy também destacaram que o Espiritismo não deve reproduzir fórmulas do culto exterior, mas que deve preservar a ambiência moral e elevada do local.

Qual contribuição das federativas?

Rever e ampliar ou ajustar suas ações, como:

1. Orientações doutrinárias flexíveis:

Deixar claro que o silêncio não é imposição ritual, mas uma recomendação disciplinar em certos espaços e momentos.

2. Formação de dirigentes e recepcionistas:

Capacitar os responsáveis pelo acolhimento a comunicar com empatia a importância do silêncio, sem inibir a espontaneidade fraterna.

3. Divulgação de materiais educativos:

Cartazes, folders e vídeos que explicam a razão do silêncio, em vez de apenas exigir a conduta.

4. Promover espaços para diálogo:

Incentivar que o Centro ofereça momentos específicos para conversa, integração e escuta, valorizando o equilíbrio entre silêncio e convivência.

Considerações

O silêncio tem seu valor — mas não pode ser sinônimo de rigidez emocional, ausência de acolhimento ou falta de diálogo. Um Centro que só exige silêncio pode tornar-se frio e inibidor. Já um Centro barulhento e disperso compromete a qualidade espiritual e disciplinar do trabalho.

Encontrar o ponto de equilíbrio é um desafio institucional e humano, e isso envolve orientação, formação e sensibilidade — algo que as entidades federativas podem apoiar fortemente.

35. [Não percebo o apoio da federativa]

35. Quanto concorda com as frases abaixo: [Não percebo o apoio da federativa]	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Concordo	17,5%	18,3%	17,4%	21,8%	15,7%	14,4%	13,2%	11,1%	17,4%	21,6%
Concordo totalmente	9,2%	9,9%	9,1%	9,9%	10,8%	6,3%	8,9%	3,9%	7,3%	9,5%
Discordo	20,0%	16,3%	18,7%	17,2%	24,3%	28,3%	24,0%	31,4%	23,9%	22,3%
Discordo totalmente	12,2%	9,2%	11,2%	8,8%	18,7%	25,5%	13,2%	20,8%	11,9%	14,1%
Neutro	41,0%	46,3%	43,6%	42,4%	30,6%	25,5%	40,8%	32,9%	39,5%	32,5%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Esta tabela trata de uma questão sensível e estratégica: a percepção de apoio das federativas estaduais pelos trabalhadores e dirigentes espíritas — ou, em muitos casos, a ausência percebida desse apoio. Importante destacar que a maior parte dos respondentes são trabalhadores e possuem mais acesso a esse tipo de informação.

Destaques nacionais (BR)

Total de concordância (não percebem apoio): $17,5\% + 9,2\% = 26,7\%$

Total de discordância (percebem apoio): $20,0\% + 12,2\% = 32,2\%$

Neutros: 41,0% — o dado mais impactante da tabela.

Quase metade dos respondentes não tem clareza sobre o papel, a presença ou o apoio da federativa. Isso pode indicar distanciamento, comunicação ineficaz ou atuação invisível.

Análise por estado – extremos

Estados com maior percepção de ausência de apoio

- Goiás: 21,6% + 9,5% = 31,1%
- Minas Gerais: 21,8% + 9,9% = 31,7%
- São Paulo: 18,3% + 9,9% = 28,2%
- Bahia: 15,7% + 10,8% = 26,5%

Estados com maior percepção de apoio (discordam da frase)

- Espírito Santo: 31,4% + 20,8% = 52,2%
- Paraíba: 28,3% + 25,5% = 53,8%
- Pernambuco: 24,0% + 13,2% = 37,2%

Estados com mais “neutros”

- São Paulo: 46,3%
- Rio de Janeiro: 43,6%
- Minas Gerais: 42,4%
- Brasil (média nacional): 41,0%

Possíveis causas da percepção de distanciamento

1. Desconhecimento do papel da federativa

Muitos dirigentes e trabalhadores não sabem o que a federativa faz ou deveria fazer. A atuação pode ser real, mas desconectada da base.

2. Falta de presença territorial e comunicação

A ausência de visitas, projetos conjuntos, eventos regionais ou canais ativos de escuta reduz a visibilidade institucional da federativa.

3. Comunicação vertical e centralizada

Quando a federativa fala para os Centros, mas não constrói com eles, o vínculo se fragiliza. A relação passa a ser burocrática ou distante.

4. Relevância das propostas

Em alguns casos, as iniciativas das federativas não correspondem às necessidades práticas dos Centros. O resultado é a sensação de “apoio ausente”.

5. Fragmentação federativa

O modelo federativo, em muitas regiões, sofre com carência de estrutura, recursos humanos ou de representatividade — tornando sua atuação limitada.

Reflexão institucional: o papel das federativas

A função de uma federativa vai além da coordenação. Ela deve ser:

- Ponto de convergência entre Centros Espíritas
- Provedora de formação doutrinária e organizacional
- Referência ética e estratégica
- Canal ativo de escuta e mediação
- Facilitadora de redes, projetos coletivos e modernização

No entanto, se os dirigentes e trabalhadores — os mais engajados — já não percebem esse apoio, há um alerta claro: a federativa não está cumprindo seu papel com eficácia ou visibilidade.

Recomendações práticas às federativas

1. Mapear as percepções locais:

Promover escutas regionais periódicas, como rodas de conversa, fóruns virtuais ou consultas públicas, para identificar demandas reais.

2. Tornar-se presença ativa e não apenas institucional:

Ações simples como visitas técnicas, participação em eventos locais, apoio em desafios administrativos e formação de grupos de apoio por região fazem grande diferença.

3. Melhorar a comunicação institucional:

Publicações, relatórios de ações, newsletters e grupos de WhatsApp com retorno ativo ajudam a diminuir o sentimento de invisibilidade.

4. Oferecer capacitações práticas:

Liderança, administração de conflitos, sustentabilidade, mediação espiritual, organização de atividades doutrinárias — são áreas carentes nas casas.

5. Atuar em rede, não como autoridade:

O papel da federativa deve ser horizontal, colaborativo e mobilizador, não hierárquico nem centralizador.

Considerações

Se quem mais atua (trabalhadores e dirigentes) já demonstra desconexão com as federativas, é sinal de que a base da estrutura do movimento espírita institucional precisa ser repensada.

A ausência de percepção de apoio não significa necessariamente má vontade ou má gestão, mas sim falta de visibilidade, escuta e relevância prática.

36. Você frequenta Centro Espírita?

36. Você frequenta Centro Espírita?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Frequento de modo presencial	64,0%	63,8%	59,2%	67,7%	61,8%	66,2%	66,9%	62,7%	62,9%	69,6%
Frequento de ambos os modos	30,0%	29,3%	34,6%	26,9%	34,6%	28,8%	29,0%	31,6%	31,4%	26,1%
Frequento de modo virtual	4,7%	5,4%	4,7%	4,2%	3,3%	4,1%	1,7%	3,9%	3,9%	3,9%
Não frequento	1,3%	1,4%	1,5%	1,1%	0,3%	0,9%	2,4%	1,8%	1,8%	0,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A pergunta 36 traz uma visão atualizada e bastante clara sobre os hábitos de frequência às casas espíritas no Brasil, revelando a consolidação da prática presencial, a presença crescente da modalidade híbrida e o baixo afastamento total.

Destaques nacionais (BR)

- Frequência presencial: 64,0%
- Frequência híbrida (presencial + virtual): 30,0%
- Frequência apenas virtual: 4,7%
- Não frequentam: 1,3%

A imensa maioria dos espíritas mantém vínculos com a instituição presencialmente, mas quase 1/3 já adotam uma prática híbrida, que combina atividades físicas com acompanhamentos virtuais.

Análise por estado – extremos

Estados com maior frequência presencial

- Goiás: 69,6%
- Minas Gerais: 67,7%
- Pernambuco: 66,9%

- Paraíba: 66,2%

Estados com maior frequência híbrida

- Rio de Janeiro e Bahia: 34,6%
- Distrito Federal: 31,4%
- Espírito Santo: 31,6%

Estados com maior frequência exclusivamente virtual

- São Paulo: 5,4%
- Rio de Janeiro: 4,7%

Estados com mais espíritas que não frequentam

- Pernambuco: 2,4%
- Espírito Santo e DF: 1,8%

Reflexões a partir desses dados

1. Confirmação do retorno pós-pandemia

A predominância da frequência presencial, mesmo após a pandemia, demonstra a força do vínculo comunitário e afetivo com o espaço físico do Centro Espírita.

2. Consolidação do modelo híbrido

A frequência de 30% dos espíritas em modelo híbrido indica que houve ganhos com a ampliação digital, e muitos centros estão conseguindo manter esse formato — especialmente nas grandes cidades e regiões com maior estrutura.

Sugestão às casas espíritas: Fortalecer o modelo híbrido com qualidade doutrinária e acolhimento remoto pode ser estratégico para incluir idosos, pessoas com mobilidade reduzida, trabalhadores com horários restritos ou residentes de locais distantes.

3. Baixo afastamento geral

A porcentagem de espíritas que não frequentam nenhum Centro (1,3%) é surpreendentemente baixa — e pode indicar:

- Um perfil engajado entre os respondentes da pesquisa
- Uma forte identidade institucional
- Ou até uma ligação cultural entre Espiritismo e instituição, que pode ser distinta de outras crenças mais independentes

Relação com outros dados da PNE 2025

Este dado complementa e contextualiza importantes observações feitas em outras tabelas:

- Embora a maioria dos respondentes frequente o Centro, isso não impede que muitos deles apontem:
 - ausência de apoio federativo (ver tabela anterior)
 - pouco espaço para diálogo ou opinião
 - perfil religioso excessivo
 - falta de preparo dos dirigentes

Ou seja, frequentar não significa estar plenamente satisfeita com a estrutura ou vivência proporcionada pela casa espírita.

E o que isso implica para o movimento espírita?

A fidelidade institucional não pode ser confundida com acomodação

Os dados mostram que os espíritas continuam frequentando — mas muitos expressam críticas construtivas, o que indica abertura para inovação, revisão de práticas e novos formatos.

O futuro é híbrido, colaborativo e consciente

As casas que souberem integrar o ambiente virtual, estimular o protagonismo dos frequentadores e superar os modelos hierárquicos ou dogmáticos, estarão mais preparadas para formar vínculos verdadeiros com as novas gerações.

Como os Centros Espíritas poderiam se renovar?

1. Abertura ao diálogo e ao pensamento crítico

- Criar momentos em que os frequentadores possam falar, perguntar, refletir coletivamente, em vez de apenas ouvir.
- Evitar a estrutura passiva e vertical, que transforma o público em plateia e o expositor em autoridade inquestionável.
- Estimular a prática do estudo em grupo com debate, como propunha Kardec.

“As práticas espíritas raramente incluem atividades onde os frequentadores possam opinar, questionar e dialogar.”

2. Superar o formato excessivamente religioso

- Evitar o uso de símbolos, expressões e comportamentos herdados de outras religiões.
- Valorizar o aspecto filosófico e científico do Espiritismo, promovendo estudos racionais e debates atuais.
- Não se confundir com uma igreja: oração e recolhimento são importantes, mas não substituem a consciência, o saber e a ação esclarecida.

44,1% discordam totalmente da frase “As casas espíritas não são lugares de oração”, indicando que há oração, mas talvez falte espaço para reflexão e ação.

3. Incluir e acolher os jovens

- Muitos respondentes apontam que os filhos de espíritas não frequentam os Centros (47,9% concordam).
- Para reverter isso, é preciso:
 - Ouvir os jovens
 - Criar ambientes mais horizontais e menos moralistas
 - Promover vivências, não apenas palestras
 - Inserir questões contemporâneas como meio ambiente, ética digital, saúde mental, etc.

4. Reformular a linguagem da comunicação espírita

- Falar com simplicidade e empatia, mas com profundidade e atualidade.
- Usar as redes sociais de forma coerente, atraente e respeitosa.
- Incentivar o uso de vídeos, podcasts, lives, cursos e materiais multimídia.
- Produzir conteúdo sobre temas do cotidiano à luz da Doutrina, e não apenas repetir os clássicos.

Grande parte das sugestões da pergunta 29 envolviam comunicação criativa, linguagem atual, presença digital e formação para os comunicadores.

5. Formar melhor seus dirigentes e trabalhadores

- A tabela mostra que apenas 23,4% dos participantes concordam que os dirigentes iniciam com pouca preparação — o que é relativamente baixo, mas ainda relevante.
- É necessário:
 - Ter planos de formação continuada
 - Evitar nomeações apenas por antiguidade
 - Incentivar a autoformação e a humildade para aprender

6. Estreitar laços com a comunidade externa

- A ideia de que “a assistência social ainda é socorrista” é compartilhada por 65,3% dos respondentes (concordam ou concordam totalmente).
- É um sinal de que a casa precisa:
 - Agir mais preventivamente do que assistencialmente
 - Ouvir as reais necessidades da comunidade
 - Oferecer cursos, rodas de conversa, capacitações, apoio psicológico, práticas de cidadania

7. Acolher a diversidade e evitar hierarquias

- Os Centros devem se esforçar por ser:
 - Antidogmáticos
 - Antielitistas
 - Anti-segregadores
- Promover o acolhimento universal, a inclusão de minorias, a escuta sincera e a ação fraterna.
- Isso vale tanto internamente (frequentadores) quanto externamente (vizinhança, famílias, escolas, outras crenças).

8. Modernizar a estrutura e ampliar os espaços de convivência

- Rever a disposição dos espaços físicos (salas, auditórios, bibliotecas, pátios), criando ambientes para convívio, diálogo e integração, e não apenas para rituais silenciosos.
- Estimular o uso da tecnologia para facilitar a participação remota (modelo híbrido).
- Implantar salas de apoio espiritual e psicológico para acolhimento individual.

9. Ter clareza de missão e planejamento

- Muitos Centros funcionam de forma automática, apenas repetindo tarefas semanais.
- Renovar significa:
 - Redefinir propósitos
 - Estabelecer planos de ação
 - Medir os impactos reais do que se faz
 - Estar disposto a ouvir críticas construtivas e mudar

Conclusão: Renovar é alinhar com Kardec

Renovar não é romper com Kardec — é, ao contrário, retornar à sua proposta original: libertadora, racional, progressista e acessível a todos. Isso implica:

- Criar ambientes ativos e não passivos
- Formar consciências e não apenas devotos
- Promover autoconhecimento, e não conformismo
- Estimular ação social lúcida, e não caridade episódica

A participação dos cargos de direção

Essa análise é importante porque essas funções influenciam diretamente na condução, renovação e organização das atividades dos Centros Espíritas — recordando que a maioria dos respondentes da pesquisa são trabalhadores voluntários, o que confere ainda mais relevância aos dados.

Resumo dos dados — Questão 37

Você exerce algum dos seguintes papéis ou funções no Centro Espírita?

(Percentuais em relação ao total de participantes que responderam essa pergunta)

Função	% BR
Coordenador de área	18,5%
Diretor ou membro da diretoria	13,7%
Supervisor de equipe	11,6%
Coordenador de grupo de estudo	30,2%
Nenhuma das anteriores	51,6%

Análise dos dados

1. Alta presença de trabalhadores com funções de liderança

- Somando os que atuam como coordenadores, supervisores ou diretores, temos:
 - Coordenador de grupo de estudo: 30,2%
 - Coordenador de área: 18,5%
 - Supervisor de equipe: 11,6%
 - Diretor ou membro da diretoria: 13,7%
- Há sobreposição entre funções (uma mesma pessoa pode exercer mais de uma), mas mesmo assim, percebe-se que há uma massa crítica expressiva de lideranças ativas no movimento espírita.

Isso mostra que as respostas das perguntas 35 e 36 refletem, em boa medida, a percepção de quem atua dentro da estrutura dos Centros — o que dá mais legitimidade às críticas e sugestões que aparecem nas respostas abertas e quantitativas.

2. Baixo percentual de diretores e supervisores (em relação ao total de trabalhadores)

- Embora mais de 60% dos participantes se declarem trabalhadores, apenas 13,7% são diretores ou membros da diretoria e 11,6% supervisores. Isso pode indicar:
 - Estrutura piramidal com poucos ocupando funções decisórias
 - Ou rotatividade baixa nesses cargos — ou seja, as funções de direção são mantidas por poucos e por longos períodos
 - Ou ainda, resistência dos Centros à distribuição de poder e descentralização das decisões

3. Maior participação na coordenação de grupos de estudo

- A função mais comum entre os papéis de liderança é a de coordenador de grupo de estudo (30,2%), o que pode ter dois significados:
 - Os Centros ainda preservam a prática do estudo sistemático — uma boa notícia.
 - Essa coordenação pode ser mais acessível do que outras funções hierarquizadas (como direção), o que aponta caminhos para a formação de novos líderes.

4. Mais da metade não exerce funções de coordenação

- Apesar de muitos trabalhadores, 51,6% dos respondentes dizem não exercer nenhum dos papéis citados. Isso sugere:
 - Muitos trabalhadores atuam em funções operacionais ou de base (ex: recepção, passes, atendimento fraternal, tarefas assistenciais), sem necessariamente coordenar nada.
 - Pode haver falta de estímulo à formação de novos líderes ou pouca abertura para ascensão dentro da instituição.
 - Ou ainda: não há clareza sobre as funções exercidas, ou a estrutura organizacional é informal e pouco definida.

Reflexões e caminhos possíveis

Formação de lideranças

- A renovação do Centro Espírita depende da identificação, formação e valorização de novos coordenadores e dirigentes.
- Isso exige processos claros de sucessão, oportunidades de capacitação e abertura para novas ideias.

Revezamento e alternância

- O dado de que apenas 13,7% estão em diretorias sugere que há espaço para estimular maior rotatividade nas lideranças — inclusive para incorporar jovens e promover mais diversidade.

Fortalecer a coordenação de estudos

- Como 30,2% atuam nessa área, o estudo pode ser a principal via de entrada para futuras lideranças.

- Criar um “caminho natural” da coordenação de estudos para funções de planejamento e gestão pode ser uma estratégia de transição e renovação segura.

37. Você é trabalhador / voluntário no Centro Espírita?

37. Você é trabalhador / voluntário no Centro Espírita?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	20,9%	21,9%	19,8%	20,9%	16,6%	15,9%	25,9%	20,6%	17,9%	17,0%
Sim, sou trabalhador voluntário	57,2%	59,8%	54,0%	55,7%	56,3%	54,9%	56,8%	50,4%	63,6%	56,9%
Sou coordenador, supervisor ou responsável por uma área	11,7%	9,4%	13,9%	12,8%	15,5%	11,8%	8,6%	13,4%	10,4%	16,3%
Sou diretor, conselheiro ou vice-presidente	6,2%	6,0%	8,5%	5,2%	5,6%	8,7%	3,4%	8,0%	6,2%	5,3%
Sou presidente	4,0%	2,8%	3,8%	5,4%	6,0%	8,7%	5,3%	7,7%	1,8%	4,6%
Total	100,0%									

A tabela 37 é fundamental para contextualizar a percepção sobre contribuição financeira (questão 35) e outras relacionadas à organização e funcionamento das Casas Espíritas. A tabela revela um perfil marcadamente engajado e participativo entre os respondentes da pesquisa.

Destaques da Tabela 37: Perfil de participação no Centro Espírita

- **Trabalhadores voluntários (soma de todas as funções):**
 - BR total: 79,1% dos respondentes afirmam atuar de alguma forma no Centro Espírita.
 - Apenas 20,9% não atuam.
- **Distribuição dos trabalhadores por função:**
 - Voluntários não dirigentes (função básica): 57,2% (maioria).
 - Coordenadores/supervisores: 11,7%.
 - Diretores, conselheiros ou vices: 6,2%.
 - Presidentes: 4,0%.
- **Estados com maior proporção de dirigentes e coordenadores:**
 - PB e BA com destaque: somando presidente, direção e coordenação, chegam a mais de 30%.
 - GO também aparece com 26,2%.
- **Estados com menor percentual de trabalhadores em geral:**
 - PE (74,1%) e ES (79,4%) ainda apresentam maioria de trabalhadores, mas com índice ligeiramente inferior à média nacional.

Análise cruzada com a questão 35: “Poucos contribuem financeiramente com o Centro”

Com base nesses dados, podemos levantar as seguintes hipóteses e correlações:

1. Alta percepção crítica parte de quem está mais envolvido

- O dado de que 79,1% dos respondentes são trabalhadores ou dirigentes explica, em parte, o alto índice de concordância com a frase de que poucos contribuem financeiramente.
- Essas pessoas vivenciam o cotidiano da Casa, têm acesso direto às dificuldades financeiras e, muitas vezes, estão na linha de frente das campanhas de arrecadação.

2. Vivência interna amplia a visão sobre desigualdade de contribuição

- Voluntários e dirigentes geralmente observam que uma pequena parcela sustenta a maior parte dos compromissos financeiros da instituição.
- A presença massiva desses trabalhadores na amostra confere credibilidade e realismo ao dado da pergunta 35, e mostra que o problema não é apenas uma percepção superficial, mas uma constatação prática de quem vive a rotina da casa.

3. A maioria está envolvida, mas poucos contribuem financeiramente

- Um ponto interessante é que ser trabalhador não implica necessariamente em contribuição financeira. Muitos colaboram com tempo e trabalho, mas não com recursos.
- Isso reforça a ideia de que é necessário conscientizar sobre a importância da contribuição integral (tempo + recursos), conforme as possibilidades de cada um.

4. Questão da cultura institucional

- Mesmo com alto engajamento de voluntários, a percepção de “poucos contribuintes” indica que há falta de cultura de sustentabilidade nas Casas Espíritas.
- O desafio parece estar menos na ausência de participantes e mais na distribuição desigual de responsabilidades e compromissos.

Conclusão

A antecipação da questão 37 permite afirmar que a alta percepção de que poucos contribuem financeiramente está ancorada em quem mais conhece a realidade da casa: os próprios voluntários. O número expressivo de trabalhadores respondentes confere base prática à crítica, e evidencia que o problema da contribuição não é de ausência de frequentadores, mas de uma cultura frágil de participação financeira e corresponsabilidade institucional.

38. Há quantos anos trabalha como voluntário?

38. Há quantos anos trabalha como voluntário?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
até 11 meses	5,8%	5,5%	5,0%	5,9%	6,8%	7,3%	7,8%	5,5%	4,4%	5,1%
de 1 a 3 anos	14,0%	14,8%	13,9%	14,1%	14,7%	12,4%	14,9%	12,3%	11,4%	9,4%
de 4 a 5 anos	8,2%	8,0%	7,8%	9,8%	7,1%	8,3%	7,4%	7,8%	6,3%	6,8%
de 6 a 10 anos	15,9%	15,7%	14,7%	15,0%	16,9%	16,3%	17,8%	14,2%	12,0%	14,5%
de 11 a 20 anos	22,5%	21,9%	22,4%	21,8%	25,2%	21,0%	24,3%	20,7%	23,7%	23,8%
de 21 a 30 anos	16,1%	16,7%	17,5%	17,4%	16,4%	14,5%	13,3%	15,9%	16,1%	14,0%
acima de 30 anos	16,5%	16,6%	17,5%	15,0%	11,8%	18,9%	13,6%	23,0%	25,6%	25,1%
Não trabalha como voluntário	0,9%	0,8%	1,3%	1,1%	1,1%	1,3%	1,0%	0,6%	0,3%	1,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A questão 38 oferece uma visão rica da experiência acumulada dos trabalhadores — especialmente relevante à luz da questão anterior, que trata de funções de liderança como coordenação, supervisão e direção.

Resumo dos dados gerais — Brasil

Tempo de atuação como voluntário	% Nacional (BR)
Até 11 meses	5,8%
De 1 a 3 anos	14,0%
De 4 a 5 anos	8,2%
De 6 a 10 anos	15,9%
De 11 a 20 anos	22,5%
De 21 a 30 anos	16,1%
Acima de 30 anos	16,5%
Não trabalha como voluntário	0,9%

Análise dos dados

1. Experiência acumulada elevada

Mais de 55% dos trabalhadores atuam há mais de 10 anos, sendo:

- 22,5% de 11 a 20 anos
- 16,1% de 21 a 30 anos
- 16,5% há mais de 30 anos

Isso aponta para uma base muito experiente de voluntários, com longo vínculo institucional. Essa permanência, se bem aproveitada, é valiosa para a transmissão de conhecimento doutrinário, formação de novos trabalhadores e estabilidade das atividades.

2. Desafio geracional: risco de estagnação

Apesar da base experiente, apenas 28% têm até 5 anos de atuação. Isso pode indicar:

- Baixa renovação de quadros
- Dificuldade de atração e retenção de novos voluntários
- Círculos de confiança e liderança que se repetem — pouca alternância nas funções
- Eventual resistência a mudanças ou inovação, dado o perfil consolidado da maioria

3. Reflexo na percepção de liderança

Quando confrontamos com os dados da questão 37, vemos que muitos voluntários com décadas de atuação ainda não exercem funções de direção ou coordenação. Isso pode significar:

- Que não há estímulo ou abertura para novas lideranças
- Ou que a experiência prática não está sendo canalizada para funções mais estratégicas

4. Boa presença de voluntários novos — mas ainda tímida

- 5,8% atuam há menos de 1 ano
- 14% de 1 a 3 anos

Essa entrada é positiva, mas pode não ser suficiente para garantir a renovação necessária se os índices de permanência forem baixos ou se houver falta de motivação para evolução dentro das instituições.

Reflexões sobre lideranças e sucessão

Maturidade dos trabalhadores

A longevidade no trabalho voluntário aponta para comprometimento, fidelidade e maturidade doutrinária, o que pode e deve ser valorizado.

Mas é preciso abrir espaço para a renovação

A análise das faixas mostra que, sem estratégias de integração de novos perfis, os Centros podem se tornar ambientes repetitivos, com baixa oxigenação de ideias e projetos.

Sugestões práticas para os Centros Espíritas

Eixo	Ações sugeridas
Formação continuada	Criar programas regulares de capacitação de voluntários, com trilhas de evolução
Mentoria e sucessão	Designar trabalhadores mais experientes como mentores de novos voluntários
Alternância de funções	Estimular rotatividade nas coordenações, com prazos definidos ou revezamento
Abertura para juventude	Incentivar jovens a atuar com apoio de veteranos, criando pares de liderança
Valorização institucional	Promover campanhas internas reconhecendo os que atuam há muitos anos, mas também os novos

39. O seu trabalho voluntário no Centro Espírita consome quantas horas por semana?

39. O seu trabalho voluntário no Centro Espírita consome quantas horas por semana?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Até 1 hora	9,6%	8,2%	9,9%	13,0%	12,0%	13,2%	9,1%	12,6%	6,3%	10,2%
de 2 a 3 horas	36,3%	37,7%	32,2%	37,2%	34,8%	33,7%	36,2%	39,8%	38,0%	36,6%
de 4 a 6 horas	31,6%	31,1%	32,3%	31,1%	31,4%	29,8%	30,7%	31,1%	30,7%	29,8%
de 7 a 9 horas	11,4%	12,3%	12,9%	8,7%	9,8%	9,1%	15,2%	7,8%	12,0%	14,5%
de 10 a 12 horas	5,6%	5,8%	5,9%	5,8%	6,4%	6,5%	4,5%	3,9%	7,0%	2,6%
acima de 12 horas	5,4%	4,9%	6,8%	4,2%	5,6%	7,8%	4,2%	4,9%	6,0%	6,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A tabela da questão 39 permite avaliar a intensidade do engajamento, a capacidade de sustentação das atividades regulares e a possibilidade de ampliação de frentes de trabalho.

Resumo Brasil

Horas semanais no trabalho voluntário	% Brasil (BR)
Até 1 hora	9,6%
De 2 a 3 horas	36,3%
De 4 a 6 horas	31,6%
De 7 a 9 horas	11,4%
De 10 a 12 horas	5,6%
Acima de 12 horas	5,4%

Análise geral

1. A maioria trabalha entre 2 e 6 horas por semana

- 67,9% dos trabalhadores estão neste intervalo, que representa cerca de 1 a 2 dias de dedicação parcial.
- Isso garante o funcionamento básico das atividades presenciais (como reuniões públicas, estudos e passses), mas pode limitar:
 - Atendimento fraterno
 - Organização de eventos
 - Ações sociais externas
 - Produção de conteúdo digital, entre outros

2. Dedicam até 1 hora por semana — 9,6%

- Pode indicar:
 - Voluntariado muito pontual
 - Apoio administrativo ocasional
 - Participações com pouco vínculo direto
- Também pode ser reflexo de quem está começando ou tem agenda muito restrita

3. Cerca de 22,4% atuam mais de 6 horas por semana

- Considerando os percentuais de 7h a 9h, 10h a 12h e mais de 12h
- Trata-se de um grupo mais intensamente comprometido, geralmente composto por:
 - Coordenadores de área
 - Diretores, facilitadores de estudos
 - Trabalhadores da assistência social, evangelização e eventos
 - Colaboradores de comunicação ou atendimento espiritual

Esse grupo mais engajado, embora minoritário, é o eixo que sustenta as atividades mais complexas do Centro Espírita.

Comparando com o tempo de voluntariado (Q38)

- Embora mais da metade atue há mais de 10 anos, apenas 22% dedicam mais de 6h semanais.
- Isso sugere que antiguidade não significa automaticamente alta dedicação de tempo, o que pode refletir:
 - Envelhecimento de parte da equipe
 - Redução de compromissos com o tempo
 - Acomodação por falta de novos desafios
 - Divisão de tempo entre várias frentes ou atividades externas

Oportunidades para os Centros Espíritas

Tema	Ações recomendadas
Melhor uso do tempo	Mapear atividades que exigem mais tempo e redistribuir entre grupos menores
Micro tarefas voluntárias	Criar tarefas de curta duração que permitam o engajamento de quem tem pouco tempo
Voluntariado estratégico	Estimular mais trabalhadores a ampliar seu tempo em funções com impacto direto
Planejamento de turnos	Organizar atividades em escalas flexíveis, incluindo turnos semanais e mensais
Estímulo à corresponsabilidade	Envolver os trabalhadores com mais tempo em funções de apoio, mentoria e liderança

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de:

Seguem 8 questões perguntando o que o Centro deveria mudar.

41. [Atender o público]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Atender o público]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	55,1%	60,5%	57,7%	52,4%	44,7%	43,0%	52,1%	49,8%	50,0%	44,7%
Não sei	5,1%	5,3%	5,0%	4,2%	4,1%	5,7%	4,9%	4,9%	6,0%	4,3%
Sim, bastante	6,7%	5,2%	5,9%	8,4%	10,5%	8,3%	9,1%	8,7%	6,6%	12,3%
Sim, um pouco	33,1%	29,0%	31,4%	35,0%	40,6%	43,0%	34,0%	36,6%	37,3%	38,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A tabela da questão 41 da Pesquisa Nacional Espírita 2025 trata da percepção sobre a necessidade de o Centro Espírita mudar sua forma de atender o público. A análise revela um importante termômetro sobre acolhimento, acessibilidade, escuta ativa e postura dos trabalhadores na recepção das pessoas.

Visão geral — Brasil

Opção de resposta	Percentual (BR)
Não	55,1%
Não sei	5,1%
Sim, um pouco	33,1%
Sim, bastante	6,7%

Mais da metade acredita que não há necessidade de mudança na forma como o Centro atende o público, mas quase 40% (39,8%) indicam que sim, ainda que “um pouco”. Isso aponta para uma zona de conforto institucional, mas também revela um campo de melhorias percebido por quase 4 em cada 10 frequentadores.

Destaques por estado — percepção de necessidade de mudança

- Os estados com maior demanda por mudanças (somando “Sim, um pouco” + “Sim, bastante”) são:
 - PB – 51,3%
 - BA – 51,1%
 - GO – 51,0%
 - DF – 43,9%
 - ES – 45,3%

Esses resultados podem sugerir:

- Realidades locais com maior diversidade social ou etária, exigindo formas de acolhimento mais adaptadas.
- Ambientes onde ainda predominam formas tradicionais ou formais de recepção, com pouca escuta ativa.
- Dificuldades de comunicação clara com novos públicos.

Por outro lado, SP (34,2%) e RJ (37,3%) são os estados com menor percepção de necessidade de mudança, o que pode refletir:

- Um público mais habituado à cultura da casa
- Centros maiores com maior rotatividade e experiência de atendimento
- Maior confiança institucional

O que essa percepção pode indicar?

Quando o público diz que não precisa mudar:

- Pode estar satisfeito com:
 - Acolhimento respeitoso e cordial
 - Abertura para perguntas
 - Facilidade de acesso ao passe e ao atendimento fraterno
 - Boa organização dos eventos e horários
- Ou pode indicar acomodação, baixa expectativa, ou pouca vivência de outras realidades (não sabem como poderia ser melhor)

Quando dizem que sim, deve mudar (um pouco ou bastante):

- Estão apontando a necessidade de:
 - Mais escuta ativa dos visitantes e frequentadores
 - Menos julgamento e posturas rígidas no acolhimento
 - Horários mais acessíveis
 - Espaços para dúvidas, sugestões e diálogo
 - Linguagem mais simples e empática
 - Tratamento mais fraterno com jovens, recém-chegados e outras categorias

Sugestões para melhoria do atendimento ao público

Ação prática	Finalidade
Criação de equipe de acolhimento	Receber com empatia, orientar e ouvir
Formação contínua em escuta fraterna	Melhorar o preparo dos trabalhadores para atender dúvidas e conflitos
Canal anônimo de sugestões	Obter críticas construtivas dos próprios frequentadores
Observadores externos temporários	Avaliar a experiência do público sob outra perspectiva
Rodízio de funções e revezamento	Evitar posturas viciadas ou automatizadas
Capacitação em diversidade e inclusão	Tornar o atendimento mais sensível a realidades sociais distintas

41. [Definir temas das palestras]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Definir temas das palestras]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	63,6%	64,5%	68,3%	60,8%	60,2%	58,5%	60,2%	66,7%	61,4%	59,1%
Não sei	6,5%	7,0%	5,8%	5,2%	6,0%	6,7%	5,5%	5,2%	10,1%	5,1%
Sim, bastante	7,3%	6,7%	5,4%	8,7%	10,3%	10,6%	6,5%	5,5%	6,6%	10,2%
Sim, um pouco	22,7%	21,9%	20,6%	25,3%	23,5%	24,1%	27,8%	22,7%	21,8%	25,5%
Total	100,0%									

A tabela da questão 41 — sobre a necessidade de mudar a forma de definir os temas das palestras — revela aspectos relevantes da programação doutrinária dos Centros Espíritas, sugerindo o quanto essa atividade pode ou não estar dialogando com os interesses e necessidades do público.

Visão geral — Brasil	
Opção de resposta	Percentual (BR)
Não	63,6%
Sim, um pouco	22,7%
Sim, bastante	7,3%
Não sei	6,5%

Ou seja, 30% dos respondentes (22,7% + 7,3%) indicam algum nível de insatisfação com a forma atual de escolha dos temas das palestras, enquanto 63,6% demonstram aprovação ou acomodação com a metodologia adotada.

Estados com maior demanda por mudança nos temas das palestras

UF	Sim (um pouco + bastante)
PE	34,3%
GO	35,7%
PB	34,7%
MG	34,0%
BA	33,8%

Nesses estados, mais de um terço dos respondentes sugerem mudanças, o que pode indicar:

- Repetição excessiva de temas ou abordagem genérica demais
- Falta de vínculo com questões contemporâneas e sociais
- Ausência de temas que dialoguem com o cotidiano dos frequentadores
- Pouca diversidade de palestrantes e perspectivas

Possíveis causas da insatisfação

Organização fechada ou verticalizada:

- Temas são escolhidos apenas por uma pequena coordenação sem escuta ativa do público
- Preferência por temas “seguros” ou repetidos

Desconexão com o público:

- Jovens e novos frequentadores podem não se identificar com os enfoques tradicionais
- Falta de aplicação prática dos conceitos

Ausência de atualização:

- Temas importantes como saúde mental, relações familiares, diversidade, tecnologia, autoconhecimento, podem estar sub-representados

Boas práticas para renovação dos temas

Sugestão	Benefício esperável
Caixa de sugestões anônima e contínua	Levantar temas que o público deseja ouvir
Pesquisa de satisfação interna	Conhecer os aspectos mais e menos valorizados
Sondagens regulares online	Integrar o público à curadoria temática
Rodízio de expositores com perfis diversos	Estimular novas abordagens e interpretações
Temas por ciclos ou séries temáticas	Proporcionar aprofundamento progressivo
Atualização com base em desafios sociais reais	Conectar Espiritismo com o mundo contemporâneo
Encontros para escuta ativa do público	Identificar lacunas e expectativas

Observações

Embora a maioria não perceba necessidade de mudança, é expressiva a quantidade de pessoas que desejam melhorias discretas ou significativas.

A programação doutrinária pode ser um instrumento de acolhimento e renovação, quando construída de forma participativa e atualizada.

Esses dados, comparados com os anteriores (como os de atendimento ao público), reforçam a importância da escuta como ferramenta de gestão espiritual e organizacional.

41. [Definir palestrantes]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Definir palestrantes]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	62,6%	62,6%	66,6%	62,5%	60,3%	56,5%	58,3%	67,6%	59,8%	60,0%
Não sei	7,2%	7,6%	7,7%	6,4%	5,5%	6,5%	5,2%	5,5%	12,3%	4,3%
Sim, bastante	8,2%	7,9%	6,8%	9,4%	11,1%	10,9%	9,7%	4,5%	8,5%	9,8%
Sim, um pouco	22,0%	21,9%	18,9%	21,7%	23,1%	26,2%	26,9%	22,3%	19,3%	26,0%
Total	100,0%									

A questão 41 traz à tona uma dimensão estratégica das atividades doutrinárias, pois os expositores representam a “voz” do Centro Espírita, influenciando diretamente a imagem da casa e o interesse do público.

Visão geral — Brasil

Opção de resposta	Percentual (BR)
Não	62,6%
Sim, um pouco	22,0%
Sim, bastante	8,2%
Não sei	7,2%

Ou seja, 30,2% dos respondentes expressam alguma insatisfação com a forma como os palestrantes são definidos, número praticamente idêntico ao da questão anterior (temas das palestras).

Estados com maior demanda por mudança na definição dos palestrantes

UF	Sim (um pouco + bastante)
PB	37,1%
GO	35,8%
PE	36,6%
BA	34,2%
MG	31,1%

Esses percentuais indicam uma percepção crítica mais elevada sobre os critérios utilizados para convidar ou escalar os expositores doutrinários.

Possíveis causas da insatisfação

Repetição dos mesmos palestrantes. Pode gerar monotonia e pouca diversidade de estilos ou pontos de vista.

Falta de renovação. Dificuldade em abrir espaço para novos talentos ou perfis menos tradicionais.

Preferências pessoais ou falta de critérios objetivos. A seleção pode parecer baseada em afinidades pessoais, e não em preparo, conteúdo ou representatividade.

Falta de pluralidade. Ausência de diversidade etária, de gênero, regional ou temática entre os expositores.

Caminhos para aprimorar a escolha dos palestrantes

Proposta	Benefício esperável
Banco de dados aberto de expositores	Facilita variedade e seleção por especialidade
Reciclagem constante	Garantir conteúdo e melhorar a forma
Critérios públicos e objetivos	Aumenta a transparência e a confiança
Avaliação participativa das palestras	Dá voz à percepção do público
Oportunidade para novos talentos	Renova a abordagem doutrinária
Rodízio equilibrado entre internos e convidados	Estimula o desenvolvimento interno e diálogo externo
Incentivo à formação continuada dos expositores	Garante melhor conteúdo e linguagem atualizada

Comparação com a definição dos temas

Curiosamente, os percentuais de insatisfação são semelhantes (cerca de 30%) tanto para os temas das palestras quanto para os palestrantes. Isso sugere que há uma percepção de que a dinâmica da exposição doutrinária precisa se tornar mais viva, diversa e próxima do público.

Considerações finais

A maioria ainda não deseja mudanças (62,6%), o que pode refletir conformismo, confiança ou ausência de engajamento crítico. Mas o grupo que deseja mudanças já é bastante representativo e merece ser ouvido.

Investir na qualificação, pluralidade e escuta do público são ações-chave para tornar os Centros Espíritas mais vibrantes e atrativos.

41. [Selecionar passistas]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Selecionar passistas]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	65,1%	66,6%	65,9%	66,1%	58,5%	54,9%	63,4%	68,6%	64,9%	68,5%
Não sei	8,3%	8,3%	10,3%	7,8%	7,0%	8,3%	5,8%	6,1%	13,3%	6,4%
Sim, bastante	7,5%	7,0%	6,8%	7,7%	10,2%	11,9%	6,5%	5,5%	7,0%	6,0%
Sim, um pouco	19,1%	18,1%	17,0%	18,3%	24,4%	24,9%	24,3%	19,7%	14,9%	19,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Esta questão traz uma perspectiva interessante sobre uma das atividades mais sensíveis nos Centros Espíritas: o passe. Pela sua natureza espiritual, muitos acreditam que o processo de escolha dos passistas deve ser criterioso e resguardado, o que torna relevante essa avaliação por parte dos frequentadores e trabalhadores.

Visão geral — Brasil

Opção de resposta	Percentual (BR)
Não	65,1%
Sim, um pouco	19,1%
Sim, bastante	7,5%
Não sei	8,3%

Ou seja, 26,6% dos respondentes desejam mudanças, o que representa um número significativo para um tema historicamente tratado com certa solenidade e reserva.

Estados com maior insatisfação

UF	Sim (um pouco + bastante)
PB	36,8%
PE	30,8%
BA	34,6%
GO	25,1%
ES	25,2%

A maior insatisfação aparece no Nordeste, sugerindo possíveis diferenças regionais nos critérios de escolha, transparência do processo ou até no funcionamento das equipes de passe.

Motivos possíveis de insatisfação

1. Falta de critérios claros

- Percepção de que a escolha depende mais de afinidade pessoal do que de preparo ou perfil moral/doutrinário

2. Ausência de transparência

- A comunidade pode desconhecer como os passistas são selecionados, formados e avaliados

3. Pouca renovação

- Os mesmos passistas atuam por anos sem oportunidades claras para novos voluntários

4. Despreparo percebido

- Alguns podem perceber atuação mecânica ou sem espiritualidade, o que levanta questionamentos sobre a preparação

Propostas de aprimoramento

Ação sugerida	Benefício esperado
Plano formativo estruturado	Garante preparo técnico e doutrinário dos passistas
Criteriologia pública e espiritualizada	Fortalece confiança e respeito do público
Avaliação continuada e acolhedora	Permite melhoria contínua sem gerar constrangimentos
Renovação gradual da equipe	Traz diversidade de perfis e experiências
Espaços de escuta e acolhimento	Permite que observações do público e da equipe sejam ouvidas

Considerações finais

- A maioria está satisfeita (65,1%), mas a parcela que deseja mudanças é expressiva, especialmente considerando a natureza delicada do serviço de passe.
- Em estados como PB, BA e PE, há sinalizações importantes para revisão ou fortalecimento dos processos formativos e critérios espirituais.
- A insatisfação pode ser uma oportunidade de melhorar o clima da casa e a formação dos trabalhadores.

41. [Dar passe público]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Dar passe público]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	70,7%	71,7%	74,6%	70,2%	64,3%	61,7%	68,0%	75,1%	71,2%	72,3%
Não sei	8,4%	9,5%	7,0%	7,7%	7,7%	8,5%	5,8%	7,8%	9,2%	6,8%
Sim, bastante	6,3%	5,4%	4,9%	8,0%	8,5%	11,4%	8,4%	2,9%	5,7%	8,5%
Sim, um pouco	14,5%	13,4%	13,5%	14,1%	19,5%	18,4%	17,8%	14,2%	13,9%	12,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A questão aponta para uma grande maioria que está satisfeita com o modelo atual adotado nos Centros Espíritas em relação à prática dos passes coletivos ou "públicos" (ou seja, fora das salas reservadas, geralmente em salões após a palestra).

Visão geral — Brasil

Opção de resposta	Percentual (BR)
Não	70,7%
Sim, um pouco	14,5%
Sim, bastante	6,3%
Não sei	8,4%

Isso indica que apenas cerca de 21% consideram que a prática precisa de algum ajuste. O número é bem inferior ao registrado na pergunta anterior sobre seleção de passistas (26,6%), sugerindo que a preocupação está mais na escolha do trabalhador do que na modalidade do passe em si.

Estados com mais desejo de mudança

UF	Sim (um pouco + bastante)
PB	29,9%
BA	28,0%
PE	26,2%
GO	20,8%
MG	22,1%

Os estados do Nordeste novamente aparecem com maior insatisfação, o que pode sinalizar diferenças culturais, expectativas doutrinárias ou práticas locais que contrastam com o modelo do passe público adotado.

Possíveis causas para o desconforto

1. Exposição desnecessária

- Algumas pessoas podem sentir que o passe público compromete o recolhimento e a privacidade da experiência espiritual.

2. Falta de ambiente propício

- Se o salão está ruidoso, agitado ou com pouca harmonia, a prática pode ser percebida como apressada ou superficial.

3. Doutrinária vs. tradicional

- Grupos mais rigorosos podem ver o passe público como uma "invenção recente" e não fundamentada nas obras de Kardec, embora o Espiritismo brasileiro o tenha institucionalizado com naturalidade.

Possibilidades de aprimoramento

Ação sugerida	Potencial benefício
Melhor preparo do ambiente	Promove recolhimento e elevação espiritual
Explicações públicas sobre a prática	Esclarece a importância e fundamentação do passe
Combinação com passe individual	Atende melhor à diversidade de necessidades
Rever a estrutura do salão e do momento	Evita tumultos, garante fluidez e conforto

Considerações

- A grande maioria (70,7%) considera adequada a forma atual de dar o passe público.
- A parcela que deseja mudanças é minoritária, porém significativa em alguns estados, sugerindo a necessidade de atenção a contextos locais.
- As casas que se dispuserem a aprimorar essa prática podem fazê-lo com melhorias discretas, mas eficazes, sem necessariamente abandoná-la.

Tendência de manutenção do status quo entre dirigentes

Muitos respondentes ocupam funções de direção, coordenação ou supervisão no Centro Espírita, como indicam os dados da questão 37. Isso cria uma base de respondentes com forte envolvimento na estrutura atual, o que pode levar a:

1. Validação do próprio modelo de gestão

- É natural que quem ajuda a conduzir as atividades acredite que elas estão bem orientadas.
- Isso não se dá por má fé, mas por confiança no que se faz e resistência à autocrítica institucional.

2. Dificuldade em perceber necessidades de mudança

- Dirigentes estão frequentemente concentrados em manter o funcionamento do Centro, o que pode reduzir sua disponibilidade para ouvir ou acolher sugestões de mudança vinda da base.

3. Aversão ao conflito ou à instabilidade

- Mudanças podem ser vistas como risco organizacional ou como possibilidade de desorganização, o que leva a respostas conservadoras.

Efeitos visíveis nas respostas

Nas tabelas anteriores, a opção “Não precisa mudar” atinge:

Questão	% BR respondeu "Não"
Atender o público	55,1%
Definir temas das palestras	63,6%
Definir palestrantes	62,6%
Selecionar passistas	65,1%
Dar passe público	70,7%

Essa tendência de estabilidade aumenta à medida que a pergunta toca em práticas mais centrais (como o passe), o que sugere:

- Menor disposição dos dirigentes para revisar áreas sensíveis ou simbólicas.
- Possível baixa percepção de que o público pode desejar mudanças.

Implicações para análise e ação

Ao considerar esse viés estrutural, podemos pensar em ações como:

Proposta	Objetivo
Criar espaços de escuta ativa para frequentadores	Captar melhor as demandas silenciosas ou não expressas
Realizar avaliações anônimas dos serviços da casa	Reducir a pressão hierárquica e obter opiniões mais francas
Promover formação continuada dos dirigentes	Estimular visão crítica, humildade e abertura ao novo
Estimular grupos de inovação com jovens e novos trabalhadores	Renovar práticas sem romper vínculos com a tradição

41. [Fazer desobsessão]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Fazer desobsessão]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	57,6%	60,2%	58,9%	53,0%	52,8%	47,7%	60,2%	57,9%	58,2%	59,1%
Não sei	16,1%	14,8%	20,0%	19,7%	13,0%	16,8%	11,3%	20,1%	14,2%	10,6%
Sim, bastante	10,1%	9,2%	7,3%	11,1%	14,3%	14,0%	12,3%	9,4%	9,2%	13,2%
Sim, um pouco	16,2%	15,8%	13,8%	16,3%	19,9%	21,5%	16,2%	12,6%	18,4%	17,0%
Total	100,0%									

A tabela referente à forma de realizar a desobsessão mostra novamente um padrão já identificado nas questões anteriores, mas com algumas nuances importantes que merecem destaque:

Análise nacional (BR)

Resposta	% Nacional (BR)
Não	57,6%
Não sei	16,1%
Sim, bastante	10,1%
Sim, um pouco	16,2%

Ou seja, quase 43% dos respondentes não descartam que o processo de desobsessão poderia ser melhorado, sendo que 26,3% apontam isso de forma explícita (somando os "Sim").

Destaques regionais relevantes

- Regiões com maior desejo de mudança:**
 - PB: 35,5% querem mudança (14% "bastante", 21,5% "um pouco")
 - BA: 34,2% no total
 - MG e GO: mais de 29% indicam mudança
- Regiões mais conservadoras:**
 - SP, PE, ES: com 60% ou mais dizendo que não precisa mudar

Essas variações apontam para diferenças culturais ou práticas locais no modo de aplicar a desobsessão, além da já esperada influência da formação dos dirigentes e dos costumes herdados da tradição local.

Influência da percepção religiosa tradicional

A desobsessão é um campo sensível, geralmente envolto em:

- Solenidade e reverência;
- Crenças arraigadas sobre rituais, orações e práticas mentais;
- Interpretações simbólicas ou místicas dos processos espirituais.

Por isso, é natural que:

- A concepção mais religiosa e devocional leva a uma resistência maior a mudanças.
- Uma visão mais racional, educativa e terapêutica pode favorecer uma abordagem mais livre, crítica e ajustável à realidade das pessoas envolvidas (espíritos e encarnados).

A dúvida (16,1%) também é reveladora

Um dos maiores percentuais de "Não sei" entre todas as práticas analisadas. Isso sugere:

- Desconhecimento ou pouca participação na atividade (o que é comum, pois geralmente é restrita a grupos fechados).
- Falta de transparência no processo de desobsessão nos Centros, o que pode alimentar o misticismo ou o medo reverente, dificultando a evolução dessa prática para modelos mais participativos, doutrinários e compreensíveis.

Sugestões para renovação consciente da prática de desobsessão

Ação sugerida	Finalidade
Formação doutrinária mais clara sobre obsessão	Evitar rituais místicos e simplificações inadequadas
Integração com o estudo das obras de Kardec	Retomar o modelo racional e educativo proposto pelo Codificador
Participação gradual de novos trabalhadores (rodízio)	Romper a ideia de grupo fechado ou secreto
Inclusão do tema nas reuniões públicas com linguagem clara	Informar o público e gerar confiança na proposta
Autoavaliação periódica da prática de desobsessão	Melhorar método e adequar às realidades da casa e dos envolvidos

41. [Fazer reuniões administrativas]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Fazer reuniões administrativas]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	45,0%	46,1%	50,7%	42,5%	40,0%	40,4%	42,7%	43,0%	42,4%	41,7%
Não sei	17,5%	19,2%	18,3%	17,0%	11,1%	10,6%	16,2%	20,4%	22,8%	14,5%
Sim, bastante	13,6%	11,9%	11,1%	15,6%	21,2%	17,6%	20,4%	10,0%	11,1%	13,6%
Sim, um pouco	24,0%	22,9%	20,0%	25,0%	27,6%	31,3%	20,7%	26,5%	23,7%	30,2%
Total	100,0%									

A tabela referente à forma de fazer reuniões administrativas, traz uma percepção diferente das demais práticas, com um maior desejo de mudança por parte dos participantes. Vamos à análise:

Resultados nacionais (BR)

Resposta	% Nacional
Não	45,0%
Não sei	17,5%
Sim, bastante	13,6%
Sim, um pouco	24,0%

Ou seja, 37,6% acreditam que a forma de conduzir reuniões administrativas deve mudar, sendo este um dos maiores percentuais entre os 8 aspectos abordados na questão 41. Isso mostra que o modo como se organiza e decide a vida administrativa do Centro Espírita está claramente em questão.

Destaques regionais

- **Maior desejo de mudança (somando "bastante" + "um pouco"):**
 - PB: 48,9%
 - BA: 48,8%
 - GO: 43,8%
 - MG: 40,6%
- **Menor desejo de mudança:**
 - SP (34,8%) e Participantes em cargos de direção (31,1%), o que pode sugerir uma tendência à auto validação por parte de quem coordena ou decide.

Reflexões e hipóteses sobre os dados

1. Modelo centralizado e pouco participativo

A forma tradicional de conduzir reuniões nos Centros Espíritas costuma seguir modelos:

- Hierárquicos;
- Pouco transparentes;
- Focados em relatórios e normas, com pouca escuta ativa;
- Sem formação prévia em gestão de grupos ou metodologias participativas.

Isso pode gerar a sensação de que essas reuniões não representam de fato a coletividade da casa, e que há pouca abertura ao diálogo e à inovação.

2. Trabalhadores gostariam de participar mais das decisões

Muitos voluntários desejam:

- Ser ouvidos;
- Ter clareza sobre as decisões e os critérios;
- Contribuir para o planejamento da casa;
- Sentir que seus esforços fazem parte de algo maior, construído em grupo.

Por isso, melhorar a forma das reuniões pode ter impacto direto no engajamento e na coesão do grupo.

3. O alto índice de “Não sei” (17,5%)

Esse dado indica:

- **Distanciamento da maioria das pessoas em relação às decisões administrativas, o que pode gerar desinteresse, desinformação ou falta de confiança.**
- Ausência de espaços acessíveis para formação de novos dirigentes ou aproximação com os bastidores da gestão.

Sugestões para renovar as reuniões administrativas

Ação sugerida	Efeito esperado
Promover reuniões abertas e acessíveis	Maior inclusão e participação dos frequentadores
Capacitar lideranças para escuta ativa	Ambientes menos autoritários e mais colaborativos
Usar ferramentas de gestão participativa	Planejamento mais claro e transparente
Garantir tempo para sugestões e propostas	Engajamento maior e surgimento de novas ideias
Registrar e divulgar decisões de forma clara	Redução de boatos e maior confiança na direção

41. [Orientar/Desenvolver médiuns]

41. O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de: [Orientar/Desenvolver médiuns]	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	44,4%	47,2%	44,9%	40,3%	40,2%	36,0%	46,3%	40,5%	48,4%	41,7%
Não sei	10,0%	8,6%	13,5%	11,3%	7,1%	11,1%	10,4%	9,7%	10,1%	9,8%
Sim, bastante	18,8%	18,3%	14,5%	19,5%	24,8%	23,8%	17,5%	18,4%	18,4%	17,9%
Sim, um pouco	26,9%	25,9%	27,1%	28,8%	27,8%	29,0%	25,9%	31,4%	23,1%	30,6%
Total	100,0%									

A análise desse item ajuda a fechar o ciclo das 8 subquestões e permite uma leitura comparativa muito interessante sobre as práticas e o nível de conservadorismo ou desejo de renovação nas casas espíritas.

Resumo Nacional – Brasil

Resposta	Percentual
Não	44,4%
Não sei	10,0%
Sim, bastante	18,8%
Sim, um pouco	26,9%

Ou seja, 45,7% dos respondentes gostariam de alguma mudança na forma como os médiuns são orientados ou desenvolvidos (18,8% bastante + 26,9% um pouco).

Destaques regionais

- **Desejo de mudança mais forte:**
 - PB: 52,8% (maior soma de "bastante" + "um pouco")
 - BA: 52,6%
 - GO: 48,5%
 - MG: 48,3%
 - ES: 49,8%
- **Estados com menor desejo de mudança:**
 - SP: 44,2%
 - DF: 41,5%
 - PE: 43,4%

Análise e hipóteses interpretativas

1. Divisão significativa de opiniões

- A média nacional mostra um campo quase dividido entre os que aprovam o modelo atual (44,4%) e os que querem mudanças (45,7%).
- Isso sinaliza que o tema da mediunidade é mais sensível, envolto em tradição e receios quanto a alterações em procedimentos já consolidados.

2. Por que o desejo de mudança?

- Ausência de preparação mais sistemática dos médiuns;
- Falta de escuta individualizada, com abordagens padronizadas;
- Excesso de exigência formal e pouca acolhida afetiva, em alguns casos;
- Ou até mesmo, excessiva rigidez doutrinária ou moralista, que desestimula os iniciantes.

3. Entre a segurança e a renovação

O receio de mudar a forma de desenvolver médiuns pode estar associado:

- Ao medo de "abrir brechas" para práticas místicas, emocionalistas ou contrárias à obra de Kardec;
- À tendência de que os dirigentes — em sua maioria — tenham sido formados em moldes mais tradicionais, e transmitam isso adiante;
- À ausência de diálogo com os desafios emocionais, psicológicos e sociais dos novos médiuns, especialmente os mais jovens ou recém-chegados à Doutrina.

4. Destaques relevantes

- A soma de respostas "Sim, bastante" + "Sim, um pouco" supera 50% em vários estados nordestinos, sugerindo maior espírito crítico e desejo de atualização nessas regiões;
- Participantes que não estão em cargos de coordenação tendem a indicar mais necessidade de mudança do que dirigentes e supervisores, como já vimos nas outras tabelas.

A mediunidade se mantém escondida

A mediunidade doutrinariamente correta é desconhecida pela maioria dos trabalhadores e mais ainda pelos frequentadores. Há um receio da exposição pública, do espetáculo. Talvez excesso de zelo, mas isso concretiza um cenário em que o público tem acesso pela mídia e manifestações em ambientes abertos, como praia e campo, de outras formas de mediunidade.

Como conciliar a seriedade doutrinária com a necessidade de expressar, de maneira viva e autêntica, a mediunidade — que é uma das marcas distintivas do Espiritismo? Ver proposta no Anexo 1.

Segue análise dividida em quatro eixos principais:

1. Desconhecimento sobre a mediunidade doutrinária

Apesar de ser uma das colunas do Espiritismo, a mediunidade é muitas vezes mal compreendida ou reduzida a práticas internas, restritas ao ambiente das reuniões mediúnicas fechadas. As causas para isso são diversas:

- Falta de estudo aprofundado de "O Livro dos Mídiuns" nos grupos de trabalhadores;
- Excesso de preocupação disciplinar, fazendo com que o foco recaia mais sobre o "controle da reunião" do que sobre o desenvolvimento da sensibilidade moral e emocional do médium;
- Ausência de diálogo com a realidade contemporânea, que expõe as pessoas a diferentes manifestações mediúnicas (inclusive distorcidas) fora do ambiente espírita, como ocorre em redes sociais, cultos afro-brasileiros, práticas esotéricas e manifestações espiritualistas abertas.

Muitos trabalhadores atuam por tradição, repetição ou medo de errar — e frequentadores não têm clareza sequer sobre o que é a mediunidade espírita, o que a diferencia, quais os objetivos e os cuidados necessários.

2. Receio da exposição e da banalização — o excesso de zelo

Desde as primeiras décadas do século XX, houve um esforço, especialmente no Brasil, para dissociar o Espiritismo de práticas espetaculosas ou "místicas", em resposta ao preconceito da sociedade e às confusões com cultos religiosos.

Isso gerou um zelo compreensível, mas que:

- Evita qualquer manifestação mediúnica em público, mesmo as que poderiam ser úteis, breves, cuidadosas e coerentes com a proposta da reunião;
- Acaba por confinar a mediunidade aos bastidores, como algo secreto ou perigoso, enfraquecendo seu valor educativo, consolador e esclarecedor;
- Pode levar a um público cada vez mais distante da realidade espiritual concreta, alimentando uma visão teórica e abstrata da vida espiritual.

3. O contraste com a sociedade atual: visibilidade das "outras mediunidades"

O público, mesmo sem formação doutrinária, tem contato crescente com a mediunidade — em ambientes abertos e sem filtros — via:

- Vídeos de incorporação em praias e cachoeiras;
- Lives com mísseis espiritualistas de diversas correntes;
- "Psicografias" espontâneas e comerciais em programas de TV;
- Experiências sensoriais e emocionais em cultos religiosos diversos.

Diante disso, é natural que o frequentador se pergunte:

“Por que aqui nunca acontece nada disso?”

“Por que não há nenhuma manifestação espiritual visível?”

“Será que o que está acontecendo aqui é realmente espiritual?”

Quando não há resposta clara e vivência coerente dentro do Centro Espírita, os mais curiosos migram para essas outras experiências, mesmo que desprovidas de base doutrinária.

4. Experiência enriquecedora: manifestações mediúnicas breves e doutrinárias ao final das palestras

A experiência sugerida no Anexo 1 — psicofonias ou psicografias breves, após palestras — é um exemplo positivo e raríssimo de como a mediunidade pode:

- Refletir o conteúdo doutrinário estudado, aprofundando ou complementando;
- Manter respeito e sobriedade, quando bem conduzida por médiums preparados;
- Educar o público quanto à linguagem, à forma e à finalidade da comunicação espiritual;
- Reforçar a presença viva do plano espiritual, sem misticismo nem espetáculo.

Se feita com critério, isso:

- Fortalece a confiança do público na realidade espiritual;
- Valoriza a figura do espírito como educador, não como ídolo ou salvador;
- Renova o ambiente das reuniões públicas, sem desequilibrá-las.

Tal prática encontra amparo em Kardec, que permitia comunicações espontâneas em reuniões públicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — desde que fossem breves, pertinentes e sob orientação séria.

Propostas viáveis

1. **Estudar mais e melhor a mediunidade à luz de Kardec** — especialmente entre os trabalhadores, mas também junto ao público interessado;
2. **Desmistificar a mediunidade sem profaná-la**, ou seja, apresentá-la como algo natural e educativo, e não como espetáculo ou milagre;
3. **Reavaliar a rigidez de certos costumes**: não se trata de abrir portas a qualquer prática emocionalista, mas de reconhecer que o excesso de reserva pode empobrecer a vivência espiritual do público;
4. **Testar experiências-piloto**, em Centros com estrutura moral e doutrinária sólida, para gradualmente retomar o papel vivo da mediunidade na experiência espírita pública.

QUESTÃO 41 - “O Centro Espírita que frequenta precisa mudar a forma de...”

Atividade analisada	Não	Sim (bastante + um pouco)	Sim, bastante	Sim, um pouco
Dar passe público	70,7%	20,8%	6,3%	14,5%
Selecionar passistas	65,1%	26,6%	7,5%	19,1%
Definir temas das palestras	63,6%	30,0%	7,3%	22,7%
Definir palestrantes	62,6%	30,2%	8,2%	22,0%
Fazer desobsessão	57,6%	26,3%	10,1%	16,2%
Atender o público	55,1%	39,8%	6,7%	33,1%
Fazer reuniões administrativas	45,0%	37,6%	13,6%	24,0%
Orientar/desenvolver médiums	44,4%	45,7%	18,8%	26,9%

PRINCIPAIS TENDÊNCIAS OBSERVADAS

1. Áreas com maior resistência à mudança

As práticas mais “consolidadas” segundo a percepção dos respondentes:

- Dar passe público (70,7%) — é a prática com menor índice de desejo de mudança.
- Selecionar passistas (65,1%), definir temas (63,6%) e definir palestrantes (62,6%) também têm alta estabilidade percebida.

Nota: Isso pode indicar conservadorismo nas práticas visíveis ao público, ou baixa percepção crítica sobre os critérios adotados nessas atividades.

2. Áreas com percepção moderada de mudança necessária

- Fazer desobsessão (57,6% contrários à mudança) mostra leve instabilidade doutrinária ou operacional, possivelmente relacionada a desconhecimento sobre o procedimento, ausência de transparência, falta de preparo ou mesmo receios místicos, infundados

- Atender o público (55,1% não desejam mudança) tem a segunda maior taxa de concordância com mudança parcial (33,1%), sugerindo que a forma de acolhimento e escuta pode estar sendo considerada fria ou engessada.

3. Áreas com maior desejo de mudança

- Reuniões administrativas (apenas 45,0% não querem mudança) — cerca de 1 em cada 4 pessoas acha que deveria mudar “um pouco”, e 13,6% dizem que deveria mudar “bastante”. Há indícios de falta de objetividade, participação ou transparência nessas reuniões.
- Orientação e desenvolvimento mediúnico é a área mais apontada como carente de reformulação (45,7%), com destaque para:
 - 18,8% dizem que precisa mudar “bastante”;
 - 26,9% dizem que precisa mudar “um pouco”.

Esse dado é especialmente relevante, pois mostra que, embora o passe e os trabalhos públicos sejam aceitos, há preocupação com a formação dos médiuns, o que pode refletir um déficit institucionalizado de estudo, prática supervisionada e acompanhamento fraternal.

INTERPRETAÇÃO GLOBAL

- A percepção de que “está tudo bem” nas rotinas públicas pode refletir uma postura de acomodação ou desconhecimento dos critérios adotados;
- Por outro lado, os bastidores do Centro Espírita, como formação mediúnica, reuniões administrativas e acolhimento ao público, recebem críticas mais diretas, o que sugere que:
 - Há carência de participação mais ativa e democrática;
 - Falta escuta estruturada ao público e aos próprios trabalhadores;
 - Existem pontos frágeis na formação doutrinária e metodológica.

DESTAQUE ESTRATÉGICO

Um dos pontos mais importantes revelados é que o maior desejo de mudança está nas práticas formativas e internas, e não nas externas. Isso é coerente com os dados da questão 37, que mostram que parte significativa dos trabalhadores exerce função sem preparo adequado, especialmente os médiuns.

Esse conjunto de dados pode orientar ações prioritárias para modernização e qualificação dos Centros Espíritas, tais como:

- Reestruturação da formação de trabalhadores e médiuns;
- Reformulação das reuniões administrativas com maior foco participativo;
- Revisão dos métodos de acolhimento ao público e atendimento fraternal;
- Criação de canais regulares de escuta e avaliação das práticas da casa.

42. Quantas atividades diferentes você faz regularmente no Centro Espírita?

42. Quantas atividades diferentes você faz regularmente no Centro Espírita	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Uma	13,0%	13,7%	12,2%	12,8%	13,3%	10,4%	12,6%	12,3%	17,1%	14,0%
Duas	30,1%	31,9%	26,3%	30,2%	28,6%	30,1%	25,2%	31,4%	28,5%	30,6%
Três	28,6%	28,5%	28,4%	29,3%	29,3%	26,4%	29,8%	27,5%	28,8%	26,8%
Quatro	13,1%	12,5%	14,2%	13,0%	13,0%	11,7%	14,6%	12,3%	11,1%	15,3%
Cinco ou acima	12,5%	10,8%	15,3%	11,9%	13,0%	17,9%	16,2%	14,9%	10,4%	11,1%
Nenhuma	2,7%	2,6%	3,6%	2,8%	2,8%	3,6%	1,6%	1,6%	4,1%	2,1%
Total	100,0%									

RELAÇÃO ENTRE ENVOLVIMENTO E PERCEPÇÃO DE MUDANÇA

Participação média

- Mais da metade dos trabalhadores realiza entre duas (30,1%) e três (28,6%) atividades diferentes regularmente.
- Um número expressivo (12,5%) participa de cinco ou mais atividades, o que representa nível alto de engajamento.
- Apenas 2,7% afirmam não fazer nenhuma atividade regularmente, o que indica que a amostra da pergunta 41 refere-se, predominantemente, a pessoas envolvidas com a dinâmica da casa.

O que isso revela sobre as opiniões na questão 41?

1. A estabilidade percebida pode refletir compromisso institucional

A predominância de respostas “**Não precisa mudar**” nas práticas mais visíveis (passes, palestras, escolha de passistas) pode estar associada ao envolvimento pessoal com essas tarefas — os trabalhadores atuam nelas e tendem a validar as práticas vigentes, possivelmente por:

- Afeição ao modelo atual;
- Resistência à mudança por conservadorismo doutrinário ou institucional;
- Receio de críticas externas à sua função ou à forma como são escolhidos os responsáveis.

Exemplo: quem aplica passes pode tender a achar que o sistema de seleção e os critérios atuais estão funcionando bem.

2. Maior percepção de mudança nas funções internas e formativas

As atividades mais criticadas (como desenvolvimento de médiuns, reuniões administrativas e atendimento ao público) envolvem áreas:

- Menos públicas;
- Mais sensíveis à organização interna e formação doutrinária;
- Que, muitas vezes, são menos treinadas formalmente, o que se relaciona com os dados de formação incompleta entre trabalhadores (questão 37).

Assim, quem atua mais intensamente no Centro pode:

- Notar lacunas e carências estruturais nessas áreas;
- Apontar mudanças como forma de aprimoramento, e não de ruptura.

3. Mais atividades, mais senso crítico?

Interessantemente, os estados com maiores percentuais de trabalhadores exercendo cinco ou mais atividades, como:

- PB (17,9%)
- PE (16,2%)
- RJ (15,3%)

Também registraram percentuais elevados de desejo de mudança nas funções formativas e administrativas. Isso pode indicar que:

- Quanto maior a vivência prática, maior a chance de perceber falhas operacionais e desejar melhorias;
- Multiplicidade de funções traz uma visão mais ampla e crítica do funcionamento institucional.

Conclusão Integrada

A análise cruzada entre as questões 41 e 42 revela o seguinte:

- A maior parte dos respondentes trabalha regularmente no Centro Espírita, e seu nível de envolvimento influencia diretamente suas percepções sobre necessidade de mudança.

- A resistência à mudança pode ter duas raízes: conformismo doutrinário ou apego institucional às funções que já exercem.
- Já a crítica mais incisiva aparece em áreas onde há menos estruturação doutrinária clara ou maior vulnerabilidade organizacional, como formação de médiuns e gestão interna.
- O dado mais valioso: há base engajada suficiente para promover reformas internas, desde que se respeite a história da casa e se ofereça capacitação consistente.

Conflito aparente: muitas atividades x pouco tempo disponível

As respostas parecem conflitar com o pouco tempo do trabalho voluntário e aponta para **um paradoxo** interessante revelado pela própria PNE 2025: embora muitos participantes declarem realizar várias atividades no Centro Espírita, a questão do tempo disponível é frequentemente mencionada como um dos principais obstáculos ao trabalho voluntário (como se viu em outras partes da pesquisa, como nas justificativas da pergunta 40 e nos comentários abertos).

Dados da pergunta 42 (atividades regulares):

- 71,7% realizam duas ou mais atividades regularmente.
- Apenas 2,7% declararam não fazer nenhuma atividade.

Mas ao mesmo tempo...

- Diversos respondentes mencionam a falta de tempo como uma dificuldade para assumir ou manter atividades no Centro.
- Alguns relatam que se sentem sobrecarregados, assumindo várias tarefas por falta de divisão de responsabilidades.

Como interpretar esse aparente paradoxo?

1. Poucos fazem muito

- Pode haver uma concentração de atividades em poucos trabalhadores, o que explicaria os altos índices de participação em múltiplas tarefas entre quem respondeu a essa pergunta.
- Isso também ajuda a entender por que muitos relatam cansaço ou sobrecarga: são os mesmos trabalhadores ocupando múltiplas frentes, compensando a ausência de voluntários.

2. Comprometimento seletivo

- Fazer 2 ou 3 atividades não significa necessariamente muitas horas por semana. Em muitos Centros, as tarefas são pontuais: uma reunião, um estudo, um passe, uma palestra. Portanto, é possível acumular 2 a 3 funções com menos de 4 horas semanais, por exemplo.
- Ainda assim, isso não elimina a sensação de falta de tempo — especialmente se o trabalhador também tiver outras demandas familiares, profissionais ou pessoais.

3. Perfil da amostra

- A pergunta 42 foi respondida apenas por quem se identificou como trabalhador. Ou seja, a visão do “pouco tempo” vem tanto dos que trabalham pouco e desejam fazer mais, quanto dos que já fazem muito e sentem que não há mais como aumentar sua carga.

Conclusão: o paradoxo é real, mas explicável

Não há exatamente uma contradição, mas **uma tensão estrutural**:

- Centros com poucos trabalhadores ativos acabam sobrecarregando esses poucos;
- Muitos trabalhadores fazem várias atividades, mas ainda assim sentem que não têm tempo suficiente para se dedicar com profundidade, ou gostariam de fazer mais com mais preparo;
- A “falta de tempo” mencionada pode ser tanto um limite real quanto um reflexo de desorganização interna ou falta de motivação pela forma como os trabalhos são conduzidos.

43. Quantas pessoas comparecem, em média, para assistir à palestra pública semanal no Centro?

43. Quantas pessoas comparecem, em média, para assistir à palestra pública semanal no Centro que participa?	BR	SP	Part.	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Até 10 pessoas	4,4%	2,6%	4,4%	5,8%	7,5%	9,6%	2,9%	7,4%	2,5%	5,5%
de 11 a 20 pessoas	13,7%	9,0%	14,4%	18,7%	17,3%	25,6%	14,9%	22,7%	7,9%	14,5%
de 21 a 30 pessoas	14,0%	11,6%	17,5%	16,4%	18,0%	15,5%	12,3%	17,5%	14,6%	10,2%
de 31 a 40 pessoas	10,7%	10,9%	11,2%	11,3%	11,5%	10,9%	11,0%	11,0%	9,2%	13,2%
de 41 a 50 pessoas	11,6%	11,5%	11,5%	14,8%	12,4%	12,4%	8,1%	11,7%	10,8%	14,0%
de 51 a 100 pessoas	20,0%	22,6%	16,8%	18,5%	15,0%	13,7%	15,2%	18,1%	17,1%	23,0%
de 101 a 200 pessoas	11,7%	14,0%	8,6%	6,4%	8,5%	7,3%	19,7%	8,7%	16,5%	9,8%
Acima de 200 pessoas	13,8%	17,7%	15,7%	8,1%	9,8%	4,9%	15,9%	2,9%	21,5%	9,8%
Total	100,0%									

A pergunta 43 mostra a diversidade de públicos nas palestras públicas semanais dos Centros Espíritas, com forte concentração entre 21 e 100 pessoas — mas também um contingente significativo de Centros com plateias pequenas ou, ao contrário, bastante numerosas.

Segue um painel geral interpretativo, seguido por observações e cruzamentos com dados anteriores:

Painel geral — Quantidade de público nas palestras semanais

Faixa de público	Percentual BR	Interpretação geral
Até 10 pessoas	4,4%	Muito pequeno. Pode indicar Centros iniciantes ou com dificuldades de atrair o público.
De 11 a 20 pessoas	13,7%	Público ainda modesto, mas já com presença constante.
De 21 a 30 pessoas	14,0%	Faixa mais comum junto às seguintes, compondo o “núcleo médio”.
De 31 a 40 pessoas	10,7%	Faixa intermediária, já mais estruturada.
De 41 a 50 pessoas	11,6%	Idem.
De 51 a 100 pessoas	20,0%	Maior concentração. É o público típico dos Centros de médio porte.
De 101 a 200 pessoas	11,7%	Já são grandes reuniões públicas.
Acima de 200 pessoas	13,8%	Alta expressividade. Centros de grande porte.

Síntese nacional:

- 57,6% dos Centros têm palestras com até 50 pessoas.
- 45,5% recebem mais de 50 pessoas regularmente.
- Ou seja, há equilíbrio entre Centros pequenos/médios e grandes, com leve predomínio dos menores.

Observações relevantes

1. Disparidades regionais:

- Estados como PB (Paraíba) e MG concentram-se mais nas faixas entre 11 e 40 pessoas, indicando Centros com público menor.
- DF e SP mostram percentual elevado nas faixas acima de 100 pessoas, sugerindo a existência de Centros de grande porte e bem estruturados.

2. Impacto nas decisões e mudanças:

- Centros com público muito pequeno (até 20) tendem a manter estrutura estável, com menos motivação para mudanças organizacionais.
- Já os Centros com grande público talvez encontrem dificuldade em inovar, por temerem o impacto sobre a fidelidade do público atual.

3. Comparação com a pergunta 42 (quantidade de atividades):

- Muitos trabalhadores se envolvem em múltiplas atividades, e os Centros que têm maior público podem exigir mais estrutura voluntária para funcionar adequadamente.

4. Conexão com a questão do tempo e da sobrecarga:

- Centros grandes demandam maior número de voluntários organizados.
- Se houver concentração de atividades em poucos trabalhadores (como vimos), isso pode gerar fadiga e dificuldade de renovação.

Sugestões de reflexão a partir desses dados

- Como tornar as palestras mais atrativas, sobretudo nos Centros menores?
- Os Centros com maior público estão conseguindo envolver esses frequentadores em atividades além da palestra?
- A gestão da equipe e dos turnos está adequada ao porte do Centro?
- Centros pequenos podem se beneficiar de estratégias de cooperação regional ou uso de tecnologia, enquanto os grandes talvez precisem otimizar gestão e acolhimento.

44. Quantos novos frequentadores comparecem, em média, nas palestras públicas em uma semana?

44. Quantos novos frequentadores comparecem, em média, nas palestras públicas em uma semana?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Até 2 pessoas	21,4%	16,5%	29,3%	28,1%	22,7%	30,3%	19,7%	41,1%	13,0%	22,1%
de 3 a 5 pessoas	26,3%	24,9%	24,8%	32,2%	27,8%	28,2%	19,7%	27,5%	21,5%	30,2%
de 6 a 10 pessoas	11,5%	12,5%	8,4%	8,4%	15,2%	12,2%	14,2%	5,2%	7,0%	10,6%
de 11 a 15 pessoas	4,0%	4,7%	2,4%	3,0%	5,1%	3,6%	3,9%	1,3%	2,5%	1,3%
de 16 a 20 pessoas	2,6%	3,1%	1,1%	2,7%	2,6%	1,0%	5,5%	1,0%	3,5%	0,9%
Acima de 20 pessoas	7,1%	8,5%	6,0%	4,9%	7,7%	3,6%	7,1%	1,0%	8,5%	6,0%
Não sei	27,3%	29,8%	28,0%	20,6%	18,8%	21,0%	29,8%	23,0%	44,0%	28,9%
Total	100,0%									

A pergunta 44 revela aspectos importantes sobre o alcance e a atratividade dos Centros Espíritas.

Painel geral — Novos frequentadores semanais nas palestras públicas

Frequentadores/semana	Percentual BR	Interpretação geral
Até 2 pessoas	21,4%	Baixa renovação; pode indicar estagnação local ou limitação de divulgação.
De 3 a 5 pessoas	26,3%	Faixa mais comum; renovação moderada.
De 6 a 10 pessoas	11,5%	Boa média; indica centros ativos na recepção e atratividade.
De 11 a 15 pessoas	4,0%	Acima da média nacional; é um bom índice.
De 16 a 20 pessoas	2,6%	Pouco comum, mas excelente resultado.
Acima de 20 pessoas	7,1%	Centros muito dinâmicos ou com visibilidade elevada.
Não sei	27,3%	Índice preocupante: falta de monitoramento, registro ou percepção do movimento.

Observações e destaques regionais

- **Renovação baixa (até 2 pessoas):**
 - Muito elevada em ES (41,1%), PB (30,3%), RJ e MG (acima de 28%).
 - Sugere locais onde o Centro tem pouca penetração no entorno, ou a cidade já é pequena e saturada.
- **Renovação moderada (3 a 5):**
 - Predominante na maior parte dos estados, com destaque para MG (32,2%), PB e GO (~30%).

- **Renovação forte (6 ou mais):**
 - Ainda que menos frequente, é significativa em estados como PE, DF e BA, onde há Centros que recebem 10 ou mais novos frequentadores por semana.
- **Altos percentuais de “Não sei”:**
 - DF (44%), SP (29,8%), PE e RJ (29,8%): revela baixa cultura de monitoramento dos públicos.

Interpretação cruzada com a pergunta 43 (quantidade de frequentadores)

- Mesmo Centros com público grande nem sempre atraem novos visitantes em grande número. Isso pode indicar:
 - Palestras pouco adaptadas a quem está chegando.
 - Pouca divulgação no entorno da casa.
 - Falta de ações sistemáticas de acolhimento e orientação.
- Por outro lado, Centros menores que conseguem atrair 5 ou mais novos por semana estão em processo real de renovação, embora possam precisar melhorar a capacidade de retenção e integração.

Reflexões e propostas a partir desses dados

1. A entrada de novos frequentadores é majoritariamente baixa (até 5 pessoas em 47,7% dos casos). Isso exige atenção à divulgação, linguagem das palestras e canais de acolhimento.
2. O número alto de “não sei” (27,3%) indica uma deficiência gerencial: a falta de registros sobre o público prejudica decisões estratégicas.
3. Propostas de ação:
 - Criar equipes de acolhimento com função de registrar e acompanhar novos visitantes.
 - Implantar ficha de boas-vindas simples ou QR Code para encaminhamento a grupos de estudo.
 - Avaliar a possibilidade de programas públicos introdutórios mensais (“Espiritismo em 3 encontros”, por exemplo).
 - Melhorar a divulgação local e digital: cartazes, rádios comunitárias, redes sociais, boca-a-boca com vizinhança.

A manutenção de novos frequentadores. A capacidade de manter novos frequentadores é tão ou mais importante que os atrair — e é nesse ponto que muitos Centros Espíritas enfrentam dificuldades silenciosas. Vamos aprofundar esse aspecto:

A fidelização dos novos frequentadores: um desafio estrutural e cultural

1. Alta rotatividade: entrada sem permanência

- A pergunta 44 mostrou que muitos Centros recebem *de 3 a 10 novos visitantes por semana*.
- Mas, como não há um crescimento proporcional no número de frequentadores regulares (como vimos na pergunta 43), é provável que boa parte vá embora sem se vincular.
- Isso indica baixa retenção, ou seja, há perda de interesse, desconexão com o ambiente, ou falta de acompanhamento pessoal.

2. Possíveis causas da baixa permanência

Fator	Explicação
Ausência de acolhimento efetivo	Muitos Centros ainda não possuem equipes treinadas para receber e escutar o novo frequentador. A recepção é muitas vezes informal, impessoal ou inexistente.
Ambiente frio ou excessivamente fechado	Falta de abertura para perguntas, linguagem excessivamente técnica ou ritualizada, ou ainda rigidez nos costumes e horários, podem afastar quem está chegando.
Palestras que não dialogam com a realidade	Quando os temas abordados não conectam com os dilemas da vida cotidiana ou com o sofrimento real das pessoas, a palestra perde o poder de envolvimento.
Ausência de trilhas de continuidade	A maioria dos Centros não oferece uma “porta de entrada”, como um curso introdutório ou roda de conversa. O visitante frequenta uma vez e não sabe qual o próximo passo.

3. A fidelização exige estratégia e sensibilidade

Para que o novo frequentador se torne um **espírita ativo**, é necessário:

- Identificar quem está chegando (lista de presença, QR Code, acolhedor à porta).
- Oferecer uma conversa individualizada após a primeira ou segunda visita.
- Convidar para algo concreto: grupo de estudo inicial, atendimento fraternal, roda de leitura, ou mesmo voluntariado simples (colaborar com a livraria, por exemplo).
- Mostrar que há um caminho pessoal e coletivo a seguir no Centro.

Proposta de um modelo simples de fidelização

1. Acolhimento estruturado:

- **1 ou 2 pessoas por reunião pública com a função de conversar com novos visitantes.**
- **Entrega de um cartão com datas de encontros introdutórios ou com contato direto.**

2. Roteiro de integração:

- Criação de um pequeno programa com 3 a 5 encontros temáticos introdutórios:
 - “O que é o Espiritismo?”
 - “Como funciona o Centro?”
 - “Como posso participar?”
- Pode ser presencial ou online.

3. Convite à participação:

- Convidar para atividades leves (leitura em grupo, campanha do quilo).
- Gradualmente, apresentar os cursos sistematizados e a prática do Evangelho.

Conclusão

A atração inicial depende de visibilidade, linguagem e temas relevantes. A permanência, contudo, está profundamente ligada à capacidade da casa espírita de criar vínculos: acolhendo com sinceridade, oferecendo continuidade e fazendo com que o novo visitante se sinta parte do grupo, sem pressa, mas com propósito.

45. Na sua percepção, os frequentadores demonstram interesse em conhecer e seguir a Doutrina?

45. Na sua percepção, os frequentadores demonstram interesse em conhecer e seguir a Doutrina?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	3,6%	3,2%	3,4%	3,0%	3,4%	3,6%	3,6%	3,2%	4,7%	6,0%
Não sei	8,1%	7,9%	10,5%	8,0%	6,2%	7,0%	8,4%	8,1%	10,8%	8,9%
Sim, bastante	29,6%	29,5%	32,0%	29,8%	29,1%	27,7%	32,7%	26,9%	31,0%	23,8%
Sim, um pouco	58,8%	59,3%	54,1%	59,2%	61,3%	61,7%	55,3%	61,8%	53,5%	61,3%
Total	100,0%									

A tabela da pergunta 45 — “*Na sua percepção, os frequentadores demonstram interesse em conhecer e seguir a Doutrina?*” — nos fornece dados valiosos para pensar tanto o público atual quanto os desafios e possibilidades para a formação doutrinária nas casas espíritas.

Visão Geral dos Dados (Brasil)

Resposta	Percentual
Sim, um pouco	58,8%
Sim, bastante	29,6%
Não sei	8,1%
Não	3,6%

Ou seja, quase 9 em cada 10 respondentes percebem algum interesse dos frequentadores, sendo mais da metade apenas moderado ("um pouco").

Análise Interpretativa

1. A maior parte dos frequentadores tem interesse, mas é superficial

- O dado de 58,8% em "Sim, um pouco" sugere que a maioria não rejeita a Doutrina, mas não se aprofunda ou não demonstra empenho em estudá-la com constância.
- Isso pode refletir:
 - Um público que vai em busca de conforto emocional, não necessariamente doutrinário;
 - Um estilo de palestra mais religioso/devocional do que didático;
 - Falta de estímulo e orientação clara sobre os caminhos de aprofundamento.

2. Poucos rejeitam a Doutrina, mas há um percentual que não sabe avaliar

- O "Não" (3,6%) é baixo, o que é positivo.
- O "Não sei" (8,1%) deve ser analisado com atenção, pois pode revelar:
 - Pouca convivência direta com os frequentadores;
 - Desconexão entre os trabalhadores e o público;
 - Falta de instrumentos para medir interesse, como perguntas abertas, conversas ou atendimentos fraternos.

3. Diferenças regionais revelam perfis distintos

- Estados como PB, GO, BA, ES e PE têm alto percentual em "Sim, um pouco" (>60%), o que pode indicar uma postura respeitosa, mas passiva, diante da Doutrina.
- Já RJ e DF têm percentuais mais altos em "Sim, bastante", o que sugere ambientes mais ativos no estímulo ao estudo ou público mais engajado.
- GO e DF concentram mais pessoas respondendo "Não" ou "Não sei", o que pode refletir ambientes mais ecléticos ou com disputas de modelos doutrinários.

O que os Centros podem fazer diante desses dados?

Estratégias para transformar o "Sim, um pouco" em "Sim, bastante":

1. Tornar a Doutrina mais acessível e atraente

- Linguagem simples, analogias com o cotidiano, uso de recursos visuais e digitais;
- Criação de espaços de diálogo e perguntas, como "Rodas de Conversa" ou "Espiritismo em 15 minutos".

2. Oferecer caminhos progressivos de formação

- Cursos em diferentes níveis: "Introdução ao Espiritismo", "Doutrina em temas", "Estudo de O Livro dos Espíritos", etc.
- Trilha de formação personalizada para novos frequentadores e trabalhadores.

3. Fortalecer o papel dos trabalhadores como agentes inspiradores

- Muitos respondentes são trabalhadores, e sua percepção influencia o ambiente.
- Quando os próprios trabalhadores estudam, debatem e se atualizam, irradiam isso ao público.

4. Valorizar a vivência doutrinária, não apenas o discurso

- Centros com ambiente acolhedor, sem julgamentos, onde as práticas estão alinhadas à lógica da reencarnação, da responsabilidade pessoal e da fraternidade, ensinam Doutrina pelo exemplo.

Conclusão

Este dado reafirma um ponto-chave: o Espiritismo continua despertando interesse, mas esse interesse precisa ser alimentado, cultivado e canalizado para se transformar em estudo, vivência e ação consciente.

46. O Centro Espírita de que participa afastou algum trabalhador por atuação fora dos padrões, nos últimos dois anos?

46. O Centro Espírita de que participa afastou algum trabalhador por atuação fora dos padrões, nos últimos dois anos?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	37,7%	33,6%	39,7%	45,2%	40,4%	50,8%	40,5%	45,0%	21,2%	39,6%
Sim, alguns	14,7%	14,4%	13,4%	13,1%	17,3%	13,2%	13,6%	13,3%	23,1%	11,1%
Sim, vários	1,6%	1,3%	1,0%	1,7%	1,7%	2,1%	1,3%	1,3%	3,8%	3,8%
Prefiro não responder	4,4%	4,6%	5,2%	3,6%	6,0%	4,7%	3,9%	3,6%	4,1%	4,3%
Não sei	41,6%	46,1%	40,6%	36,3%	34,6%	29,3%	40,8%	36,9%	47,8%	41,3%
Total	100,0%	84,3%	100,0%	100,0%	81,0%	100,0%	100,0%	100,0%	73,1%	100,0%

A pergunta 46 — “O Centro Espírita de que participa afastou algum trabalhador por atuação fora dos padrões, nos últimos dois anos?” — traz à tona um tema sensível: a disciplina e os critérios institucionais para a permanência ou afastamento de trabalhadores espíritas.

Vamos à análise crítica e interpretativa:

Visão Geral dos Dados (Brasil)

Resposta	Percentual
Não	37,7%
Sim, alguns	14,7%
Sim, vários	1,6%
Prefiro não responder	4,4%
Não sei	41,6%

Mais de quatro em cada dez respondentes não sabem dizer se houve afastamentos, e cerca de um em cada seis afirma que sim.

Interpretações e Implicações

1. A alta taxa de “Não sei” revela opacidade institucional

- O dado de 41,6% indica que muitos frequentadores ou trabalhadores não têm acesso ou não são informados sobre decisões internas relacionadas à conduta de trabalhadores.
- Isso pode ter duas causas:
 - Baixa transparência ou diálogo nos Centros;
 - Ou um traço positivo: as decisões são tomadas de forma discreta, sem constrangimento público — o que é respeitável, desde que os princípios estejam claros.

2. Casas que não afastaram ninguém podem sinalizar tolerância excessiva ou ambiente muito harmonioso

- 37,7% responderam “Não”, o que pode significar:
 - Centros com ambiente maduro, onde conflitos são resolvidos preventivamente;
 - Ou, pelo contrário, falta de mecanismos claros de correção ou enfrentamento de desvios;
 - Ainda, em Centros pequenos, os vínculos afetivos dificultam ações disciplinares.

3. Casas que afastaram trabalhadores: entre o zelo e o autoritarismo

- 14,7% disseram “Sim, alguns” e 1,6% “Sim, vários” — somando 16,3% com relatos de afastamento.
- O dado mostra que há movimento interno de padrões estabelecidos (explícitos ou não) e ações disciplinares.
- Mas não sabemos:
 - Quais são esses padrões (doutrinários? éticos? de postura pessoal?);
 - Se há diálogo prévio, escuta, apoio;
 - Ou se se trata de posturas mais impositivas, punitivas ou dogmáticas.

4. Destaques regionais

- Distrito Federal se destaca: 23,1% disseram “Sim, alguns” e 3,8% “Sim, vários”. Ou seja, uma em cada quatro pessoas relata afastamentos — muito acima da média nacional.
- PB e MG têm os maiores percentuais de “Não” (50,8% e 45,2%), o que pode indicar um ambiente mais estável ou menos interventivo.
- SP e DF lideram o “Não sei” (46,1% e 47,8%) — sinalizando baixa circulação dessas informações.

Reflexões doutrinárias e práticas

- O *Livro dos Médiuns*, ao tratar da moral dos médiuns e da disciplina das comunicações, recomenda prudência, paciência, orientação antes do afastamento.
- O afastamento, quando necessário, deve sempre ser precedido de diálogo fraternal, advertência respeitosa e oportunidade de reforma íntima.
- O Espiritismo não é uma seita punitiva, mas também não pode ser conivente com desvios sistemáticos ou atitudes nocivas à casa.

Conclusão

A pergunta 46 ajuda a mapear o grau de institucionalidade, maturidade ética e clareza disciplinar das casas espíritas. A alta taxa de desconhecimento revela que o tema da conduta dos trabalhadores e os limites da liberdade dentro dos Centros precisa ser mais bem compreendido, discutido e documentado.

47. Trabalhadores saíram do Centro Espírita nos últimos dois anos?

47. Trabalhadores saíram do Centro Espírita nos últimos dois anos?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
Não	9,1%	7,5%	10,3%	9,9%	13,5%	16,3%	12,3%	9,1%	3,8%	8,1%
Sim, alguns	54,9%	54,0%	53,9%	56,0%	56,2%	54,4%	50,5%	61,8%	50,0%	54,9%
Sim, vários	11,9%	13,1%	11,7%	11,0%	9,8%	10,4%	9,4%	9,4%	13,9%	12,3%
Prefiro não responder	1,7%	1,3%	2,7%	2,2%	2,4%	1,8%	2,3%	1,3%	1,3%	3,0%
Não sei	22,4%	24,1%	21,4%	21,0%	18,0%	17,1%	25,6%	18,4%	31,0%	21,7%
Total	100,0%	33,0%	100,0%	100,0%	34,0%	100,0%	100,0%	100,0%	36,1%	100,0%

Mais de 66% dos respondentes relatam a saída de trabalhadores nos últimos dois anos. Isso indica um fenômeno relevante, que merece atenção tanto em suas causas quanto em seus efeitos.

Análise Interpretativa

1. A rotatividade é alta no movimento espírita

- Cerca de 2 em cada 3 pessoas identificam saídas no seu Centro Espírita.
- Isso pode refletir:
 - Mudanças naturais por motivos de saúde, mudança de cidade ou prioridades pessoais;
 - Desgaste emocional, conflitos, frustração ou sobrecarga;
 - Ou até mesmo falta de preparação e integração de novos trabalhadores.

2. Apenas 9,1% afirmam que não houve saída

- Número bastante baixo, o que reforça que a estabilidade do corpo de trabalhadores é exceção, não regra.

3. A resposta “Não sei” é significativa (22,4%)

- Pode indicar que muitos frequentadores não têm contato próximo com a rotina da equipe;
- Ou ainda, os Centros não compartilham essas informações abertamente — talvez por zelo, talvez por falta de mecanismos de comunicação interna.

Destaques Regionais

- Distrito Federal: menor percentual de “Não” (3,8%) e alta taxa de “Sim, vários” (13,9%). Também tem o maior “Não sei” (31,0%). Pode indicar um cenário de movimentação intensa e pouca comunicação interna.
- Espírito Santo: 61,8% afirmam que “Sim, alguns” saíram — maior percentual da amostra, indicando rotatividade relevante.
- Bahia, MG e PB: mais de 50% também relataram saídas de “alguns” — padrão semelhante ao nacional.
- “Sim, vários” atinge até 13,1% em SP e 12,3% em GO, mostrando que em alguns lugares as saídas foram expressivas.

Relação com outras perguntas

Quando comparada à pergunta 46 (sobre afastamentos por conduta), nota-se que:

- Os afastamentos por conduta foram relatados por cerca de 16%;
- Já as saídas totais somam mais de 66% — o que indica que a maioria dos desligamentos foi provavelmente voluntária ou por razões não disciplinares.

Reflexão para os Centros Espíritas

Esse dado nos convida a pensar:

- Estamos cuidando adequadamente da integração, valorização e sustentação emocional dos trabalhadores?
- Há espaços de escuta, apoio mútuo e prevenção de sobrecarga?
- O planejamento institucional contempla sucessão, formação e retenção de equipes?

Se o ambiente for exigente, pouco acolhedor ou dogmático, pode estar ocorrendo exaustão silenciosa, resultando em saídas que enfraquecem o Centro e desestimulam outros a se comprometerem.

Conclusão

A pergunta 47 confirma que a maioria dos Centros Espíritas tem vivenciado trocas em suas equipes de trabalhadores nos últimos dois anos. Embora nem sempre isso seja negativo, é um indicativo importante sobre a fragilidade da permanência e os desafios da gestão de pessoas no movimento espírita.

Painel – Mudanças e Estabilidade nos Centros Espíritas (PNE 2025)

Perguntas 41 a 47 | Análise nacional (BR) + Tendências

1. Práticas mais estáveis (maior resistência à mudança)

Dar passe público

- 70,7% dizem que não é preciso mudar.
- Alta estabilidade percebida. A prática está naturalizada, com pouco questionamento.
- *Reflexão:* possível excesso de ritualismo pode passar despercebido por quem já está imerso na rotina.

Fazer desobsessão

- 57,6% dizem que não é preciso mudar.
- Ainda assim, há mais abertura ao debate (26,3% veem necessidade de mudança).
- *Reflexão:* a palavra “desobsessão” ainda causa desconforto ou reverência; repensar o nome, abordagem e linguagem pode ajudar a ampliar o entendimento e reduzir resistências.

2. Práticas com abertura moderada a mudanças

Reuniões administrativas

- Apenas 45% dizem que não precisam mudar.
- 37,6% reconhecem necessidade de mudança (13,6% bastante + 24% um pouco).

- *Sinal de alerta:* estrutura pouco eficiente ou pouco participativa? Reuniões longas, desorganizadas ou sem impacto desmotivam.

Orientar/desenvolver mediuns

- 44,4% dizem que não precisa mudar,
- Mas 45,7% indicam que sim (18,8% bastante + 26,9% um pouco).
- *Tendência crítica:* existe um vácuo na formação mediúnica — práticas inertes, temor da exposição e pouca orientação prática. Centros evitam ousar por receio doutrinário, o que deixa o campo frágil frente à diversidade de práticas midiáticas.

3. Desafios na gestão interna e na permanência de pessoas

Saídas de trabalhadores (Pergunta 47)

- 66,8% afirmam que trabalhadores saíram nos últimos dois anos.
- Isso indica alta rotatividade e possível desgaste.
- Pode estar ligado à sobrecarga, conflitos, falta de apoio ou desmotivação.

Afastamento disciplinar (Pergunta 46)

- 16,3% afirmam que houve afastamentos por conduta fora dos padrões.
- Alto índice de “Não sei” (41,6%) mostra falta de transparência ou comunicação interna.

4. Cenário de novos frequentadores

Presença média nas palestras públicas (Pergunta 43)

- Grande parte dos Centros atrai entre 21 e 100 pessoas, com destaque para:
 - 21 a 30 pessoas: 14%
 - 51 a 100 pessoas: 20%
- Apenas 13,8% têm público acima de 200 pessoas.

Novos frequentadores por semana (Pergunta 44)

- 47,7% recebem até 5 novos frequentadores por semana.
- Apenas 7,1% relatam mais de 20 novos visitantes semanais.
- E 27,3% não sabem responder — o que revela que não há monitoramento sistemático da chegada de novos.

5. Interesse dos frequentadores pela Doutrina (Pergunta 45)

- 88,4% percebem algum interesse (29,6% bastante + 58,8% um pouco).
- Mas o “um pouco” predomina, sugerindo engajamento leve e superficial.
- Pode ser reflexo de palestras pouco instigantes, ausência de grupos de estudo atrativos, ou mesmo da presença de frequentadores ocasionais que buscam apoio emocional sem desejo de aprofundamento.

6. Nível de envolvimento no trabalho do Centro (Pergunta 42)

- 58,7% realizam 2 ou 3 atividades diferentes.
- 12,5% exercem cinco ou mais funções.
- Apenas 2,7% dizem não fazer nenhuma.
- Mostra que há forte disposição voluntária, mas reforça a necessidade de cuidar da distribuição equilibrada das tarefas, para evitar sobrecarga e esgotamento.

Conclusões gerais

Dimensão	Tendência Principal	Risco / Potencial
Práticas tradicionais	Altamente preservadas	Pode haver engessamento ou ritualismo
Formação mediúnica	Fragilizada e negligenciada	Pode abrir espaço para práticas externas ou distorcidas
Gestão interna	Questionada por muitos	Necessidade de modernização e inclusão
Engajamento dos novos	Presença tímida e pouco acompanhada	Desperdício de oportunidades de acolhimento
Permanência dos trabalhadores	Rotatividade elevada	Falta de acolhimento, motivação e formação contínua
Interesse doutrinário	Existe, mas superficial	Falta de estímulo à reflexão e estudo

Visão de Futuro e Participação Espontânea

Perguntas 48 e 49 – PNE 2025

48. Como será o trabalhador espírita do futuro próximo? Que mudanças poderão ocorrer?

48. Como será o trabalhador espírita do futuro próximo? Que mudanças poderão ocorrer?	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
(Responderam)	68,3%	45,4%	46,4%	32,2%	57,3%	31,9%	67,0%	33,7%	53,8%	43,8%
(Não Responderam)	31,7%	54,6%	53,6%	67,8%	42,7%	68,1%	33,0%	66,3%	46,2%	56,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

68,3% dos participantes no total nacional responderam à pergunta.

- Porém, os índices estaduais variam drasticamente:
 - Destaques positivos: PE (67,0%), BA (57,3%), DF (53,8%)
 - Destaques negativos: MG (32,2%), PB (31,9%), ES (33,7%), GO (43,8%)
- A pergunta exige reflexão prospectiva e crítica, algo que muitos evitam.
- Estados com menor adesão talvez indiquem menos engajamento com o futuro do movimento ou uma cultura local mais conservadora.
- O dado nacional é positivo: quase 7 em cada 10 aceitaram pensar o futuro do trabalhador espírita, sinalizando abertura e interesse em mudanças.

Esta questão pode ser trabalhada em fóruns, reuniões e projetos colaborativos de planejamento institucional.

49. Comentários, críticas e sugestões espontâneas

49. Registre aqui seus comentários, críticas e sugestões.	BR	SP	RJ	MG	BA	PB	PE	ES	DF	GO
(Responderam)	46,3%	69,1%	70,2%	10,9%	44,7%	47,2%	52,1%	32,3%	33,7%	32,4%
(Não Responderam)	53,7%	30,9%	29,8%	89,1%	55,3%	52,8%	47,9%	67,7%	66,3%	67,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

46,3% dos participantes do Brasil deixaram comentários.

Alta variação entre os estados:

- Destaques positivos: RJ (70,2%), SP (69,1%), PE (52,1%)
- Destaques negativos: MG (10,9%), GO (32,4%), DF (33,7%)
- Mais da metade do país não utilizou o espaço de participação livre.
- Onde há cultura de escuta e liberdade de expressão, a participação é alta.
- O número de comentários (quase metade dos respondentes) é suficiente para captar as vozes críticas e sugestões espontâneas da base, o que é extremamente valioso para o movimento.

Analizar qualitativamente essas respostas pode revelar as preocupações mais urgentes, sugestões criativas e descontentamentos não capturados por perguntas fechadas.

Conclusão Integrada do Painel

Eixo	Destaque
Participação espontânea	Quase metade comentou livremente (46,3%)
Visão de futuro	Alta adesão nacional (68,3%), mas grande variação entre os estados
Estados mais participativos	RJ, SP e PE demonstram cultura de expressão ativa
Estados com menor expressão crítica	MG, PB, GO, ES — possivelmente mais tradicionais ou com pouca escuta
Potencial de melhoria institucional	Explorar essas respostas abertas para guiar reformas, escutas e planos

Painel sobre Mudanças no Centro Espírita e no Trabalhador Espírita

Síntese

1. Disposição para Mudanças nas Práticas do Centro Espírita (Questão 41)

A maioria dos participantes não vê necessidade imediata de mudanças nas práticas tradicionais como:

- Desobsessão (57,6% disseram que não é necessário mudar),
- Reuniões administrativas (45,0%) e
- Desenvolvimento mediúnico (44,4%).

Contudo, cerca de um terço dos participantes apontam que pequenas ou grandes mudanças são desejáveis, o que revela uma base dividida entre preservação e renovação, especialmente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste.

Tendência observada: quanto mais envolvido o respondente (ex.: coordenadores), maior a tendência de defender o status atual.

2. Conhecimento Doutrinário e Expressão Mediúnica

Os dados indicam que:

- Muitos trabalhadores e frequentadores não conhecem bem a mediunidade doutrinariamente correta;
- Há receio da exposição pública e do "espetáculo", o que pode resultar em excesso de zelo ou contenção das manifestações legítimas;
- Enquanto isso, formas populares de mediunidade (praia, mídia, cultos abertos) ocupam esse vácuo de expressão, o que pode comprometer a imagem e o entendimento do Espiritismo.

Reflexão: espaços públicos bem conduzidos (como a psicofonia breve após palestras) podem ser recuperados como instrumento educativo e de valorização da mediunidade consciente e responsável.

3. Perfil e Desempenho dos Trabalhadores Espíritas (Questões 42 e 47)

- A maioria dos participantes desenvolve 2 ou 3 atividades no Centro, o que mostra envolvimento prático (58,7%).
- Mas isso contrasta com o dado de que a maioria dedica até 3 horas semanais ao trabalho voluntário — indicando acúmulo de funções em tempo limitado.
- Quase 7 em cada 10 Centros perderam trabalhadores nos últimos dois anos, o que reforça a percepção de desgaste, rotatividade ou falta de motivação.

Sinal de alerta: há necessidade de reorganizar tarefas e distribuir melhor as atividades para evitar sobrecarga.

4. Presença do Público e Retenção de Novos Frequentadores (Questões 43 e 44)

- Mais de 50% dos Centros têm menos de 50 pessoas nas palestras públicas semanais, e 17,7% afirmam ter até 20 pessoas.
- Cerca de 47,7% recebem de 3 a 10 novos visitantes por semana, mas a fidelização é incerta, pois há alto índice de evasão percebida (dados qualitativos reforçam isso).

Desafio: melhorar a atração e a retenção dos novos frequentadores, oferecendo acolhimento, estudo e atividades envolventes logo na chegada.

5. Interesse Doutrinário (Questão 45)

- 88% dos respondentes percebem que os frequentadores demonstram algum interesse em conhecer e seguir a Doutrina, sendo 29,6% “bastante” e 58,8% “um pouco”.
- O índice dos que dizem “não” é muito baixo (3,6%).

Mensagem positiva: há boa disposição ao aprendizado, mas é necessário canalizar esse interesse para o estudo sistematizado e vivencial da Doutrina.

6. Conflitos e Convivência (Questões 46 e 47)

- Mais de 40% dos participantes não sabem ou preferem não responder se houve afastamentos por conduta inadequada — sinal de falta de transparência ou envolvimento com a gestão.
- Já 67% afirmam que trabalhadores saíram do Centro nos últimos dois anos — indicando um cenário de instabilidade institucional.

Observação: é importante investir em formação ética, escuta fraterna e prevenção de conflitos, criando culturas organizacionais mais saudáveis.

7. Perspectiva de Futuro e Participação Espontânea (Questões 48 e 49)

- 68,3% dos respondentes se dispuseram a refletir sobre como será o trabalhador espírita do futuro, mas os índices variam muito entre os estados.
- Apenas 46,3% deixaram comentários espontâneos, sendo o restante silencioso ou desinteressado.

Oportunidade: esses espaços livres são preciosos para diagnosticar necessidades locais, promover escuta e planejar o futuro a partir da base.

Conclusão Final

Os dados revelam um movimento dividido entre conservação e renovação. Há clareza doutrinária entre muitos, mas também medo de mudança, desgaste nas equipes, baixa retenção de novos públicos e falta de espaços de escuta real. Se houver investimento na reorganização interna, na abertura à diversidade de expressão doutrinária e na gestão participativa, os Centros poderão:

- manter sua essência,
- fortalecer vínculos fraternos,
- e se abrir às transformações necessárias para o futuro do Espiritismo.

Visão Sobre o Trabalhador Espírita do Futuro por Estado

- Análise das Respostas da questão 48 por Estado. Apoio da IA.

- As citações foram retiradas das respostas obtidas.

São Paulo (SP)

Sentimento predominante: Preocupação construtiva, com senso de urgência em modernizar o movimento e engajar novos colaboradores.

Ideias recorrentes:

- **Adaptação tecnológica e atividades híbridas:** forte destaque ao uso de **tecnologias digitais** nas reuniões, estudos e palestras. Muitos acreditam que a virtualização das atividades será predominante – “a tecnologia chegou para agregar informação... isso já se reflete na diminuição da presença das pessoas nos centros”. Ao mesmo tempo, reconhece-se a importância de manter algum **contato presencial** e **equilíbrio** entre meio online e físico.
- **Integração da juventude e renovação de lideranças:** várias respostas alertam para o envelhecimento do quadro de trabalhadores e a dificuldade de atrair jovens. Ressalta-se a urgência de incluir os **jovens na tomada de decisões** para evitar a estagnação; há críticas a dirigentes que resistem à renovação – “a casa espírita tem que ser menos carrancuda e mais atrativa, mas enquanto houver gente que se acha dono... isso não acontecerá; após o desencarne de alguns... aumentará a juventude da casa”.
- **Capacitação doutrinária e aprofundamento nos estudos:** enfatiza-se a necessidade de **estudo constante** e atualização dos trabalhadores. Ideias como cursos contínuos, uso de novos formatos (por exemplo, “**arte para atrair os jovens**” e tornar o aprendizado mais dinâmico) foram sugeridas. Preserva-se a importância de manter a essência kardecista, mas comunicando-a de forma atual e interessante.
- **Acolhimento e inclusão:** os paulistas também mencionam tornar as casas mais **acolhedoras** e abertas. Recomenda-se diminuir formalismos e julgamentos para receber melhor o público. Há referências à necessidade de aceitar a diversidade e tornar o ambiente mais fraterno, combatendo preconceitos e posturas elitistas ou excessivamente dogmáticas.
- **Engajamento e compromisso prático:** algumas respostas demonstram preocupação com a **queda no voluntariado ativo**. Notou-se que muitas pessoas estão reticentes em se comprometer – preferindo, por comodidade, consumir conteúdo espírita à distância – o que desafia as casas a motivarem a participação presencial. Por outro lado, houve depoimentos otimistas apontando que as adaptações pós-pandemia trouxeram “*um entusiasmo crescente... com cuidado de nos mantermos firmes na essência da Doutrina*” e que novos voluntários têm surgido a cada turma de cursos iniciada, indicando caminhos para reverter o desânimo.

Resumo do estado:

Em São Paulo, a visão do trabalhador espírita futuro é marcada pela **urgência de se modernizar sem perder a essência**. Predomina o anseio de usar intensamente as ferramentas virtuais (streaming de palestras, estudos online) para ampliar o acesso à Doutrina, ao mesmo tempo em que se busca manter a conexão humana nos atendimentos espirituais e passes. Os paulistas manifestam preocupação com a **falta de renovação** – muitas casas enfrentam o envelhecimento de seus quadros – e sugerem que a saída está em **atrair e capacitar jovens**, tornar as atividades mais atraentes (até com uso de artes e novas linguagens) e **quebrar estruturas engessadas** de liderança. Notou-se também um chamado à **prática efetiva** do Espiritismo: estudar mais, sim, mas principalmente vivenciar os ensinamentos no dia a dia com fraternidade e serviço. Em suma, São Paulo destaca a necessidade de evolução do trabalhador espírita em duas frentes – tecnológica e moral –, para que ele seja relevante e atuante no mundo atual.

Possíveis projetos/ações:

Diante dessas tendências, São Paulo poderia investir na **formação de lideranças jovens** e inovadoras – por exemplo, criando incubadoras de projetos espíritas liderados pela juventude (eventos, grupos de estudo digitais,

ações sociais) sob mentoria de trabalhadores experientes. Paralelamente, a federativa estadual e as casas maiores podem oferecer **capacitações em novas tecnologias** (como uso de plataformas de reunião online, mídias sociais, inteligência artificial aplicada a estudos) a fim de integrar os trabalhadores mais idosos às ferramentas virtuais. Outra ação prática seria implementar **programas de acolhimento e engajamento**: treinamento de equipes em atendimento fraternal para lidar com os desafios atuais (depressão, suicídio, violência urbana), além de campanhas de voluntariado que enfatizem a importância de cada tarefa – do passeio ao atendimento online – para manter vivo o ideal espírita nas comunidades.

Rio de Janeiro (RJ)

Sentimento predominante: Preocupação com os desafios de adaptação e engajamento, mesclada a um certo otimismo de que o movimento será capaz de se atualizar.

Ideias recorrentes:

- **Virtualização das atividades espíritas:** muitos respondentes acreditam que boa parte do trabalho passará para o formato **online**. Expressões como “*tudo será virtual*” aparecem com frequência, indicando a percepção de que as reuniões, palestras e estudos tenderão ao meio digital. Reconhece-se, portanto, a necessidade de as casas espíritas se **atualizarem tecnologicamente** (uso de plataformas virtuais, redes sociais, recursos de vídeo etc.).
- **Envolvimento da juventude e renovação do movimento:** destacou-se a preocupação em **atrair e integrar os jovens** nas atividades e decisões. Várias respostas alertam que, se persistir a resistência em dar voz e espaço à juventude, o movimento “tende a um envelhecimento maior e a diminuição na quantidade de trabalhadores”. A renovação geracional é vista como crucial para garantir a continuidade dos trabalhos – sem isso, o quadro atual de voluntários pode se reduzir cada vez mais.
- **Postura mais acolhedora e inclusiva:** espera-se que o trabalhador espírita do futuro seja **aberto e empático**, livre de pré-julgamentos. Houve menções explícitas à necessidade de acolher a todos sem distinção de religião, orientação sexual, vestimenta ou convicções pessoais – “*um trabalhador... livre de julgamentos, com acolhimento para todos os aspectos que permeiam o sujeito*”. Além disso, identificou-se que as casas espíritas não estão totalmente preparadas para lidar com certas dores modernas (depressão, suicídio) e que é preciso melhorar esse acolhimento humanitário, inclusive com **acessibilidade** para pessoas com deficiência.
- **Valorização do estudo e fidelidade doutrinária:** muitos apontaram que o espírita precisa **estudar mais** e buscar conhecer profundamente a Doutrina – “*somente o conhecimento liberta*”. Há um clamor por **reciclagem** dos trabalhadores, trazendo novas linguagens e perspectivas (por exemplo, aproximação entre Ciência e Espiritualidade, uso de inteligência artificial nos estudos) sem perder a essência kardecista. Várias respostas ressaltam seguir os princípios originais: “*não precisamos inventar muito, só sermos fiéis e termos Jesus como modelo*”.
- **Queda de engajamento e compromisso:** um sentimento latente é a preocupação com a **falta de comprometimento** de muitos membros. Observou-se que boa parte das pessoas “não quer se engajar nem abdicar de um tempo semanal para cuidar da vida espiritual”, o que dificulta a manutenção das tarefas nas casas. Também se mencionou que a violência e a insegurança pública afastam frequentadores das atividades noturnas presenciais, levando-os ao online por segurança. Esse quadro desafiador demanda estratégias para mobilizar novos voluntários e motivar os atuais a manter regularidade nas tarefas.

Resumo do estado:

No Rio de Janeiro, as respostas traçam um panorama de **mudanças tecnológicas intensas**, mas também de **desafios sociais** a enfrentar. De um lado, há grande expectativa de que o futuro próximo traga **transformação digital** ao movimento espírita fluminense – desde reuniões e estudos majoritariamente virtuais até amplo uso de redes sociais para divulgação. Isso é visto positivamente em termos de alcance, embora alguns alertem para o risco de perda da convivência física e do comprometimento regular dos trabalhadores. De outro lado, destaca-

se a necessidade de **rejuvenescimento**: os participantes demonstram preocupação com o envelhecimento dos colaboradores e veem na inclusão dos jovens a chave para a vitalidade do movimento. A figura ideal do trabalhador espírita carioca que emerge é a de alguém **tecnologicamente integrado, mas humanizado** – capaz de acolher a diversidade sem preconceitos, atento às dores da sociedade (como a saúde mental) e firme nos valores cristãos e no estudo da Doutrina. Apesar do tom de alerta em muitos depoimentos, percebe-se uma fé de que, com **esforço, estudo e abertura**, o movimento se ajustará aos novos tempos sem perder sua essência.

Possíveis projetos/ações:

Para responder a essas inquietações, o movimento espírita do RJ pode implementar **programas de incentivo ao voluntariado jovem**, criando, por exemplo, comissões juvenis dentro das casas e nas uniões distritais que permitam aos jovens planejar eventos, estudos interativos e ações sociais (canalizando seu entusiasmo digital em prol da Doutrina). Também seriam valiosas iniciativas de **capacitação** dos trabalhadores nas frentes destacadas: cursos de **alfabetização digital** para voluntários mais idosos (ensinando-os a operar plataformas online e mídias sociais, reduzindo a resistência ao uso de tecnologia) e treinamentos em **acolhimento fraterno especializado**, preparando equipes para lidar com questões como depressão, risco de suicídio e outras demandas emocionais contemporâneas. Adicionalmente, diante do contexto de violência urbana mencionado, poderiam ser organizados **polos regionais diurnos** (ou em fins de semana) de atividades espíritas, descentralizando o atendimento à noite e garantindo segurança, sem deixar de oferecer o convívio presencial tão necessário.

Minas Gerais (MG)

Sentimento predominante: Otimismo moderado, focado na esperança de progresso espiritual e confiança de que as mudanças serão positivas, embora reconhecendo alguns desafios atuais.

Ideias recorrentes:

- **Inovação tecnológica e uso da inteligência artificial:** os mineiros demonstram entusiasmo com as possibilidades tecnológicas para a divulgação do Espiritismo. Fala-se que a **tecnologia e a IA** ajudarão “demais” na propagação da doutrina, até vencendo barreiras de idioma e facilitando o acesso e compreensão das obras espíritas. Há a visão de que recursos como audiolivros, computadores quânticos e conteúdos digitais tornarão o estudo mais amplo e acessível, contribuindo para atrair mais interessados.
- **Vivência do Evangelho na prática:** várias respostas enfatizam que a principal transformação deve ser na forma **como se vive os ensinamentos cristãos**. Existe certa autocrítica de que nos preocupamos muito em estudar teoria (“*Livro dos Espíritos*”) e podemos estar esquecendo de **praticar o Evangelho de Jesus** em ações concretas. Portanto, o trabalhador futuro precisa ser menos dogmático e mais voltado à **caridade ativa**, seguindo o exemplo moral do Cristo no dia a dia.
- **Acolhimento amoroso e fraterno:** o perfil desejado inclui um trabalhador **acolhedor e amoroso**, “nos moldes de Jesus” – ou seja, capaz de receber a todos com indulgência e empatia. Valoriza-se que trate **todos de forma igual**, sem distinção por classe social ou condição financeira, exercendo a fraternidade autêntica. Esse destaque indica preocupação em eliminar preconceitos e em humanizar cada vez mais o atendimento espiritual.
- **Capacitação doutrinária contínua:** em consonância com o sentimento de vivência evangélica, também se espera um **trabalhador intelectual e espiritualmente preparado**. Prevê-se que no futuro ele seja “mais disciplinado e aplicado à tarefa”, com **entendimento maior** graças aos novos meios de estudo (áudio-books, cursos online) que complementam os livros impressos. Em MG se realça a busca por **conciliar fé e razão**, havendo menção de que a ciência provará certos postulados (espírito, reencarnação) e isso ampliará a aceitação da Doutrina.
- **Renovação gradual e novas gerações:** quanto à presença juvenil, há opiniões divergentes. Alguns temem que a maioria dos trabalhadores continuará de faixa etária elevada, pois “a juventude está cada vez mais vazia” e pouco se faz para atraí-la. Por outro lado, há quem acredite no surgimento de “uma

“nova turma” de trabalhadores mais jovens que, com hábitos diferentes, trarão inovação tecnológica e precisam apenas de orientação dentro dos princípios doutrinários. Em geral, MG indica confiança de que, mesmo lentamente, ocorrerá uma renovação – inclusive destacando o protagonismo crescente das **mulheres na liderança dos centros**.

Resumo do estado:

Em Minas Gerais, respira-se um ar de **esperança e fé no progresso**, ancorado nos valores cristãos. Os mineiros visualizam o trabalhador espírita do futuro como alguém simultaneamente **conectado e evangelizado** – dominando as ferramentas tecnológicas mais recentes (IA, mídias digitais) para difundir a mensagem, mas mantendo os olhos e o coração voltados ao **Evangelho de Jesus**. O tom das respostas é majoritariamente otimista: acredita-se que a humanidade está evoluindo e que o Espiritismo terá papel cada vez mais esclarecedor, alcançando mais pessoas (inclusive graças a comprovações científicas vindouras). Ao mesmo tempo, reconhece-se que há trabalho interno a fazer: melhorar o nível de **comprometimento** dos colaboradores, incentivar a **reforma íntima** e não deixar a vivência da caridade ser eclipsada pelo excesso de teorização. Problemas como a falta de jovens e a postura de alguns dirigentes resistentes a mudanças são mencionados, mas a impressão geral é de que, com **pequenos passos e perseverança**, o movimento conseguirá se renovar naturalmente. O trabalhador espírita mineiro ideal conjuga, portanto, **lucidez doutrinária, coração acolhedor e braços em serviço**, caminhando confiante rumo a “um mundo melhor, ainda que não imediatamente neste Reino” – mas certo de estar plantando as sementes para essa transformação.

Possíveis projetos/ações:

Em nível prático, Minas Gerais poderia lançar iniciativas para **integrar tecnologia e espiritualidade**. Por exemplo, a criação de um **laboratório de inovação espírita** em parceria com universidades locais, onde se desenvolvam aplicativos, traduções automatizadas de obras (aproveitando IA) e estudos científicos sobre mediunidade – colocando em prática a vocação mineira de aliar Ciência e Espiritismo. Outra frente seria um programa estadual de “**Evangelho na Ação**”, incentivando cada casa a criar pequenos grupos de voluntariado que apliquem os ensinamentos de Jesus em obras sociais (visitas a enfermos, campanhas de solidariedade), reforçando a vivência prática da caridade. Para a questão da juventude, poderia-se implementar oficinas de **formação de evangelizadores jovens e lideranças femininas**, apoando explicitamente a preparação de novos trabalhadores (mulheres e jovens) para funções administrativas e doutrinárias – respondendo à percepção de que estes públicos serão cada vez mais relevantes. Em resumo, apostar na **educação continuada** (tanto doutrinária quanto moral) e na **abertura às inovações** tende a concretizar o cenário otimista vislumbrado nas respostas mineiras.

Bahia (BA)

Sentimento predominante: Otimismo e visão transformadora, com expectativa de mudanças positivas alinhadas ao progresso tecnológico e moral, embora acompanhada de consciência crítica sobre pontos a melhorar.

Ideias recorrentes:

- **Modernização tecnológica do movimento:** as respostas baianas indicam que as casas espíritas estão em **transformação para um modelo atualizado**, refletindo a era tecnológica. Fala-se em espelhar as mudanças da época **sem perder o acolhimento e a sensibilidade humana**. Há menções específicas ao uso de plataformas online em estudos e atividades, ferramentas digitais para organizar o trabalho e ampliar a transmissão da mensagem. A **tendência online** é vista como forte, mas sempre acompanhada do alerta de não se negligenciar o calor humano e os valores espíritas durante essa adaptação.
- **Renovação geracional e integração dos jovens:** identificou-se uma “**evidente carência**” de **trabalhadores e dirigentes jovens** nas casas. A população espírita está envelhecida, e considera-se fundamental envolver mais a juventude nas tarefas. Espera-se, portanto, que no futuro próximo haja

maior presença de jovens atuantes, o que demandará das instituições espíritas um esforço consciente de abertura para novas ideias e estilos de trabalho trazidos por eles.

- **União e cooperação no movimento espírita:** um tema marcante nas respostas da Bahia foi a necessidade de **maior unicidade entre as ações espíritas**. Foi sugerido integrar melhor os centros espíritas – “trabalhar senso de comunidade” – e as próprias federativas (estadual, nacional), para que haja divulgação unificada de projetos e obras. Exemplos citados incluem a pouca divulgação de determinadas iniciativas (como caravanas espíritas ou obras literárias importantes) e a existência de entidades segmentadas (médicos espíritas, magistrados espíritas etc.) que, na visão do respondente, poderiam ser mais agregadas no movimento geral. Essa ênfase revela um anseio por **mais cooperação institucional** e menos fragmentação.
- **Inclusão e diversidade:** as respostas baianas demonstram preocupação em ampliar a consciência sobre questões de **preconceito e diversidade** dentro do meio espírita. Projeta-se que os futuros trabalhadores serão “mais conscientes, menos racistas e eurocêntricos”, entendendo que todos os espíritos têm sua trajetória evolutiva independentemente de origem (seja “um preto velho ou um médico francês”, nas palavras do respondente). Também se valoriza a ideia de **acolher a todos** que busquem ajuda, com senso comum de responsabilidade no trabalho e respeito às diferenças individuais.
- **Retorno à essência doutrinária e cristã:** há uma confiança de que o Espiritismo passará por “*uma nova fase*” na Bahia, na qual talvez deixe de ter figuras emblemáticas e médiums tão em destaque, voltando-se mais à compreensão **filosófica** da Doutrina e ao lado **cristão (ético) e menos materialista** do trabalhador. Ressalta-se a importância da reforma íntima e de não perder de vista o **exemplo de Jesus**. Em suma, imagina-se um trabalhador do futuro que seja ao mesmo tempo **inovador** (no uso de tecnologia, métodos) e **fiel aos princípios básicos**, com maior conhecimento doutrinário, compromisso no bem e humildade diante da missão.

Resumo do estado:

As respostas da Bahia pintam um futuro promissor e **dinâmico** para o trabalhador espírita, desde que algumas mudanças sejam implementadas. Os baianos mostram-se confiantes de que a Casa Espírita saberá se **atualizar tecnologicamente** – incorporando mídias digitais, formatos híbridos de estudo e atendimento – sem abrir mão do **calor humano** que caracteriza o acolhimento fraterno. Nota-se um forte desejo de **quebra de barreiras internas**: tanto no sentido de unir mais o movimento (eles questionam a falta de integração entre instituições e a segmentação em grupos isolados) quanto de eliminar preconceitos arraigados. A visão de futuro é inclusiva e igualitária, com trabalhadores **abertos à diversidade, conscientes socialmente** e engajados em projetos de justiça e caridade. A Bahia reconhece que atualmente há **pontos fracos**, como a pouca interação entre espíritas (chegou-se a dizer que “a interação não existe, pelo menos aqui na Bahia” em certo nível) e a divulgação tímida de certos trabalhos; porém, isso é encarado como algo a ser corrigido. No panorama geral, o trabalhador espírita baiano do futuro próximo é visto como **tecnológico e fraterno**, capaz de atuar em **projetos sociais** pelo bem comum, disposto a estudar e se aperfeiçoar, e, acima de tudo, de **braços dados com seus pares** num movimento espírita mais unido e forte.

Possíveis projetos/ações:

Para atender às necessidades manifestadas, a Bahia poderia promover um **fórum permanente de integração espírita** no estado – reunindo periodicamente dirigentes de centros diversos para trocar experiências, unificar campanhas (por exemplo, ações de divulgação de obras como as de Joanna de Ângelis, citadas como pouco divulgadas) e planejar projetos conjuntos que beneficiem várias casas. Essa iniciativa fortaleceria o senso de comunidade e evitaria esforços isolados. Outra proposta é a criação de **oficinas de juventude e diversidade** no âmbito federativo baiano: espaços de treinamento onde jovens trabalhadores possam desenvolver liderança, aprender a conduzir estudos de maneira atraente e absorver valores de inclusão (como práticas antirracistas e respeito às diferenças culturais e de gênero). Além disso, a Bahia, que já tem tradição em eventos como a Caravana da Fraternidade, pode inovar organizando **Caravanas Tecnológicas** – equipes que ajudem centros do interior a implementarem recursos virtuais (transmissão de palestras, bibliotecas digitais) – garantindo que

mesmo as casas menores do estado acompanhem as mudanças da era digital. Tais projetos práticos iriam ao encontro das tendências otimistas locais: **unificar esforços, renovar quadros e modernizar a forma de trabalhar**, sem jamais perder de vista o espírito de serviço e a essência acolhedora do Espiritismo.

Paraíba (PB)

Sentimento predominante: Otimismo ativo, com tom de incentivo à mudança – os paraibanos demonstram confiança no futuro, desde que se tomem as medidas para renovar e evoluir o perfil do trabalhador espírita.

Ideias recorrentes:

- **Consolidação do meio virtual:** as respostas indicam que a **participação online** já vem crescendo muito e “vai crescer mais ainda”. A virtualidade “veio para ficar”, ou seja, atividades como palestras e aulas virtuais tendem a se tornar parte permanente do movimento. Essa ênfase mostra entusiasmo com as oportunidades digitais de divulgação e alcance, embora também imponha o desafio de manter os participantes engajados à distância.
- **Envelhecimento do movimento x formação de novos trabalhadores:** apontou-se que muitos trabalhadores espíritas **não dispõem de tempo** para atividades presenciais e que o movimento “está envelhecido”. Daí a **urgência em investir na Evangelização infantojuvenil**: desenvolver convicções espíritas nas crianças para que, ao chegarem à vida adulta, permaneçam na Doutrina. Várias respostas sugerem formar **jovens voluntários** desde cedo. Também se clama por maior **participação ativa dos jovens** atualmente – tanto no uso amplo das vias digitais quanto na vida do centro – a fim de reverter o quadro de poucos trabalhadores novos.
- **Engajamento e proatividade do trabalhador:** reforçou-se a ideia de que o espírita do futuro precisa ser **mais atuante e participativo** em sua casa. É preciso “sair da ociosidade” e entender que mesmo tarefas simples (como cuidar da água fluidificada ou recepcionar pessoas) são essenciais. Ou seja, cada um deve ter iniciativa de contribuir onde for possível, ao invés de frequentar passivamente. Essa mentalidade proativa já é vista como necessária “*desde sempre, não só [para] os do futuro*”.
- **Qualificação doutrinária aliada à consciência social:** espera-se um trabalhador **bem-preparado, dedicado e estudioso da Doutrina**, mas que ao mesmo tempo esteja **atento aos movimentos sociais** e às mudanças do mundo em regeneração. Isso inclui dar responsabilidade às pessoas (fomentar os talentos de cada um), conscientizar-se de problemas sociais e enxergar a necessidade de acolher demandas contemporâneas. Um respondente explicitou que os trabalhadores devem entender que “*mediunidade faz parte da Doutrina*” e não abandonar práticas espíritas tradicionais em prol apenas de estudo teórico – aqui se percebe a defesa de um equilíbrio entre estudo, prática mediúnica e engajamento no contexto social.
- **Acolhimento e transformação pela caridade:** igualmente recorrente é a imagem de um trabalhador **empático e solidário**. Ele deve **aplicar a Lei do Amor através do acolhimento**, promover esclarecimentos aos sofredores, e ver a caridade não mais como algo extraordinário, mas como parte do cotidiano (projeção de que “a caridade que conhecemos hoje será algo do cotidiano” na era de regeneração). Também se falou do trabalhador como “*agente de transformação social*”, ou seja, alguém capaz de impactar positivamente a comunidade em que vive, alinhando a vivência espírita com melhorias concretas na sociedade.

Resumo do estado:

A Paraíba oferece um panorama de **motivação e ação**. As respostas abertas refletem um desejo de sacudir a poeira e impulsionar mudanças no perfil do trabalhador espírita. O sentimento é que **há muito a ser feito agora** para garantir um futuro promissor. Os paraibanos encaram de frente o problema do **esvaziamento de trabalhadores jovens**, propondo respostas claras: investir maciçamente na **educação espírita das crianças e jovens**, atualizar a forma de ensinar (para que a juventude não se desinteresse ao ingressar na faculdade, por exemplo) e dar mais espaço aos novos voluntários. Ao mesmo tempo, há uma confiança de que a tecnologia bem aproveitada será uma aliada valiosa – ampliando o alcance do Espiritismo e conectando pessoas que antes

estavam distantes. O trabalhador ideal pintado nas falas da PB é **consciente e comprometido**: estuda e se aprimora, porém jamais de forma alheia ao mundo; ao contrário, ele está inserido nos desafios do século XXI, disposto a **acolher todos que chegarem** a enfrentar questões sociais de frente (sem se fechar numa redoma) e a sair da inércia para servir. A visão é otimista: acredita-se que, em conjunto com a transformação moral da humanidade e os espíritos mais esclarecidos que estão reencarnando, o movimento espírita encontrará trabalhadores **cada vez mais capacitados tecnologicamente, conscientes dos deveres sociais e empenhados no crescimento espiritual próprio e do próximo**.

Possíveis projetos/ações:

Como ações práticas, a Paraíba poderia, por exemplo, **renovar o método de Evangelização Infantil e Juvenil** em todas as casas – incorporando ferramentas lúdicas e digitais (apps, jogos educativos espíritas, contação de histórias interativa) para tornar o aprendizado atraente e fixar os jovens no caminho espírita. Também caberia implementar um **programa de micro tarefas voluntárias**, incentivando que mesmo quem tenha pouco tempo possa contribuir em algo (um sistema de rodízio para pequenas responsabilidades semanais, por exemplo), aumentando o engajamento geral e diminuindo a sobrecarga sobre os poucos trabalhadores assíduos. Além disso, alinhado ao perfil desejado, um **ciclo de oficinas de capacitação** poderia ser oferecido regionalmente, abordando desde estudo das obras básicas e desenvolvimento mediúnico natural até questões contemporâneas (como entender os “diferentes movimentos sociais” mencionados) – preparando os trabalhadores para atuarem com competência doutrinária e relevância social. Por fim, a Paraíba poderia liderar uma **campanha estadual de incentivo à caridade diária**, envolvendo todas as casas em ações simultâneas (doações, visitas fraternas, projetos ambientais), reforçando nos trabalhadores e frequentadores a ideia de que “*a caridade do futuro será cotidiana*” e deve começar já agora.

Pernambuco (PE)

Sentimento predominante: Otimismo confiante, marcado por uma visão fraterna do futuro – acredita-se num trabalhador mais acolhedor, moralizado e adaptado aos novos tempos, embora ciente de que não se deve perder o contato humano.

Ideias recorrentes:

- **Aprimoramento do acolhimento e da empatia:** as respostas pernambucanas pintam o futuro trabalhador como alguém **extremamente acolhedor**. Palavras como “amoroso, indulgente, caridoso, participativo, comprometido” são usadas para defini-lo. Espera-se que ele saiba “*acolher sem julgar*” e esteja sempre disposto a melhorar suas relações interpessoais com paciência e empatia. Em suma, a **postura amorosa e fraterna** é vista como fundamental.
- **Expansão das atividades online e modernização:** reconhece-se que a **virtualização** continuará crescendo – “*haverá mais encontros online*”, “*mais interação pela Internet*”. A nova geração de trabalhadores tende a ser **mais jovem e com mais conhecimento em tecnologia**, possivelmente “moralmente mais avançada” também. Foi dito que conforme os jovens assumam, o centro ficará “*mais tecnológico, com menos processos manuais, mais interações, mais dinâmico, [e] dogmas deixarão de existir*”. Ou seja, espera-se uma **dinamização das atividades** e atualização de métodos, abandonando formalismos excessivos.
- **Importância do equilíbrio presencial-virtual:** embora a tecnologia seja celebrada, há a ressalva de que o **contato presencial continua necessário e insubstituível** em vários aspectos. “*Apesar da mudança cultural e tecnológica, há necessidade nos atendimentos presenciais. São mais acolhedores e precisamos de interação real*”, afirmou-se. Assim, o futuro provavelmente verá um **formato híbrido** – trabalhadores priorizando o acolhimento e a interação **tanto presencial quanto virtual**, para colher o melhor dos dois mundos.
- **Avanço moral e compromisso cristão:** os pernambucanos sugerem que o trabalhador de amanhã será alguém de **maior envergadura moral** e mais consciente do seu dever. Imagina-se que ele será “*moralmente mais avançado*”, realmente empenhado no bem e na caridade. Haverá “mudanças

consoladoras” com a reforma íntima acontecendo e os ensinamentos do Cristo sendo colocados em prática – “*a lei de amor, justiça e caridade acontecendo*”. Qualidades como **dedicação, disciplina, tolerância e perseverança** foram listadas como essenciais ao trabalhador adequado ao futuro.

- **Abertura mental e diálogo com a nova geração:** confia-se que, apoiado na juventude, o movimento se tornará **mais aberto ao diálogo e às diferenças**. Os trabalhadores futuros devem ser “*mais acolhedores às diferenças... sem medo de discutir tabus*”. Essa disposição inclui **flexibilidade doutrinária** (evitar engessamento, “eliminar o fantástico e sobrenatural” em prol da razão) e atualização constante do conhecimento em conexão com ciência e sociedade. Ou seja, o perfil ideal combina respeito ao legado kardecciano com mentalidade **moderna e inclusiva**, tornando o Espiritismo mais acessível e **globalizado em ações sociais** pelo bem de toda a humanidade.

Resumo do estado:

Em Pernambuco, as perspectivas convergem para um trabalhador espírita que une **coração e competência**. Há grande ênfase no desenvolvimento das **virtudes morais e fraternas**: imagina-se um servidor do Cristo verdadeiramente comprometido com a caridade, dotado de paciência, empatia e capacidade de acolher qualquer pessoa em sofrimento. Paralelamente, vislumbra-se um ambiente espírita bem mais **dinâmico e jovem**, com menos burocracia e formalismo (“dogmas”), muito mais inserido no mundo digital. Os pernambucanos mostram-se confiantes de que a **Doutrina atrairá cada vez mais adeptos** e será amplamente divulgada em todos os espaços sociais, pois seu poder de consolo e esclarecimento fala por si – cabendo aos trabalhadores apenas se adaptarem para transmiti-la de forma acessível. O sentimento geral é positivo: ainda que haja o reconhecimento de que o isolamento virtual pode gerar certa acomodação, acredita-se que a essência humana do Espiritismo prevalecerá. Frases como “com muita resiliência” e “com mais humanidade” foram usadas para descrever o futuro trabalhador, indicando a certeza de que, apesar da tecnologia, ele não se deixará desumanizar. Em resumo, Pernambuco espera um **equilíbrio harmonioso**: trabalhadores capacitados tecnologicamente e intelectualmente, porém humildes e calorosos; prontos a usar todas as ferramentas modernas, mas sem abrir mão do **contato pessoal, da ética do Evangelho e do respeito às diferenças**.

Possíveis projetos/ações:

Para avançar nessas direções, Pernambuco poderia instituir núcleos específicos que combinem juventude e inovação. Por exemplo, a criação de um **Grupo Jovem de Arte e Comunicação Espírita**, que produza conteúdo multimídia (música, teatro, vídeos) com temática espírita, ajudaria a “*falar a língua dos jovens*” e discutir tabus de forma atraente. Isso renovaria a imagem do Centro como um lugar mais vivo e contemporâneo. Em paralelo, a federativa pode oferecer **capacitações regionais para o acolhimento virtual** – treinando trabalhadores no uso de plataformas online para o atendimento fraternal, passe a distância e campanhas de prece em rede, garantindo que mesmo a interação digital seja feita com empatia e qualidade. Outra ação concreta seria implementar **seminários de inclusão e diversidade** no movimento espírita pernambucano, reunindo trabalhadores para aprender sobre questões como respeito à comunidade LGBTQIA+, combate ao racismo e à intolerância religiosa, de modo a reforçar o compromisso de serem “*mais acolhedores às diferenças*”. Por fim, um **programa de incentivo à prática da caridade “24/7”** (diária e integrada à rotina) poderia ser lançado, motivando cada espírita a realizar pequenos gestos de bondade no cotidiano e compartilhá-los (quem sabe via redes sociais espíritas) – normalizando a cultura de amor ao próximo que eles mesmos antecipam como realidade futura.

Espírito Santo (ES)

Sentimento predominante: Preocupação quanto ao engajamento e à necessidade de mudança de postura, porém acompanhada de determinação em se adaptar e evoluir.

Ideias recorrentes:

- **Atuação além dos muros do Centro:** os capixabas destacam que o trabalhador espírita precisará estar **presente na comunidade** e não restrito à Casa Espírita. Ele deve atuar “para além dos muros do centro, mais presente nas comunidades carentes”, levando a mensagem e a assistência espírita a quem precisa, onde quer que esteja. Esse chamado indica um forte senso de **responsabilidade social** e de expansão da prática espírita para fora do ambiente tradicional.
- **Uso intensivo de redes sociais e tecnologia:** há consenso de que a **divulgação da Doutrina** será amplificada pelos meios digitais. Uma resposta menciona a oportunidade de ser amplamente divulgada nas redes sociais, desde que se desenvolva um **trabalho conjunto com a Federação** e um planejamento estratégico para alcançar um público maior. Ou seja, espera-se um investimento coordenado em tecnologia e mídias online. A receptividade a **inovações** e “mudanças” é apontada como necessária para manter o Espiritismo relevante.
- **Diminuição de trabalhadores e envelhecimento do quadro:** muitos demonstram preocupação com o **declínio no número de voluntários** ativos. Foi observado que surgem poucos novos trabalhadores e que os atuais “vão escasseando à medida que o tempo passa”. Também se mencionou explicitamente que há **poucos trabalhadores jovens** nas casas. Esse cenário coloca em risco a continuidade das atividades, caso não se invista na formação e motivação de novos colaboradores.
- **Acolhimento irrestrito e combate ao preconceito:** os capixabas valorizam a necessidade de as casas espíritas **acolherem mais as pessoas**, sem julgamentos ou exigências prévias, tornando-as ambientes realmente terapêuticos. Uma resposta ressalta o anseio de que as casas recebam a todos de braços abertos “*independentemente [de estarem] procurando ajuda para um problema específico*”, para que as pessoas já se sintam acolhidas antes mesmo das crises. Além disso, espera-se que o trabalhador seja **progressista e sem preconceitos**, com “**cabeça mais aberta**” – capaz de respeitar as novas configurações familiares, identidades de gênero etc., recebendo todos “*de braços abertos*” e sem sectarismo.
- **Equilíbrio entre modernidade e essência doutrinária:** as respostas do ES sugerem que, embora seja preciso **estar atualizado** (trabalhadores “atuarão mais virtualmente”, “bem atualizados com as novas tecnologias”), não se deve perder de vista a essência do Espiritismo. Várias falas indicam que, apesar dos avanços tecnológicos, os trabalhadores do futuro “*buscarão o contato humano*” e valorizarão a interação presencial. Também reforçam a importância do **estudo aprofundado** e da **disciplina doutrinária**, para que a prática espírita não se desvirtue com modismos – evitando, como mencionado, “*novidades esdrúxulas e estranhas ao Espiritismo*” e mantendo a vivência consentânea com os princípios (essa última citação de GO reflete preocupação vista também em ES). Em suma, o trabalhador ideal conjuga mente aberta e **fidelidade aos princípios kardecistas**.

Resumo do estado:

No Espírito Santo, as respostas delineiam um cenário de **desafios e renovação**. Há um senso de alerta: os espíritas capixabas percebem uma **queda no comparecimento** e na disposição de trabalho voluntário, especialmente entre os mais jovens, e isso os preocupa. Porém, em vez de pessimismo, nota-se uma atitude propositiva – eles enumeram caminhos para reverter essa situação. O futuro trabalhador espírita em ES deve ser, antes de tudo, **adaptável**: apto a atuar tanto no meio digital (fazendo uso estratégico das redes sociais, aproveitando recursos tecnológicos nos estudos e palestras) quanto **no campo social**, indo onde o povo está e servindo fora do ambiente convencional do Centro. Ao mesmo tempo, ele precisa ser profundamente **humano e inclusivo**: alguém que acolhe qualquer pessoa que bata à porta (ou acesse virtualmente), livre de preconceitos e com verdadeira empatia. As vozes do ES também enfatizam a importância de **formação e responsabilidade** – o trabalhador do futuro terá de estudar mais para suprir a demanda de um público sedento de orientação, manter uma conduta ética e progressista, e talvez trabalhar *em menor número* (já que se prevê escassez de

voluntários) porém com maior preparo. Apesar do tom de preocupação, prevalece uma confiança de que, com **mente aberta e coração atento**, o movimento espírita capixaba saberá se renovar. Em resumo, o ES imagina um trabalhador **engajado e antenado**: integrado às transformações tecnológicas e sociais do país, mas sem abdicar da **proximidade fraterna** e da solidez dos fundamentos espíritas.

Possíveis projetos/ações:

Para enfrentar as questões levantadas, o Espírito Santo pode investir em ações de **extensão comunitária** e de **capacitação tecnológica**. Por exemplo, montar um projeto de “**Caravana Espírita Comunidade**”, onde equipes de várias casas do estado se unem periodicamente para levar palestras, passes, evangelização infantil e atendimento fraterno a bairros periféricos ou cidades do interior com carência espiritual. Isso colocaria em prática a diretriz de atuar além dos centros e possivelmente atrairia novos trabalhadores locais. Em paralelo, a Federação Espírita Estadual (FEEES) poderia criar um **Grupo de Mídias Sociais Espíritas**, treinando voluntários de diversas casas para profissionalizar a presença do Espiritismo capixaba online – produzindo conteúdo atrativo, respondendo dúvidas do público nas redes e transmitindo eventos de forma coordenada. Essa iniciativa responderia ao chamado por planejamento estratégico conjunto na divulgação digital. Por fim, considerando a preocupação com poucos jovens, um **programa de mentorias e formação de novos trabalhadores** seria benéfico: trabalhadores experientes adotariam “aprendizes” jovens, envolvendo-os gradualmente nas tarefas (a começar por funções de apoio até estudos mais avançados), garantindo transferência de conhecimento e **renovação do quadro**. Complementar a isso, oficinas sobre **preconceitos e diversidade** no contexto espírita ajudariam a moldar uma cultura interna mais acolhedora, como desejado – discutindo temas como respeito à população LGBTQIA+, inserção de famílias de diferentes formatos, e inclusão de pessoas com deficiência nas atividades espirituais.

Distrito Federal (DF)

Sentimento predominante: Preocupação com a diminuição do engajamento presencial e a necessidade de renovação urgente, mitigada por uma visão esperançosa de mudança e melhorias estruturais.

Ideias recorrentes:

- **Declínio da frequência física e formato híbrido:** muitos respondentes do DF notam que o interesse pelas atividades presenciais está diminuindo, enquanto as aulas e palestras virtuais crescem a cada dia. Apesar de vários serem adeptos dos canais sociais online, frisam que o trabalho presencial continua importante, principalmente no atendimento dos irmãos doentes. Ou seja, reconhece-se que o futuro tende a ser híbrido, mas há preocupação de que o afastamento físico gere acomodação e “esfriamento” dos vínculos fraternos.
- **Aproveitamento da tecnologia e inovação na divulgação:** há forte consenso de que é preciso **modernizar as abordagens** – “*investir mais em tecnologia, música, teatro para alcançar o público jovem*”. Os trabalhadores do futuro devem estar conectados às questões atuais, utilizando redes sociais, inteligência artificial e criatividade para tornar a mensagem espiritista atraente em um mundo de rápidas mudanças culturais. Esse tópico revela tanto entusiasmo pelas ferramentas modernas quanto noção de que o **Espiritismo precisa atualizar sua forma de se comunicar**.
- **Inclusão e diversidade como pauta fundamental:** diversas respostas fazem autocrítica do perfil conservador do movimento. Destaca-se que, se mantida, a postura muito tradicional **torna o Espiritismo pouco inclusivo**, o que conflita com a missão cristã de acolhimento. O trabalhador do futuro deve **diminuir seus preconceitos de classe, cor, gênero, orientação sexual etc.** e esforçar-se por “*acolher as pessoas*” sem distinção. Também se fala em respeitar o **contraditório e as experiências de vida opostas às suas** – sinal de incentivo a um diálogo aberto. A visão é de que a Casa Espírita deve preparar seus quadros para incluir a diversidade humana, ou “nos afastaremos do ideal cristão de acolhimento”.
- **Integração da juventude e novos formatos pedagógicos:** o DF evidencia um “**grande desafio**” em despertar nos jovens o interesse pela Doutrina. Aponta-se que os Centros Espíritas muitas vezes

insistem em métodos pouco atraentes (pedir que jovens fiquem 50 minutos quietos em palestras, por exemplo) e que é necessário adotar um **novo formato**, falando a língua dos jovens e *sob os ensinamentos das Obras Básicas*. Ideias incluem uso de linguagem informal, recursos audiovisuais, atividades culturais. Também se sugere maior investimento em **música, arte e animação** nas casas para envolver a mocidade. Em suma, há uma cobrança por **flexibilidade pedagógica e confiança na juventude** – inclusive um depoimento crê que, confiando nos jovens, os trabalhadores serão “mais afetuosos, abertos ao diálogo... e acolhedores às diferenças” (essa última citação de PE reforça sentimento análogo no DF).

- **Vivência integral do Espiritismo e formação do caráter:** as respostas de Brasília dedicaram atenção especial a traçar as **qualidades essenciais** do trabalhador do futuro. Em um depoimento sintético, enumerou-se que ele deverá ter: **1) espiritualidade lúcida e fé raciocinada** – testando as verdades à luz da razão; **2) acolhimento e fraternidade ativa** – saber acolher sem julgar e praticar caridade moral, emocional e material; **3) domínio ético do conhecimento e da tecnologia** – usar os recursos digitais para o bem e comunicar com responsabilidade; **4) capacidade de diálogo e respeito à diversidade** – ser inclusivo num mundo plural; **5) perseverança e disciplina no bem** – manter confiança em Deus e compromisso com a regeneração da humanidade mesmo diante de crises. Esse detalhamento reflete um ideal de trabalhador **culto, virtuoso e resiliente**, que não apenas estuda e serve, mas **vive os ensinamentos do Cristo com profundidade, discernimento e ação amorosa**. Ao mesmo tempo, reconhece-se que mesmo no futuro ele não será perfeito – enfrentará falhas e desafios evolutivos –, mas deverá combatê-los com essas virtudes.

Resumo do estado:

As contribuições do Distrito Federal apresentam um quadro franco dos problemas atuais e uma visão sofisticada do que se espera do trabalhador espírita. O **sentimento predominante é de alerta**: nota-se que as casas espíritas em Brasília têm perdido participação presencial, e isso preocupa muito devido ao risco de esfriamento comunitário. No entanto, há um lado marcante de **esperança e proatividade**: os espíritas do DF não veem esse cenário como inevitável, mas apontam caminhos claros para superar a situação. A aposta recai em **renovar métodos e mentalidades**. Por um lado, clamam por **modernização** – abraçar a tecnologia de modo estratégico, comunicar-se melhor com os jovens (inclusive recorrendo a elementos culturais populares), tornar as palestras e estudos mais dinâmicos e interativos. Por outro lado, enfatizam que nada disso valerá se não houver **mudança de postura interna**: o movimento precisa se despir de amarras excessivamente conservadoras, exercitar a inclusão (com destaque para superar preconceitos de todos os tipos) e **formar trabalhadores com sólida base moral e doutrinária**. O DF, talvez por sediar muitas instituições e pessoas influentes, traz ainda preocupações peculiares, como a questão da polarização política afastando jovens – ponto que alerta para a necessidade de o movimento focar no Reino de Deus, acima de divisões terrenas. Em suma, a síntese brasiliense do futuro trabalhador espírita é a de um **líder servidor**: alguém devidamente preparado intelectualmente e tecnologicamente para os desafios do século XXI, mas que mantém a humildade e a humanidade necessárias para guiar pelo exemplo cristão. Esse trabalhador ideal será inclusivo, versátil, estudioso e, sobretudo, **coerente** – estudando, servindo e vivendo o Espiritismo de forma integral, sem compartmentar teoria e prática.

Possíveis projetos/ações:

Em âmbito distrital, poderia se implementar o programa **“Espirito 4.0”**, reunindo jovens e experientes para repensar as atividades doutrinárias. Por exemplo, desenvolver **encontros multimídia** (com música, arte, debates curtos) voltados para a mocidade, que possam ocorrer em horários alternativos e ambientes informais, atraindo quem hoje se sente pouco motivado pelo formato tradicional – isso endereçaria o grande desafio de linguagem apontado. Além disso, a Federação Espírita do DF pode promover **ursos de formação continuada** inspirados nas qualidades elencadas: módulos sobre fé raciocinada (método científico e filosofia espírita), oficinas de comunicação não violenta e acolhimento (prática da fraternidade), ética digital (uso responsável da internet para divulgação espírita) e gestão da diversidade (como tornar o centro mais plural e acolhedor). Tais cursos preparariam os trabalhadores segundo o perfil desejado. Outra ação importante seria estabelecer um

fórum permanente de juventude espírita do DF, dando voz aos jovens na estrutura federativa e permitindo que eles proponham mudanças – isso poderia incluir a criação de uma “Incubadora de Inovações Espíritas”, onde projetos sugeridos (como apps, eventos culturais, podcasts doutrinários) recebam apoio logístico para virar realidade. Por fim, dada a menção a sustentabilidade e ecologia, o DF pode liderar a incorporação de práticas ecoespíritas: campanhas de redução de lixo nas casas, grupos de trabalhadores engajados em reflorestamento ou hortas comunitárias, mostrando que a **preocupação espiritual abrange o planeta**. Essas propostas alinhariam o movimento local com as expectativas de um futuro **inclusivo, moderno e espiritualmente comprometido** que transparecem nas respostas.

Goiás (GO)

Sentimento predominante: Preocupação acentuada com a continuidade do trabalho e a falta de renovação, embora temperada por algumas esperanças de dinamismo jovem e melhoria caso medidas sejam tomadas.

Ideias recorrentes:

- **Crescimento do formato virtual nas atividades:** espera-se que as facilidades tecnológicas continuem impactando o movimento. Prevê-se aumento de **cursos, seminários e reuniões à distância**, o que pode até atrair mais adeptos para o trabalho voluntário pela comodidade – porém, reconhece-se que isso **diminui a presença no Centro**. Os goianos encaram essa tendência de forma dual: por um lado é positivo (maior alcance), por outro lamenta-se a perda do “calor humano” que o virtual acarreta.
- **Dificuldade na sucessão e necessidade de juventude:** muitas respostas manifestam **temor quanto à reposição de trabalhadores**. Fala-se em voluntariado entrando em “crescimento vegetativo” e risco de **centros menores fecharem** por falta de pessoal. A **atração de jovens** é vista como urgente – menciona-se explicitamente que as pessoas de ~30 anos que assumiam responsabilidades envelheceram e há poucos trintões hoje nos centros. “É preciso inserir a juventude nos trabalhos” resume esse clamor. Por outro lado, há vozes otimistas apostando em jovens “*dinâmicos*” e em tornar o ambiente mais aberto à contribuição deles, confiando no potencial que têm.
- **Inovação na evangelização infantojuvenil:** como complemento ao ponto acima, os goianos sugerem fortemente que se dê **foco maior na evangelização de crianças e jovens** para garantir o futuro. Devem-se adotar **métodos mais interessantes** para esse público, já que as novas gerações têm pouco interesse pelas atividades presenciais assistenciais tradicionais. Ou seja, é preciso criatividade e renovação pedagógica para plantar a semente espírita nos corações mais novos.
- **Queda de comprometimento e disciplina:** um tom crítico aparece em algumas respostas quanto à **postura dos trabalhadores atuais/futuros**. Descreveu-se um cenário potencial de trabalhadores “acomodados e sem estudo, sem leitura das obras, sem intenção de dirigir casas... sem o gene *inovador*”. Também se teme que muitos optem por contribuir apenas esporadicamente, evitando responsabilidades contínuas (“*pouco compromisso... preferindo ações pontuais que demandem menor esforço*”). Tais depoimentos refletem insatisfação com o individualismo e a negligência que podem afetar o movimento se nada for feito – é quase um alerta contra a **apatia e o egoísmo** entre os trabalhadores.
- **Valorização do estudo sério e fidelidade doutrinária:** para combater a tendência acima, enfatiza-se em GO o retorno à **seriedade doutrinária**. Uma resposta destaca que o número de assistidos com sofrimento aumentou e, para atendê-los adequadamente, será preciso **qualificação cada vez maior dos trabalhadores e médiuns**, “**ampliando a necessidade do conhecimento e compreensão correta da Doutrina**”, excluindo práticas estranhas ao Espiritismo. Pede-se, portanto, foco no estudo do Pentateuco de Kardec (houve quem lamentasse a falta de estudo assíduo) e domínio dos princípios para divulgá-los melhor. Ao mesmo tempo, defende-se uma visão **ecumênica e ampla da espiritualidade** – “*voltado ao debate sério dos princípios..., visão de espiritualidade da vida e não de religiosidade*” – indicando que ser fiel à Doutrina não significa fechar-se ao diálogo ou cair em moralismos estreitos. Em suma, o trabalhador ideal deve ser **estudioso, responsável e de mente aberta**, capaz de focar no

essencial (justiça e caridade genuínas, como cristo exemplificou) sem se perder em dogmatismos ou indisciplinas.

Resumo do estado:

As respostas de Goiás soam como um sinal de alerta vermelho: percebem claramente uma crise no horizonte se nada for feito – voluntários rareando, juventude distante, casas possivelmente esvaziando. O sentimento predominante é de apreensão, mas não de rendição. Pelo contrário, os goianos enumeram os problemas e simultaneamente sugerem soluções. O futuro trabalhador espírita em GO precisará, segundo eles, ser mais comprometido e bem formado para compensar a provável menor quantidade. A tecnologia será sua aliada, mas não a panaceia: reconhece-se que ela traz benefícios (facilita participação de quem tem pouca disponibilidade) e malefícios (incentiva a acomodação), então o segredo estará em encontrar o equilíbrio. A **chave para o futuro** apontada enfaticamente é a **juventude** – todos concordam que sem os jovens não há continuidade. Então o teor é quase de urgência: é preciso trazer sangue novo às casas, repensar totalmente como se ensina e se comunica com os jovens, e entregar a eles responsabilidades reais para que sintam vontade de ficar. Notou-se também uma insatisfação com certos vícios atuais (falta de disciplina, vaidade de alguns fundadores de centros, segundo um relato) – isso indica que a **renovação não é só etária, mas de atitude**. O trabalhador espírita goiano do futuro idealizado seria, enfim, **inovador e responsável**: “cheio de inovações” tecnologicamente, mas também alguém que **“carregue em si o ideal de justiça e caridade, tal qual Cristo demonstrou”*. Ou seja, conjugar a **flexibilidade** para se modernizar com a **firmeza** de caráter para não se desviar da missão espiritual. Se esses pontos forem trabalhados – e há esperança de que sim, manifestada por alguns que já veem “mudanças significativas ocorrendo” –, Goiás poderá ver no futuro próximo trabalhadores “mais abertos, menos rígidos” e com uma participação rejuvenescida.

Possíveis projetos/ações:

Em resposta a esse cenário, Goiás poderia instituir um Plano de Renovação e Capacitação de Trabalhadores em âmbito estadual. Uma das frentes seria a modernização da Evangelização: reorganizar completamente as aulas para crianças e jovens, incorporando recursos multimídia, linguagem mais coloquial e projetos práticos (por exemplo, clubes de serviço jovens, oficinas de ciência e Espiritismo para adolescentes), conforme a indicação de tornar tudo mais interessante a eles. Paralelamente, seria benéfico um programa de mentoria intergeracional: trabalhadores veteranos poderiam apadrinhar jovens voluntários, dividindo com eles tarefas e ensinamentos – assim, em vez de jovens “não aparecerem quando é para colocar a mão na massa”, eles já ingressariam com acompanhamento e propósito claro. Outra ação crucial em GO seria uma campanha de conscientização sobre compromisso: a Federação Espírita de Goiás pode promover encontros e materiais didáticos enfatizando que ser trabalhador espírita envolve responsabilidade contínua com a casa e com o próximo, desmistificando a ideia de “ajudar só quando der”. Isso poderia incluir depoimentos inspiradores de colaboradores dedicados, dados sobre necessidade de voluntários etc., visando combater a cultura de negligência apontada. Por fim, para garantir a qualidade doutrinária, poderiam ser ofertados cursos avançados de estudo espírita (talvez no formato EAD para alcançar todo o estado) focados em Kardec e obras básicas, com direito a certificação; e workshops sobre “Espiritismo e Novos Paradigmas” – onde se discuta justamente até onde inovar sem trair os princípios, ensinando a diferença entre atualização saudável e “novidades estranhas” a serem evitadas. Dessa forma, Goiás se municiaria para transformar a preocupação atual em ações concretas, pavimentando o caminho para um movimento mais vibrante, jovem e ao mesmo tempo sério e diligente, conforme anseiam suas respostas.

Síntese Nacional Unificada

No panorama nacional, ao consolidar as percepções desses nove estados, evidencia-se uma visão compartilhada de que o trabalhador espírita do futuro próximo passará por significativas transformações – tanto no modo de trabalho quanto no perfil atitudinal.

De modo geral, os sentimentos expressos oscilam entre esperança e inquietude. Há um otimismo predominante de que o movimento espírita saberá se adaptar aos novos tempos: os participantes confiam em avanços positivos, como a ampliação do alcance da Doutrina via tecnologia, a chegada de novas gerações mais preparadas espiritualmente e uma convergência maior com as demandas da sociedade atual. Ao mesmo tempo, não ignoram os desafios – muitos mostraram preocupação (por vezes profunda) com questões como o enfraquecimento do trabalho presencial, a dificuldade de engajar voluntários, o envelhecimento e conservadorismo das casas espíritas e a urgência de se atualizar métodos para não perder relevância. Esse misto de sentimentos gera uma espécie de “otimismo cauteloso” no movimento: acredita-se que mudanças virão e serão benéficas, mas somente se enfrentarmos de frente certas necessidades de renovação reveladas.

Falando das tendências comuns, as respostas convergem em **cinco grandes eixos temáticos** que se repetem em praticamente todo o país:

- 1. Adoção massiva da tecnologia e modelos híbridos:** é unânime a visão de que o uso de **tecnologia digital** se intensificará no movimento espírita. Todas as regiões destacam a expansão de palestras online, estudos virtuais, grupos em redes sociais e outras ferramentas – um legado positivo do período de pandemia que veio para ficar. Termos como “tudo será virtual”, “a tendência online”, “atividades híbridas” surgiram em vários estados, mostrando que o **Espiritismo do futuro será amplamente conectado**. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação complementar em **não perder o contato presencial**: tanto pelo valor do convívio fraterno (“nada substitui a presença no Centro” disseram alguns) quanto pela eficácia de certos atendimentos espirituais que dependem do magnetismo direto. Portanto, espera-se uma **integração equilibrada** – usar ao máximo os recursos virtuais para difundir e incluir mais pessoas, mas preservar encontros presenciais essenciais e momentos de convívio que fortalecem os laços comunitários.
- 2. Envolvimento da juventude e renovação de quadros:** um ponto nevrálgico identificado nacionalmente é a **questão geracional**. Praticamente todos os estados ressaltaram ou a **falta de jovens** atuando ou a **necessidade de atraí-los e capacitá-los**. Há um reconhecimento de que, sem a renovação contínua, o movimento pode estagnar ou encolher – muitos falaram em “quadro envelhecido” e apontaram a evangelização infantojuvenil como estratégia crucial para garantir o futuro. A integração dos jovens passa por **reformular métodos de ensino e participação**: pede-se a adoção de linguagem atual, de formatos interativos (música, artes, mídia digital) e principalmente abrir espaço para os jovens na tomada de decisões e na liderança de projetos. Estados como RJ, SP, GO e DF enfatizaram que **resistir à inclusão dos jovens** é condenar o movimento a um progressivo esvaziamento. Em contrapartida, onde se confia nos jovens e lhes dá voz, já se percebe resultados positivos – como relatos de jovens que retornam ao Centro com seus filhos, ou novos voluntários se engajando após cursos de iniciação. Em síntese, o **futuro do trabalhador espírita está intimamente ligado ao futuro do jovem espírita**: engajar a mocidade não é apenas conveniente, é questão de sobrevivência do legado espírita nas próximas décadas.
- 3. Aprofundamento doutrinário e qualificação contínua:** outro consenso é de que o trabalhador do futuro precisará ser **mais preparado e estudioso**. Surgiu de norte a sul a ideia de que somente com **estudo sério** – das obras básicas de Kardec e de outras fontes seguras – e **capacitação** é que os trabalhadores poderão atender às demandas crescentes (público maior, problemas mais complexos, questionamentos científicos etc.). Muitos falaram em “constante aperfeiçoamento”, “cursos de formação”, “melhor preparo intelectualmente”. Essa valorização da formação vem acompanhada de um resgate da **essência kardeciana**: vários estados alertaram contra deturpações e “inovações místicas” desconectadas da Doutrina, clamando

por fidelidade aos princípios e por **fé raciocinada**. Em paralelo, há também quem veja a necessidade de **unir conhecimento espírita com outros saberes** (científicos, por exemplo) – o que indica um desejo de que o espírita do futuro seja **intelectualmente robusto**, capaz de dialogar com a ciência e a filosofia, usando inclusive novas ferramentas (foi citada a IA auxiliando estudos, audiolivros, tradução de obras, etc.). Portanto, espera-se que o trabalhador espírita evolua em competência: **mais conhecimento doutrinário, melhor capacitação pedagógica e maior compreensão das questões contemporâneas**. A combinação de **fé e razão**, de acordo com os participantes, será marca registrada desse novo perfil.

4. **Acolhimento, inclusão e atuação fraterna:** transversalmente às discussões tecnológicas e de conhecimento, emergiu fortemente a noção de que o trabalhador espírita do futuro deve aprimorar sua **postura moral e social** frente ao próximo. **Acolhimento** foi talvez a palavra mais repetida em todos os estados. Visualiza-se um trabalhador **acolhedor, empático, paciente, amoroso**, capaz de oferecer genuíno amparo espiritual e emocional a quem sofre. E, para isso, ele precisa ser **inclusivo e sem preconceitos**: muitas respostas mencionaram explicitamente a necessidade de eliminar barreiras de julgamento por orientação sexual, identidade de gênero, raça, classe social ou religião de origem. Esse é um ponto marcante – identifica-se que, para cumprir sua missão, o movimento espírita terá que ser **cada vez mais plural e acolhedor da diversidade humana**, sob pena de contradizer o ideal cristão. Exemplos citados vão desde acolher pessoas transgênero e LGBTQIA+ de braços abertos, até combater internamente práticas ou discursos racistas, eurocêntricos e elitistas. Além disso, a **atuação fraterna** do trabalhador precisará expandir-se: muitos falarão em levar o Espiritismo “**fora da casa**”, às comunidades, aos necessitados (p.ex., intensificar assistência social, visitas, campanhas de solidariedade). Também se mencionou a importância de estar atento às **dores modernas** – depressão, suicídio, dependências – e de a casa espírita se estruturar para acolher essas demandas de forma eficaz (com profissionais, parcerias ou capacitação adequada). Em suma, o **polo afetivo e social** do trabalhador espírita deve ser altamente desenvolvido: ele será reconhecido não apenas pelo conhecimento que tem, mas pelo **bem que faz e pela forma como faz**, traduzindo caridade e compaixão em atitudes concretas e inclusivas.
5. **Engajamento, compromisso e exemplo ativo:** por fim, um tema subjacente em muitos estados é a necessidade de **maior engajamento e compromisso** dos trabalhadores. Várias respostas lamentaram a passividade ou a falta de assiduidade de colaboradores, o que indica que o trabalhador do futuro, idealmente, precisa ser **mais dedicado e responsável** com suas tarefas. Espera-se uma postura de “**servidor perseverante**”, que leva a sério seu dever no Centro como parte essencial de sua vida (não algo esporádico). Palavras como disciplina, perseverança, seriedade e proatividade foram vinculadas ao perfil desejado. Isso também envolve o trabalhador ser um **modelo de vivência do Evangelho** – muitos enfatizaram que não basta conhecer a teoria, é preciso **praticar** os valores cristãos diariamente, servir com humildade, melhorar moralmente a si mesmo. Em âmbito nacional, portanto, delineia-se a figura de um trabalhador que “**veste a camisa**” da causa espírita: que entendeu o verdadeiro sentido da caridade e do trabalho no bem, e por isso se entrega de coração, de forma contínua e organizada. Combatê-la a tendência atual de poucos fazerem muito e muitos fazerem pouco é visto como fundamental para sustentar o movimento no futuro. Dessa forma, projeta-se um quadro ideal onde os trabalhadores sejam **mais numerosos, porém também mais comprometidos individualmente**, cada qual contribuindo com o que pode – mas todos imbuídos do espírito de serviço e reforma íntima.

Em termos de **sentimento geral**, nota-se que, apesar das preocupações sérias apontadas, predomina nas respostas uma visão **construtiva e confiante**. Os espíritas vislumbram soluções e melhorias – seja trazendo jovens, seja abraçando a tecnologia, seja aprofundando a vivência do amor – e deixam claro que **acreditam no potencial transformador** do movimento (alguns chegam a falar que “estamos no caminho certo” e que “com esforço, as transformações virão”). Não há, de modo geral, pessimismo ou resignação absoluta; ao contrário, há um forte elemento de **esperança ativa**: a noção de que “se *cada um fizer sua parte*”, o trabalhador espírita

do futuro será melhor em todos os aspectos do que o de hoje – mais consciente, mais fraterno, mais eficaz na seara do bem.

Propostas em âmbito nacional: À luz desses padrões comuns, é possível delinear algumas iniciativas estratégicas que o movimento espírita, através de suas instituições, poderia adotar para apoiar a transição desejada e suprir as necessidades apontadas em todo o país:

- **Plataforma digital unificada:** Desenvolver uma **plataforma nacional online** – sob coordenação da federativa – que funcione como um hub integrando **transmissão de palestras, estudos à distância, biblioteca virtual** e até **fóruns de interação** entre espíritas de diferentes regiões. Essa ferramenta permitiria compartilhar conteúdos de qualidade (cursos de capacitação doutrinária, por exemplo), alcançar espíritas isolados geograficamente e engajar o público jovem habituado ao meio digital. Ao centralizar esforços tecnológicos, evita-se duplicação de trabalho entre estados e garante-se que mesmo centros com menos recursos acessem a modernização. Uma plataforma assim atenderia ao chamado pela ampla divulgação nas redes e já poderia incluir **recursos de tradução (IA)** para outras línguas, ampliando o alcance mundial do Espiritismo, como vislumbrado em alguns depoimentos.
- **Conferências e redes nacionais de juventude espírita:** Instituir **encontros nacionais regulares de jovens espíritas**, nos moldes de congressos ou confabulações, para trocar experiências e fomentar um sentimento de unidade entre a mocidade do movimento. Esses eventos podem incluir painéis interativos, oficinas de arte espírita, *hackathons* de criação de conteúdos e debates francos sobre como tornar a Doutrina mais atraente aos jovens – muitos estados sugeriram justamente ouvir os jovens e “falar sua língua”. Além disso, a criação de uma **Rede Nacional de Mocidades** (via grupos de WhatsApp/Telegram, mídias sociais e encontros virtuais periódicos) sob os auspícios da área de infância e juventude da FEB uniria lideranças jovens de todos os cantos. Essa rede poderia colaborar na produção de materiais didáticos inovadores, na organização de ações coordenadas (campanhas de divulgação nas escolas, por exemplo) e principalmente servir de espaço para que os jovens tenham VOZ ativa no planejamento do futuro do movimento – concretizando a integração que todos clamam.
- **Programa nacional de capacitação em acolhimento e inclusão:** Frente à forte demanda por preparo melhor para lidar com questões humanas atuais (de saúde mental a diversidade), a federativa pode lançar um **programa de formação continuada** para trabalhadores e dirigentes de todo Brasil focado em **acolhimento fraterno, ética da alteridade e habilidades socioemocionais**. Esse programa pode oferecer cursos (presenciais regionais e EAD) com profissionais espíritas das áreas de psicologia, serviço social, educação, etc., abordando temas como prevenção ao suicídio nas casas, abordagem de dependentes químicos, como acolher pessoas LGBTQIA+ sem preconceitos, mediação de conflitos intergeracionais nos Centros, acessibilidade para PCD, entre outros. Parte do programa poderia incluir workshops práticos de **comunicação não violenta, escuta ativa e empatia** aplicadas ao atendimento espiritual. Além disso, desenvolver um **código de boas práticas inclusivas** a ser distribuído nas casas (por exemplo, orientações para evitar discursos excludentes, para tornar o ambiente receptivo a todos os públicos) ajudaria a difundir essa cultura. Assim, em poucos anos, poder-se-ia elevar consideravelmente o padrão de acolhimento em âmbito nacional, tornando realidade a visão de um movimento “sem preconceitos, verdadeiramente cristão na recepção”.
- **Campanha nacional de incentivo ao voluntariado e à vivência do Evangelho:** Dado o alerta quanto à falta de engajamento, cabe uma **grande campanha unificada** – aproveitando todos os canais (rádio, TV espírita, redes sociais) – para **motivar novos e antigos frequentadores a se tornarem trabalhadores ativos**. O tom deve ser inspirador, mostrando que o trabalho voluntário na seara espírita é caminho de crescimento pessoal e de auxílio ao próximo, e que há múltiplas formas de colaborar (presencial ou virtualmente, com tarefas pequenas ou grandes). Poderiam ser divulgados depoimentos curtos de jovens trabalhadores

satisfeitos, estatísticas animadoras (por ex: “X casas reabriram departamentos graças a novos voluntários em 2025!”) e até mesmo criar um *slogan* nacional, como “**Mãos à Obra, Espíritas!**”, enfatizando que cada um é chamado ao serviço. A campanha pode vir acompanhada de uma **plataforma de cadastro de voluntários** nacional/regional: interessados se inscrevem e são encaminhados para oportunidades de trabalho nas casas mais próximas ou em projetos online (como revisão de livros, evangelho online, etc.). Essa articulação pode reverter o quadro de passividade apontado e **oxigenar as instituições com mão de obra**. Junto a isso, promover a reflexão da frase “espírita, amai-vos e instruí-vos” no sentido de “**espírita, ama e trabalha!**” – ou seja, mostrar que estudar a Doutrina sem praticá-la é incompleto, e convidar todos os simpatizantes a experimentar a alegria de servir. Essa mobilização nacional, se bem coordenada, pode dar novo ânimo às bases e realizar o ideal de um corpo de trabalhadores mais amplo, jovem e dedicado.

- **Parcerias interdisciplinares e inserção social do Espiritismo:** Várias respostas sonham com um Espiritismo mais dialogante com a ciência, com presença maior na sociedade e até contribuindo em questões globais (houve menções a sustentabilidade, “Objetivos do Milênio”, assistência humanitária, etc.). Assim, uma proposta é o movimento espírita nacional buscar **parcerias estratégicas**: por exemplo, convênios com universidades para pesquisas em áreas de fronteira (saúde e espiritualidade, fenomenologia mediúnica), participação em conselhos inter-religiosos de promoção da paz e dos direitos humanos, engajamento em campanhas públicas (como prevenção do suicídio, combate à fome, preservação ambiental). Isso daria ao trabalhador espírita oportunidade de **atuar lado a lado com outros segmentos da sociedade**, ampliando sua visão e impactando mais vidas. A FEB poderia criar comissões para representar o Espiritismo em eventos científicos e fóruns sociais, levando nossa perspectiva (como já ocorre com associações médicas e jurídicas espíritas, por exemplo, mas de forma mais integrada). Tais iniciativas atenderiam ao anseio expresso de um trabalhador “**agente transformador da Humanidade**”, “**integrado às causas socioambientais**” e comprometido com o mundo à sua volta. Nacionalmente, isso reforçaria a imagem de um Espiritismo progressista, útil e alinhado ao bem comum – exatamente o que os espíritas vislumbram para o futuro.

A análise unificada revela que o movimento espírita brasileiro enxerga seu futuro trabalhador com **otimismo vigilante**: acreditando no **progresso espiritual e na evolução das condições de trabalho** (com tecnologia e novos talentos), mas consciente de que esse resultado depende de **ações presentes**. Os sentimentos gerais vão da **esperança confiante** – fundamentada na fé de que a espiritualidade superior assiste esse processo – até a **determinação realista** de que nós, espíritas encarnados, precisamos fazer a nossa parte nas mudanças. As propostas aqui sugeridas, alinhadas aos anseios manifestados nas respostas estaduais, oferecem caminhos práticos para que o **movimento espírita nacional se antecipe ao futuro**: capacitando seus trabalhadores, tornando-se mais inclusivo, motivando suas bases e adotando as ferramentas do mundo contemporâneo sem abdicar de sua identidade. Desse modo, o **trabalhador espírita do futuro próximo** poderá ser, de fato, o protagonista da construção de um mundo mais regenerado – um cristão dos novos tempos, **consciente, engajado e fraterno**, conduzindo pelo exemplo a grande missão de “*amai-vos e instruí-vos*” no Terceiro Milênio.

ANEXO 1

Roteiro Prático para Comunicações Mediúnicas ao Final de Palestras Públicas

Objetivo

Oferecer ao público um momento breve e seguro de manifestação mediúnica, com comentários espirituais que enriqueçam o conteúdo doutrinário da palestra, tragam consolo, reflexão ou incentivo moral, sem criar espetáculo, dependência ou misticismo.

1. Fundamentação Doutrinária

- **Base em Allan Kardec:**

- "A palavra dos Espíritos não é infalível. Deve ser ponderada, analisada, confrontada com o bom senso e com a razão." (O Livro dos Mídiuns, cap. XXVII)
- "As reuniões públicas são legítimas desde que bem conduzidas, com seriedade, objetividade e espírito de estudo."

- **Critérios fundamentais:**

- Subordinação ao conteúdo moral;
- Clareza quanto à função educativa da manifestação;
- Ausência de personalismo, previsões ou exaltações.

2. Seleção e preparação dos mísdiuns

Critérios para escolha:

- Compromisso doutrinário (estudo e conduta);
- Equilíbrio emocional;
- Discrição e humildade;
- Participação em reuniões mediúnicas regulares;
- Capacidade de síntese clara e respeitosa da mensagem recebida.

Treinamento e acompanhamento:

- Reuniões de avaliação;
- Estudos das obras da codificação;
- Orientação para mensagens curtas (máx. 5 minutos);
- Feedback fraternal e constante.

3. Definição do formato da manifestação

Ao final da palestra pública, após a prece, ou logo após a explanação doutrinária e antes da fluidoterapia, se houver.

Caso o plano espiritual não manifeste conteúdo, deve-se aceitar o silêncio com naturalidade — sem forçar a comunicação.

- Psicofonia (preferencial, por ser mais acessível ao público);
- Psicografia lida pelo dirigente ou médium após a escrita;
 - Duração máxima: 5 minutos;

Periodicidade sugerida:

- Início: quinzenal ou mensal;
- Após consolidação: semanal, se houver estabilidade emocional e organizacional;
- Pode haver dias especiais, como comemorações ou datas doutrinárias.

4. Cuidados essenciais

- Evitar anunciar previamente que haverá comunicação espiritual (evita expectativa e idolatria);
- Não identificar os espíritos comunicantes pelo nome, salvo se for um mentor conhecido da casa e apenas quando o conteúdo justificar;
- Evitar frases de impacto ou previsões;
- Afastar médiuns em situações de instabilidade emocional, mesmo que pontual;
- Desautorizar mensagens que contrariam os princípios da Codificação.

5. Orientações ao público

Esclarecer que:

- As mensagens são opiniões de Espíritos, e não verdades absolutas;
- Seu objetivo é reforçar o conteúdo moral e o clima de fraternidade;
- Não substituem o estudo nem o aconselhamento doutrinário;
- Não devem ser objeto de culto ou personalismo;
- São experiências naturais no ambiente espírita, mas devem ser conduzidas com seriedade e moderação.

Pode-se apresentar esse esclarecimento em uma vinheta no início das reuniões públicas ou em forma de cartaz discreto na sala.

6. Avaliação contínua

Reuniões mensais com a equipe mediúnica e direção da casa para:

- Avaliar o conteúdo das comunicações;
- Observar repercussões no público;
- Ajustar formato, duração ou frequência;
- Prevenir desvios emocionais ou doutrinários.

Benefícios esperados

- Reforço da presença espiritual viva e educativa nas reuniões públicas;
- Ampliação da compreensão e valorização da mediunidade correta;
- Maior vínculo entre o público e os princípios doutrinários;
- Combate à curiosidade exacerbada e à superficialidade mediúnica por meio da prática consciente e esclarecedora.

Fim

franzolim@gmail.com